

ANNO XVIII - Nº 48
Rio de Janeiro.
5 DE Janeiro de 1918

56



Revista da Semana

A. FABIAN
RIO



VERÃO

Dias claros de Sol, dias palpitantes de Vida e de Alegria! Dias que são um incitamento ao deleite da existencia e que nos fazem viver vibrante e intensamente, no quadro das maravilhas que a Estação multiplica em volta de nós! Mais perfeita de todas essas maravilhas, a Mulher, flor dilecta da Creação, sempre seductora e diversa na transfiguração constante que lhe emprestam as Modas! E mais brilhantes, entre todas as Modas, as que encerram as extasiantes collecções da

EXPOSIÇÃO DE VERÃO
DO

PARC ROYAL



Entre a vida e a morte.

Conto
de Rémy Saint-Maurice

Marie-Cinthe Lissillour descia para Ploumanac'h pelas charnecas.

O céu estava baixo, um desses céus de Trégor que, pelo equinoxio, parecem que se ficam rentes com a terra.

A paisagem entristecia-se com a própria tristeza do céu. Os rochedos de Ploumanac'h — esses megálitos com formas de animais fabulosos — pareciam adquirir, nessa atmosfera cinzenta de março, estranhas physionomias, physionomias sem olhos, cheias de vagas e sinistras ameaças.

Agachados ou erguidos na charneca, têm aspectos tão diversos e inquietadores esses blocos da Bretanha, que por isso se chama Petrea! Um semelha algum namnuth prehistorico transformado em granito e ali adormecido ha vinte mil annos; outro tem aspecto de serpente. Este parece um crocodilo, prompto para abrir as formidaveis mandibulas; aquelle ergue ao centro da paisagem uma monstruosa cabeça de bode que suggere a idéa de haver sido ali collocada como um symbolo infernal.

Marie-Cinthe tinha tambem, naquella manhã, uma physionomia estranha. Notava-se, havia já algum tempo, seu ar sombrio e taciturno. Evitava as antigas companheiras, não respondia senão com uma voz abafada e por monosyllabos ás que a interpellavam.

— Que é que tem Marie-Cinthe Lissillour? perguntavam umas ás outras as mulheres da aldeia. Doença do coração, sem duvida...

— Co'a bréca! disse um dia Valentim Henry, o antigo guarda da alfandega, não sabem que ella era noiva de Francisco Bricquir, o carpinteiro de Frégastel, e que Bricquir fala agora em casar noutro lugar? Os primeiros proclamas serão até publicados este mez. Conhece-n bem Francisco Bricquir? E' o irmão de João, que morreu no anno ultimo no submersivel *Korringan* afundado na bahia de Brest, e em memoria do qual se fizeram tão imponentes exequias entre nós!

E como Va'entim Henry, com o ser um grande falador, passava por ser o

homem melhor informado da região, ficaram todos d'ahi por diante sabendo que a pequena mysteriosa que a pequena mysteriosa tivera em Tregastel, a uma legua de Ploumanac'h, amores occultos, e que esses amores eram infelizes.

Todavia, Marie-Cinthe era bem bonita, e capaz de anrisonar o menos constante dos corações. Nenhuma touca de Trégor encerrara jamais cabelleira mais abundante e brilhante; seus reflexos harmonisavam-se maravilhosamente com um rosto de oval regular, cuja carnção, a despeito da viração marinha, conservava sua primitiva frescura. Os labios carnudos deixavam vêr dentes tão brilhantes, de um esmalte tão puro que o sábio M. Louis Marzin, um compatriota, professor honorario na universidade do Cairo, antigo alumno do collegio de Lannion, nunca deixava, quando em passeio por essas paragens, de comparal-os aos de uma pequena gazella. Da gazella tinha tambem Marie-Cinthe os olhos doces, humidos e sonhadores; mas sobre a doçura desses olhos, duas sobrancelhas muito rectas, que se franziam involuntariamente á primeira contrariedade davam de repente á physionomia virginal uma expressão de dureza singular.

E as sobrancelhas de Marie-Cinthe, nesse momento, tinham o aspecto dos mãos dias.

Uma pastorinha que apascentava algumas vacas magras, entre giestas e tojos, deu-lhe bom dia ao passar. Marie-Cinthe não ouviu o bom dia de S'ezic Quéréel. Sem duvida, tinha o pensamento bem longe, e os ouvidos, e os olhos...

Por um atalho quasi paralelo ao caminho por ella seguido, dirigia-se um rapagão desembaraçadamente para Ploumanac'h.

Chegava a né, estava claro, de Trégastel ou de Pleumeur-Bod u. Levava em bandoleira um desses pesados alforjes de couro em que o artifice dos campos armazena suas ferramentas. Bem feito, com um bello semblante de Celta, cabellos leuros que lhe escapavam em anneis do barrete e bigodes cahidos á moda dos antigos, tinha os olhos de uma melancolia indefinivel, esses grandes olhos breiões

que parecem antecipadamente resignados, e sempre, ás fatalidades que cercam os filhos da raça.

Marie-Cinthe, ao chegar ao lugar em que estaria á vista delle, deixou-se deslizar por traz de uma mouta e ali escondeu-se.

O homem continuava o caminho, com o mesmo passo ligeiro e firme. Cantolava uma velha canção popular trazida de Finisterra, no tempo em que era marujo.

Pelos bosques passeando,
Fui encontrar uma outra
Junto daquelle que adoro...

E não viu a moça encolhida por traz da mouta. Aliás, ligeiras brumas vindas do largo agarravam-se por toda parte ás campinas e mattagais. Sem demora, alcançou elle o grande estabelecimento de peixe que domina a entrada da aldeia, do lado de Clarté, na intersecção da estrada que leva a Ploumanac'h e do dique que atravessa os tanques do mar.

Apezar da bruma, o vendedor de peixe, de pé sobre o terrasso, de onde sua alta figura ossuda parecia dominar toda a paisagem, reconheceu-o a vinte passos e chamou-o á fala.

— Olá, Francisco!

— O á, senhor Mangard!

— Esperava-te. Fizeste bem em vir.

— O senhor sabe, senhor Mangard, que para prestar-lhe um serviço estou sempre preparado.

— Sobre para tomar um gole.

— Não é para recusar, senhor Mangard.

O vendedor de peixe ordenou á criada que levasse ao terrasso uma garrafa de vinho branco; elle encheu os copos, tocou com Bricquir, e depois continuou:

— Mandeichamar-te, Francisco, porque tu és o mais intelligente operario do paiz. Trata-se de um concerto na minha comporta.

E, com um gesto, na espessa bruma, designava uma das represas que alimentavam com agua do mar seus viveiros.

E como tinha orgulho de seus viveiros, Guy Mangard! Nenhum turista, em passeio por essas regiões cada vez mais visitadas da Bretanha Petrea, passava diante delles sem parar e ad-

miral os. Para esses viveiros, trabalhavam o anno inteiro sem descanso os pescadores de lagosta de Ploumanac'h e de Coz-Porz; para povoal-os, iam mergulhar em torno das Sete Ilhas ou dos Triagoz suas armadilhas, com a isca. Para elle ainda, porque fazia commercio com todas as cousas marinhas, as mulheres e as creanças, em março, arrancavam ás rochas que não ficam a descoberto senão nos grandes refluxos os pequenos olmos que veleiros, especialmente fretados de Inglaterra ou de Jersey, vinham carregar ás bateladas.

Mas era principalmente á criação das lagostas que Guy Mangard prodigava seu zelo e seu orgulho. E era por isso conhecido a grande distancia, até Morlaix, até Port-Blanc. Cartazes pintados, affixados ao longo da descida da Clarté, a cada volta da estrada, annunciavam ao viajante o commercio do vendedor de peixe: *G. Mangard. Lagostas, caranguejos e peixes. Venda e expedição.*

Os tanques rectangulares e solidamente cimentados mostravam aqui pencas de lagostas agarradas ás pedras, uma floresta de antenas douradas na agua clara; ali, batalhões de caranguejos, de que se divisavam as carapaças azues sobre o fundo de granito. Um terceiro viveiro — com fundo de areia — continha rodovallhos, linguados e arraias que o dono fazia evoluir em todos os sentidos.

Todos esses viveiros, ligados entre si por pequenas comportas, eram abastecidos juntamente de agua do mar por uma especie de tanque, vazio naquelle momento.

— E' esta peça que funciona mal, continuou Guy Mangard, com o braço estendido. Ha alguma coisa estragada na carpintaria. Algumas taboas precisam de reparo ou substituição. Conhecerás a coisa melhor do que eu, porque trabalhaste com teu antigo patrão nos diques de Perros. Esvasiei todo o tanque, para que possas trabalhar em secco. Bebamos mais um copo e segue-me. Temos hoje maré forte. Terás diante de ti o tempo necessario.

Guy Mangard, ao qual dous copos de vinho branco bastavam para tornar verboso, falara com uma voz fortemente timbrada que, no silencio dessa manhã de março, echoava no viveiro de caranguejos.

Conduziu o carpinteiro á comporta a reparar.

— A proposito, disse a meio caminho, contaram-me no domingo... Vaes casar?

— Quem disse isso, senhor Mangard?

— Valentim Henry, o antigo guarda da alfândega, o pescador de Coz-Porz... Foi o que elle tagarelou com algumas bisbilhoteiras daqui, que o repetiram.

— Talvez sim, talvez não, respondeu Francisco Bricquir num tom abafado em que parecia suffocar-se a tristeza ou a apprehensão.

— Não eras no vo, todavia, da pequena Lissillour, a filha de meu visinho? Uma bella pequena, Francisco! Co'os demonios! farieis um lindo par! Tu a lamentarás talvez. Lissillour tem muito dinheiro. Por que deixaste Marie-Cinthe?

O carpinteiro deteve-se em meio do dique. Seu rosto, masculino e tizado pe-

la viração marinha, tomara uma expressão de gravidade.

— Ouça, senhor Mangard! disse com a mesma voz que parecia temer fosse ouvido por outrem, as creaturas têm má lingua e dizem muitas cousas inventadas que verdadeiras. E' possível que eu tivesse outr'ora idéas sobre Marie-Cinthe. Mas se meu coração, desde essa epocha, virou de bordo é porque eu tive certamente conhecimento de que ella era uma moça má. Por isso, apropei para outro lugar e tenho sempre medo de encontrá-la quando venho por aqui. Eis tudo, senhor Mangard, e não me peça mais.

Deram ainda alguns passos pela calçada que ia por entre os tanques vazios e o mar, egualmente secco a essa hora de maré vasante.

No nevoeiro, cada vez mais opaco, caminhava atraz delles uma escutadora, que não viram.

— Aqui está a comporta doente, disse Guy Mangard.

Francisco Bricquir examinou tudo minuciosamente, movimentou osapparelhos, discutindo com o negociante sobre certos detalhes technicos.

— Já sei o que é, disse finalmente. O mal não é grande: em breve estará sanado. Um jogo de corredeiras a rectificar, dous torros com as taboas apodrecidas, e o senhor terá a comporta quasi inteiramente nova, senhor Mangard. Vou procurar em Ploumanac'h a madeira necessaria, e na preamar estará tudo prompto.

Francisco Bricquir era um operario consciencioso. Munuiu-se com o material necessario e começou a trabalhar.

Installara-se no corredor subterraneo que serve de conductor de aguas á comporta e fôra cavado sob o dique que, do viveiro de caranguejos, vae aos moinhos, a Galcon e á bahia de Sant'Anna, em Trégastel.

Esse corredor, com uma extensão de doze metros, tinha do lado do mar uma estreita abertura, solidamente gradeada.

As comportas são fortes almofadas de madeira movendo-se entre duas corredeiras no sentido vertical, por um jogo de machinas e cremalheiras collocado em sua parte superior externa. Serem de comunicação e de muio a duas aguas diferentes. Suspensas, permitem que uma das aguas se enche na outra. Baixadas, interceptam a passagem ás aguas que sob m. A' hora da maré vasante, Guy Mangard havia levantado a comporta para que o tanque se esvasiasse e o operario pudesse trabalhar em secco. Subindo o mar, a agua seria reconduzida pelo corredor até ao tanque que se encheria novamente, a menos que deixassem intencionalmente a almofada abaixada para que o tanque ficasse secco até uma proxima maré. Sómente o corredor adductor, nesse caso, receberia um fluxo ao qual a almofada da comporta coraria o caminho.

Francisco Bricquir abaixou a meio a comporta, cujos defeitos se achavam todos na parte inferior. Metteu mãos á obra vivamente, pregou as taboas de sustentação, aplainou, cortou. Uma grande lanterna, fornecida pelo negociante, illuminava-o. Dependurara-a na alvenaria, á altura do hombro, porque a opacidade do nevoeiro não permitteria que os melhores olhos traba-

lhassem sem luz por traz desse alçapão meio fechado.

Chegando a hora da refeição, o operario tirou do sacco um pedaço de pão, um pedaço de toucinho; bebeu, sem se sentar, alguns goles de cidra, depois o martelo ressoou novamente. Era preciso apressar-se, porque já se percebiam ao longe os primeiros bramidos do mar que subia. Avançava; antes de meia hora, estaria diante da entrada dessa garganta, obrigando o homem a fugir.

Subito, como estivesse ajoelhado a procurar no sacco, p r entre as ferramentas, uma cavilha que lhe conviesse, pareceu-lhe ouvir atraz de si um como rangido de cremalheira.

Hesitou, depois voltou-se.

— Olá! ó de cima! Quem é que fecha a comporta?

A comporta descia apressada, com um movimento regular.

— Olá! olá! Olhe que ha gente cá em baixo!

Já ella não dava mais passagem a um homem que quizesse ir de rastos, com o risco de triturar os rins.

Chamou, praguejou... Não teve resposta.

A almofada, acabando seu movimento vertical, estava usada no solo.

O ruido da cremalheira cessou...

Mais nada!

O homem, então, assim aprisionado nesse canal onde cêdo ch garia a onda que subia, teve consciencia do perigo, da morte imminente. Em que sepulchro de horror se achava preso!

Tentou destruir o que acabara de consolidar e reforçar. Cheio de raiva, atirou fóra o martelo ao cabo de dez marteladas no mas iço tabique. A comporta podia agora supportar todos os golpes. Ah! se elle tivesse uma simples machadinha! Mas em seu sacco de ferramentas não tinha senão tesouras, torqueras, limas, uma plaina e uma serra de mão que para nada serviria.

Apoiando-se com as duas mãos ás pegajosas paredes, onde as anémonas viscosas do mar esmagadas sob seus dedos lhe cuspiam o rosto jactos fedidos, dirigiu-se para a outra extremidade da cloaca. A abobada, que perto da comporta tinha a altura de um homem, ia declinando para a outra abertura.

Teve que se arrastar de joelhos no lodo putrido e viscoso em que evoluíam legiões de caranguejos, precusores do fluxo.

Com as tesouras, rompeu a rede de fios de ferro collocada para deter peixes e crustaceos, em caso de ruptura de diques. Diante de si não via senão o nevoeiro e um pouco de areia que se perdia sob esse véo, a duas braças apenas.

Tentou insinuar-se entre os rochedos, muito chegados, em que se enquadra o estreito orificio. Mas, nem em cima nem em baixo, podia a exiguidade dos intersticios permittir que passasse o corpo de um homem. Em dous lugares apenas, conseguiu saíar a cabeça toda, sem que pudesse conseguir outro tanto com os hombros.

Gritou, gritou desesperadamente. E, a duas braças, via agora sob o nevoeiro a primeira espuma da onda a subir.

Gritou ainda:

— Senhor Mangard! Senhor Mangard!

Parecia-lhe que o hostil nevoeiro lhe devolvia esses gritos inescutados. — Socorro, senhor Mangard! Socorro!

Enlouquecido, tornou atraz, através da lama já penetrada pelo fluxo. Encontrou o martelo junto da lanterna ainda accesa, e tornou a bater com todas as forças ora sobre a comporta, ora sobre a abobada.

— Senhor Mangard! Senhor Mangard!

Talvez passasse alguém pelo dique e ouvisse seus gritos de afflicção e o ruído do martelo. Mas era tão pouco frequentado o lugar, por essa epocha!

Sentiu agua pelos tornozelos e um como rugido de animaes invisiveis em torno de si.

Era agua, era a morte, que subia.

Tudo em seu cerebro era trevas, como sob essa abobada sem ouvidos e sem echo. A agua ia chegando, chegando... Dava-lhe agora acima dos joelhos. Nunca a julgara tão fria e parayzante, a agua de seu mar da Armorica!

Uma ultima vez, erguendo a lanterna, foi pôr a cabeça no orificio onde já fervia a onda. Gritou ainda:

— Senhor Mangard! Senhor Mangard!

A lanterna apagou-se. Procurou phosphoros no bolso do casaco: estavam molhados os phosphoros. O medo tornou-se terror. Convencido de que a fatalidade decidira seu fim nesse mesmo dia, procurou no fundo da alma todas as energias.

Por intervallos, com o rosto entre as mãos, chamava ainda:

— Senhor Mangard! Senhor Mangard!

Talvez o negociante de peixe, não o vindo voltar á hora da maré, desconfiasse do que se passava e acudisse.

Essa comporta, que mão distraída ou criminosa a baixara? A lembrança de Marie-Cinthe Lissillour passou-lhe pela imaginação.

E gritava agora:

— Marie-Cinthe! Marie-Cinthe! Se és tu, tem piedade!

A agua chegava-lhe á cintura. O mar escachoava. E para encher-se de coragem falava em voz alta:

— Vámos! Francisco, imagina que és ainda marinheiro, que és teu irmão João e que estás num subnarino afundado, em que a morte entra pela capota aberta. Coragem, Bricquir! Morre-se de pé.

E, como nunca estivera em falta em seu serviço na esquadra, foi de pé que esperou...

Valentim Henry, o antigo guarda da Alfandega, passava no dique, de cachimbo á bocca. Encontrou uma joven que vagava de um lado para outro. Dir-se-ia alguém que estivesse em busca.

— És tu, Marie-Cinthe? Que fazes a esta hora?

— Sim, sou eu, senhor Valentim, respondeu com uma voz cuja entonação lhe parecia tão atherada que elle encarou a moça.

Ella accrescentou quasi aggressiva:

— E' ao senhor, Valentim, que é preciso perguntar o que faz tão cedo no dique de Ploumanac'h. Não é lugar onde possa lançar as rêdes...

Valentim Henry era um rapagão que não desgostava de dar a lingua.

— Sim, disse elle, mandei meus

dous marinheiros e o grumete ao largo, porque tenho um negocio a tratar com Mangard. E, depois, está em casa delie teu antigo amigo, Francisco, que vi partir de Tregastel esta manha, com o sacco ao lado. Marcámos um encontro junto ao viveiro dos caranguejos, para bebermos um gole antes da volta. Vem commigo, Marie-Cinthe; conheço um pouco os arrufos de ambos. Farei com que cheguem a um accordo.

As sobranceiras de Marie-Cinthe, que estavam contrahidas desde a manha, mais franzidas ficaram. E ella teve um accesso de riso perverso.

— Ha! ha! tornar a vê-lo? Nunca, Valentim, nunca! E' mais facil ir procurar mortos no fundo do mar. Ha! ha! tornar a vê-lo? Nunca!

E, rodando nos calcanhares, partiu.

— Parece douda, hoje, a Marie-Cinthe, pensou Valentim Henry.

Os barcos entravam no ancoradouro. Do porto, caravanas de pescadores, dirigiam-se para o viveiro.

O véo de nevoeiro dilacerara-se em um ponto sómente, sobre a aldeia de Ploumanac'h, que sorria ao sol com seus telhados vermelhos.

— Bôa pesa? perguntou Valentim.

— Alguns dourados, arraias, congros, respondeu João Luiz.

Valentim applicou o ouvido.

— Estás escutando, João Luiz? Dir-se-ia que alguém chama... Será de algum barco que esteja perdido?

— Todos nossos barcos voltaram.

— No entanto, estão a gritar...

— E' verdade, disse Ploumanachin. Mas como se ha de saber, no nevoeiro, se é do largo ou da terra?

Vinham, com effeito, de um ponto que o ouvido não podia reconhecer, chamados surdos, desesperados, semelhantes aos do naufrago que se sente perdido. Cessaram os gritos um instante, e os homens, arrastando pesadamente os sócos, penetraram no estabelecimento do vendedor de peixe. Guy Mangard commandava um batalhão de empregados; comprava olmos, peixes, caranguejos. Andava, atarefado, de um canto a outro, metendo a mão na bolsa, escrevendo algarismos, enchendo copos e tigelas.

— Ouve! repetia Valentim ao seu primeiro interlocutor. Estão a gritar.

Mangard, surprehendendo a conversa, fez que todos se calassem e, por sua vez, escudou. Perceberam-se ainda mais dous ou tres chamados, mas

Os chamados cessaram outra vez.

Subito, o negociante bateu na testa:

— Bricquir? Onde está Bricquir?

Correu ao terraço. O véo de neblina acabava de desfazer-se. Elle viu ao fim do dique a comporta baixada.

— Maldição da sorte! bradou. Buliram na comporta!

E sahiu esbatorido.

— Se Bricquir ficou lá em baixo, deve estar atogado, o desgraçado, a estas horas, porque o mar encheu completamente todo o canal.

Com a mão nervosa deu movimento á cremalheira que erguia a comporta. A agua precipitou-se, fervendo. Carregava uma fórma humana que a violencia levou logo, em cambalhotas successivas, á extremidade do tanque. Precipitaram-se todos e recolheram o corpo de Bricquir, que mal reconheciam sob a camada de lodo de que se achava revesado.

Afogado? Vivo? Quem o poderia dizer?

Valentim Henry procedeu vivamente ás tracções rhythmicas da lingua, enquanto um outro dava movimento ás articulações dos braços. Uma espessa escuma chegou aos labios do carpinteiro.

— Salvo! exclamou Valentim Henry.

Meia hora depois, estava o naufrago de pé e, apoiando-se ao hombro de seus salvadores, chegava ao estabelecimento.

Mangard, ainda cheio de emoção, repetia:

— Com os seiscentos! Eu julguei, Francisco, que morrerias!

— Eu tambem; mas é forçoso acreditar que não era chegado o dia escripto.

— Que se passou? Dize depressa...

— A almofada desceu sósinha, não sei como... Talvez a pressão do ar.

E quando o ajudavam, tremendo de febre e de frio, a subir a escada, elle murmurou muito baixo ao ouvido do negociante:

— Bem eu lhe disse que ella era muito ruim.

— Quem?

— Sua comporta, co'os diabos! senhor Mangard... não é Marie Cinthe... sua comporta.

Porque elle acabava de perceber, junto de um pasto verdejante, Marie-Cinthe Lissillour que, com os olhos disfarçadamente voltados para os viveiros, fazia uma meia de tricot em companhia da pastorinha Scéizic.

(Do francez,

de RÉMY SAINT-MAURICE)

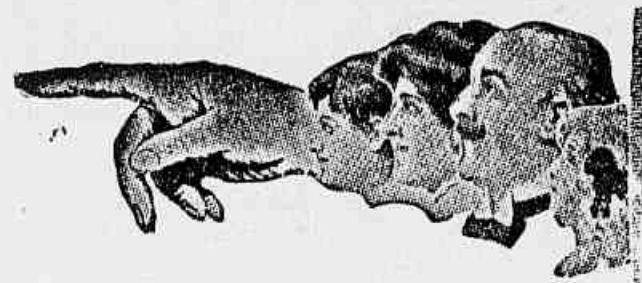


tão abafados que Valentim opinou:

— Melhor que de um afogado, é quasi a voz de um enterrado que despertasse no caixão.



Oh! que chic! ULTIMA NOVIDADE n'A BOTA FLUMINENSE



Elegantes e superiores sapatos de pellica preta envernizada ou kangurú amarello, feittio igual ao modelo acima de ns. 32 a 40, artigo fino para Senhoras — 18\$ e 20\$.

14\$000 e 15\$000 o mesmo feittio salto baixo em pellica preta envernizada ou camurça branca de ns. 27 a 33, para Mocinhas

PELO CORREIO MAIS 1\$500 POR PAR

RUA MARECHAL FLORIANO N. 109

AOS NOIVOS

Os proprietarios da CAMISARIA FRANCEZA, Avenida Rio Branco n. 133, tem a honra de os convidar a visitarem o seu antigo e acreditado estabelecimento, afim de examinarem o seu vasto e variadissimo sortimento de roupas brancas para HOMENS e SENHORAS, assim como o STOCK "sui generis" em rouparia lisa e bordada para CAMA e MEZA.

Podemos affirmar sem receio de contestação que a Camisaria Franceza está habilitada a fornecer todo o necessario para os mais finos enxovaes de casamento, quer quanto á qualidade, quer quanto á confecção e bom gosto dos seus artigos.

Apezar de todas as difficuldades provenientes da situação mundial, a Camisaria Franceza tem continuado a receber todos os artigos do seu negocio, como provam exuberantemente as suas grandes exposições, desfrutando desta fórmula das reaes vantagens que lhe advêm da sua casa de compras em PARIS, rue des Petits Hotels n. 25, que lhe faculta a constante reforma do seu sortimento e continua remessa das ultimas novidades do seu negocio, pois que para esse fim dispõe de pessoal habilitado, sob a direcção do seu chefe, o Sr. Emile Dutrain, residente em Paris.

CASA RIST

EXCLUSIVAMENTE DE PRODUCTOS
NACIONAES

VINHOS GENUINAMENTE RIOGRANDENSES

Conservas, Queijos, Presuntos, Salames, etc.

Rua 7 de Setembro n. 77 — Telephone 455 C.

PHOTOGRAVURA

Executam-se CLICHÉS de qualquer especie com
a maxima perfeição assim como gravuras em
côres pelos mais modernos processos

FABIAN & C.

Rua do Rosario, 152 - 2.º

TELEPHONE Norte 2319 — Caixa 1671

SABÃO ARISTOLINO

Para o banho e toucador

(SABÃO LIQUIDO)

Aristolino

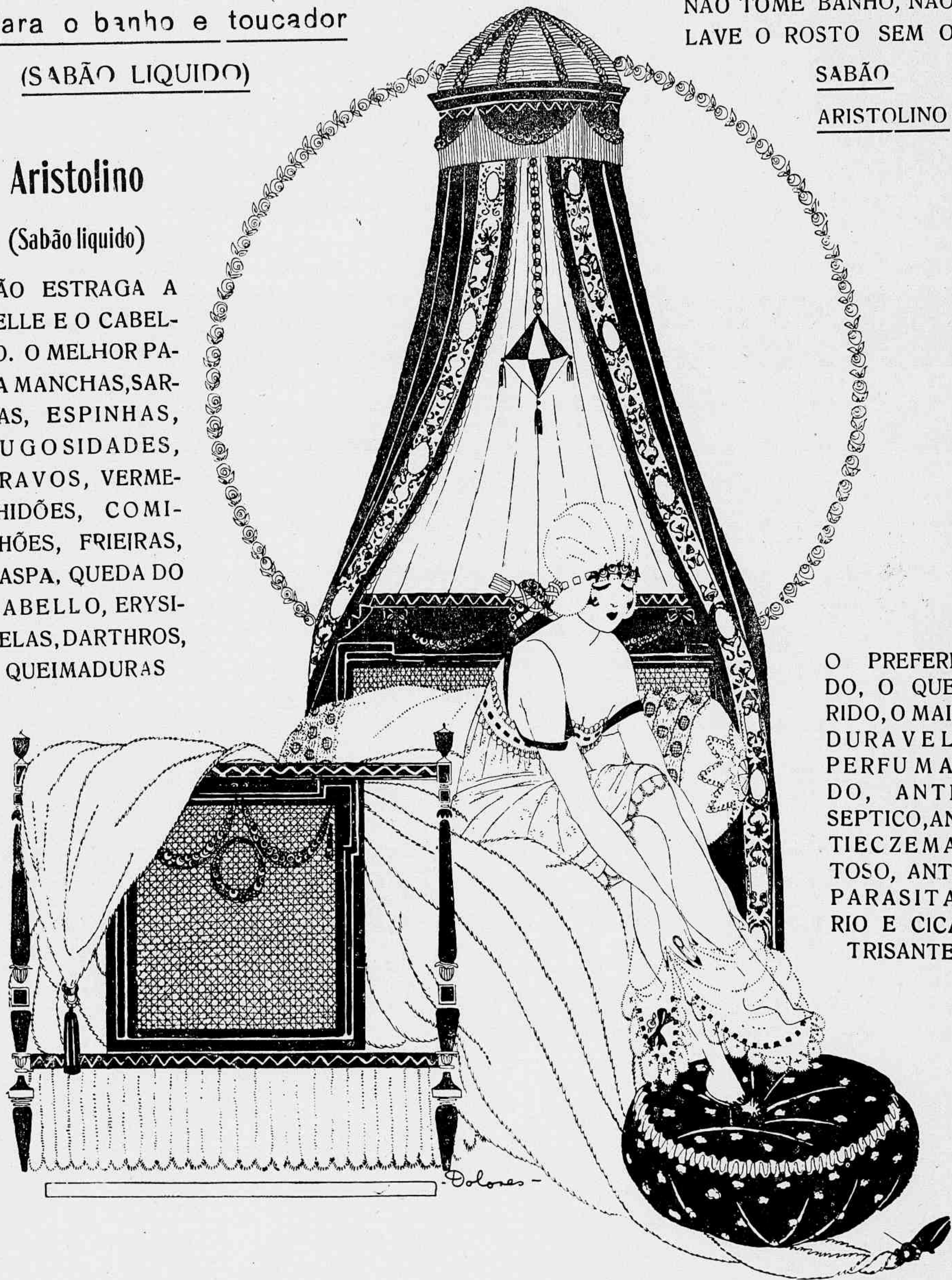
(Sabão liquido)

NÃO ESTRAGA A
PELLE E O CABEL-
LO. O MELHOR PA-
RA MANCHAS, SAR-
DAS, ESPINHAS,
RUGOSIDADES,
CRAVOS, VERME-
LHIDÕES, COMI-
CHÕES, FRIEIRAS,
CASPA, QUEDA DO
CABELLO, ERYSI-
PELAS, DARTHROS,
QUEIMADURAS

NÃO TOME BANHO, NÃO
LAVE O ROSTO SEM O

SABÃO

ARISTOLINO



O PREFERI-
DO, O QUE-
RIDO, O MAIS
DURAVEL,
PERFUMA-
DO, ANTI-
SEPTICO, AN-
TIECZEMA-
TOSO, ANTI-
PARASITA-
RIO E CICA-
TRISANTE

SABÃO ARISTOLINO

A' venda em qualquer parte



A boa fama nasce das boas obras !

Assim acontece com a JUVENTUDE ALEXANDRE;
o mais afamado tonico para curar a caspa e a queda
dos cabellos, dando-lhes vigor e beleza.

Juventude Alexandre

E' a eterna mocidade dos cabellos

PREÇO 3\$000

TOMEM NOTA:

A especialidade da casa **A. Doret** é o culto da beleza feminina

CHIGNON LE RÊVE

Penteado para soirée, theatro, Noivas. Lavagem de cabeça,
ondulação. Aplicação de Henné.

Postiço de Arte. Manucure, soins de beauté.

AVENIDA RIO BRANCO 157



Les produits de Beauté A. DORET font adorer
celles qui les adoptent.

Essayez pour votre visage :

Creme auto massage des Déesses.....	5\$000
Jouvence Fluide des Déesses.....	5\$000
Lait au suc de Rose des Déesses.....	5\$000
Poudre Mon premier Bal A. Doret.....	3\$000 5\$000

Pour avoir de belles mains et de beaux ongles :

Unguéales A. DORET contre les petites peaux.....	3\$000
Onglophile A. DORET pour blanchir les ongles....	5\$000
Poliongles A. DORET pour donner du brillant aux ongles	5\$000

Pour que vos cheveux soient soyeux :

Lotion des Déesses, A. DORET.....	5\$000
Brillantine, souple onde A. DORET.....	4\$000

Todos os nossos productos vendem-se no Rio de Janeiro: Casas Bazin,
Raunier, Colombo. — Em Pelotas, Casa Geraldo Petrussi. —
Em Porto Alegre, A Miscellanea. — Em Santos, José Ribeiro dos Santos.

Creações de Rostand!

ROUSKAYA: Agua de toi- lete Bouquet, preço . .	12\$000
ROUSKAIA: Loção, preço	6\$000
CELINA: Loção, preço . .	6\$000
PARAQUINOL: Loção to- nica perfumosa para ca- bello, preço	6\$000

Nas perfumarias da elite: BASIN, CIRIO,
VIEIRA, RAUNIER, HORTENCE, GAR-
RAFA GRANDE etc., etc.

Pedidos — Telephone C. - 1970



GOBELINOS

ULTIMA NOVIDADE EM LEQUES
DE PAPEL

MEIAS, LUVAS E BOLSAS

LUVARIA GOMES

38, Travessa de S. Francisco, 38

TELEPH. 2459, CENTRAL

VESTIDOS

VESTIDOS de Crepe da China

VESTIDOS de Foulard

VESTIDOS de Palha de Seda

VESTIDOS de Linho

VESTIDOS de Voile

Vestidos Modernos na

CASA COLOMBO

Atelier de costuras e Chapéus

PREÇOS OS MENORES

CASA LORD

Calçados de todos os fabricantes

IRMÃOS CORREIA

ULTIMA MODA

Em qualquer côr a 28\$000

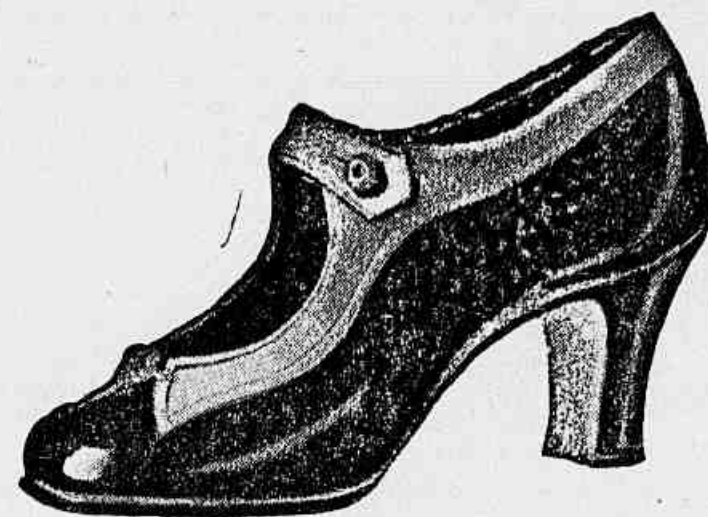
Pelo correio mais 2\$000

30, RUA DA CARIOCA N. 30

RIO DE JANEIRO



Telephone Central 1799



PNEUMATICOS E AROS MASSIÇOS DUNLOP

E' de vosso interesse não esquecer que DUNLOP é a marca de pneumáticos ou aros massiços que deveis usar no vosso automovel ou auto caminhão, na vossa motocycletta ou bicycletta, pois estes são considerados sem rival e dignos da preferencia de todos aquelles que desejam bons pneumáticos ou aros massiços.

Não sendo possível adquiril-os por intermedio de vosso fornecedor, deveis dirigir-vos directamente aos representantes no endereço abaixo mencionado.

A qualidade é superior.

A fabricação é perfeita.

Os preços são razoáveis.

Peçam listas de preço e desconto

THE DUNLOP PNEUMATIC TYRE Co. (South America) Ltd.

(os fundadores da industria de pneumáticos)

245, Avenida Rio Branco, 245

RIO DE JANEIRO

Telegrammas DUNLOP — Rio

Telephone 775 Central



O MELHOR LIQUIDO

PARA LIMPAR

RUPI

METAES

Companhia Usina de

Productos Chimicos

RUA SOARES 13



Grande Casa de Penteados, Postiços e Tinturas

Dirigida por MME. e MR. RÉCLAMIER, diplomados por Paris

Rua de S. José, 122 — 1º. andar — Telephone 3.419 Central

A casa mais moderna d'esta Capital, vendendo mais barato e possuindo 5 salões reservados para Penteados de soirée, theatro, Noivas. Lavagem da cabeça, ondulação. Applicaçào de Henné e tinturas. Postiço de Arte. Manucure, preparados de beleza.

Com a nova tintura vegetal a HENNELINA se pode obter sempre a perfeita coloraçào dos cabellos. E' um preparado absolutamente inofensivo e de seguro resultado, restituindo aos cabellos brancos a sua còr primitiva, em preto, castanho claro ou escuro, castanho fulvo, louro acajú, louro veronese, louro dourado, louro cinzento, etc.

A HENNELINA é o unico preparado, até hoje inventado, que responde a todas as exigências. Especial systema, facilimo e rapido, de applicaçào, dando còres eficazes e de imitaçào perfeita.

CAIXA 15\$000, PELO CORREIO MAIS 2\$000.

Grande atelier de cabellos. Postiços modernos, imitaçào igualmente perfeita do natural. Reforma-se postiços e trabalha-se em cabellos cahidos a preços baratissimos.



LEITE INFANTIL

MATERNISADO E ASEPTICO

Preparado sob a direcção scientifica de

Dr. Fernandes Figueira,

Dr. Raul Leite,

Dr. Gustavo Rheingantz

FORNECIDO EM 7 MAMMADEIRAS AO DIA

POR 1\$000 OU 1\$500

ASSIGNATURAS DA 1 ás 4 HORAS

— RUA GONÇALVES DIAS, 73 —

ACADEMIA DE COMMERCIO

Fundada em 1902 — PRAÇA 15 DE NOVEMBRO

UNICA

instituição de Ensino Superior de Commercio, no Rio de Janeiro, que confere diplomas de "character official" (Lei Federal n. 1339 de 9 de Janeiro de 1905)

CURSO DE FERIAS

para preparo do exame de admissào e matricula directa na segunda série do Curso Geral (Dezembro a Março)

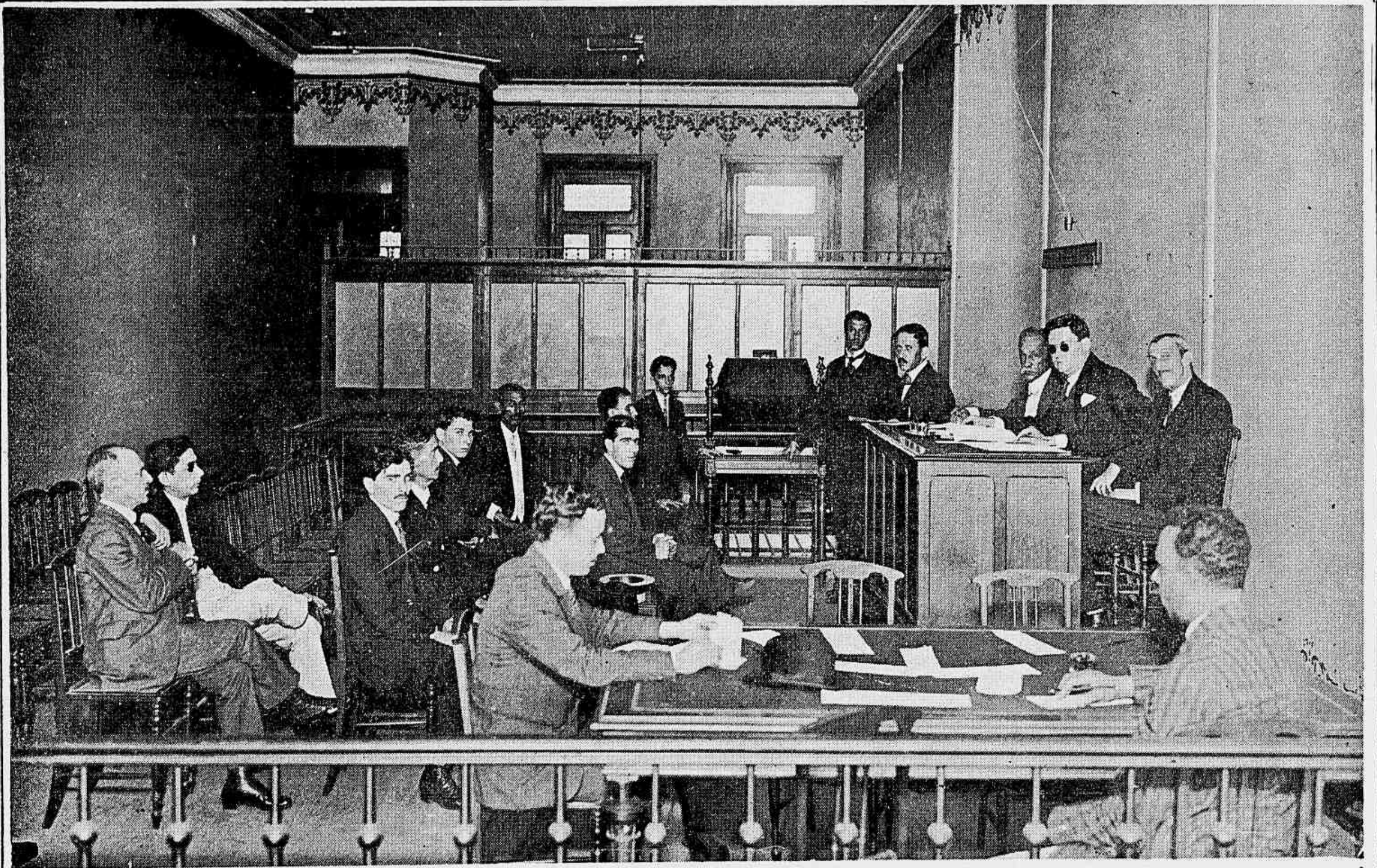
CONTINUAM ABERTAS AS INSCRIÇÕES

AULAS DIURNAS E NOCTURNAS



ENSINO ESPECIALMENTE PRATICO
PEÇAM PROSPECTOS

"A MUNDIAL" realiza o seu sorteio mensal.



Em presença de segurados e representantes da imprensa, essa conceituada companhia de seguros de vida realizou no dia 29 de Dezembro o sortio mensal de suas apólices. Foram sorteadas as seguintes — Serie B, n. 25, pertencente ao Coronel João de Figueiredo Rocha, premio de 200\$000. — Serie Especial, n. 5, pertencente ao Dr. Candido Ferreira de Azevedo, premio de 1:012\$500. — Serie A, n. 103, pertencente ao poeta Francisco Vailacaris, premio de 1:800\$000. Findo o sorteio a Directoria offereceu aos presentes uma taxa de champagne



E' o melhor botão do mundo. Feito de uma só peça, chapeada a ouro, não vai ao fogo, não tem emenda nem solda. Não suja nunca, não se quebra nem se estraga. Não seja logrado com o botão ordinario que suja a camisa e a pelle e fica preto.

Veja no botão verdadeiro a marca KREMENTZ, a unica que é *garantida* para sempre.

KREMENTZ & COMPANY

Newark N. J. — U. S. A.

J. E. BARBOSA

Representante

CAIXA POSTAL 1763

RIO DE JANEIRO

Um bom calmante para as crianças

O Xarope Calmante da Sra. Winslow, absolutamente sem narcoticos, é ao mesmo tempo um laxante para as crianças, são e agradável ao paladar. Não contem opio nem morfina, nem nenhum dos seus derivados.

Contem ingredientes reconhecidos por autoridades medicas eminentes para aliviar os vomitos, a colica e a diarrhéa nas crianças.

Neutraliza o excesso de azedume no estomago devido a alimentação impropria.

Expelle os gazes que as mães acham tão mortificantes para as crianças.

Regulariza os intestinos.

E' absolutamente inoffensivo e não tem narcotico.

Produce um estado saudavel e natural na criança.

Calma a criança inquieta, deixando descansar a mãe, que tanto necessita.

ESCRITORIOS PRINCIPAES

ANGLO-AMERICAN DRUG Co.

215-217 Fulton Street,

Nova York, E. U. A.

A VENDA NAS PRINCIPAES PHARMACIAS

E DROGARIAS

ROUPAS BRANCAS PARA HOMENS

LIQUIDAÇÃO

Os proprietarios d'**A BRAZILEIRA**, no intuito de desenvolver tanto quanto possivel a **Secção d'Armarinho**, que futuramente proporcionará aos seus Exmos. clientes e ao publico em geral as maiores vantagens, tanto pela modicidade dos preços como pelo variadissimo sortimento de tudo o que diz respeito a **Miudezas e Retrozeiro**, vem communicar que para installação dessa **Secção**, que certamente virá a ser a mais completa desta **Capital**, são obrigados a proceder immediatamente á liquidação definitiva de todos os artigos de que se compõe a **Secção de Roupas Brancas para homem**.

Afim de dar uma pequena idéa do que é este **grande venda** forçada, e na impossibilidade de descrever fielmente os preços e a existencia da mercadoria, apenas enumeram resumidamente alguns artigos, para que todos aproveitem a occasião unica, que representa um verdadeiro acontecimento economico.

Liquidação pelo custo real de toda a
massa existente em roupa branca
para homem, de fina e média qualidade

ARTIGOS NACIONAES E ESTRANGEIRCS
Camisas, Collarinhos, Punhos, Ceroulas,
Camisas de meia e de flanela, Gravatas,
Abotoaduras, Pyjamas, Suspensorios, Cintos.

"A Brasileira"

Largo de S. Francisco

D

A SAUDE DA MULHER

cura incommodos de Senhoras

Snrs. Daudt & Oliveira :

Informo Vs. Ss. que usei o seu popular medicamento A SAUDE DA MULHER e o resultado foi de tal modo proveitoso que eu proclamo A SAUDE DA MULHER a maior maravilha do mundo.

Rio, 22-IX-917.

Alda Soares Magalhães



A Sra. Alda S. Magalhães, curada com "A SAUDE DA MULHER" conforme declara em seu valioso atestado.

REVISTA DA SEMANA

Premiada com Medalha de Ouro na Exposição de Turim de 1911

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Anno XVIII — N.º 48 — Rio de Janeiro, 5 de Janeiro de 1918

Endereço Telegraphico: **REVISTA** — Telephone: 3 660, Norte
Redacção e Administração

PRAÇA GONÇALVES DIAS, 12 — Rio de Janeiro

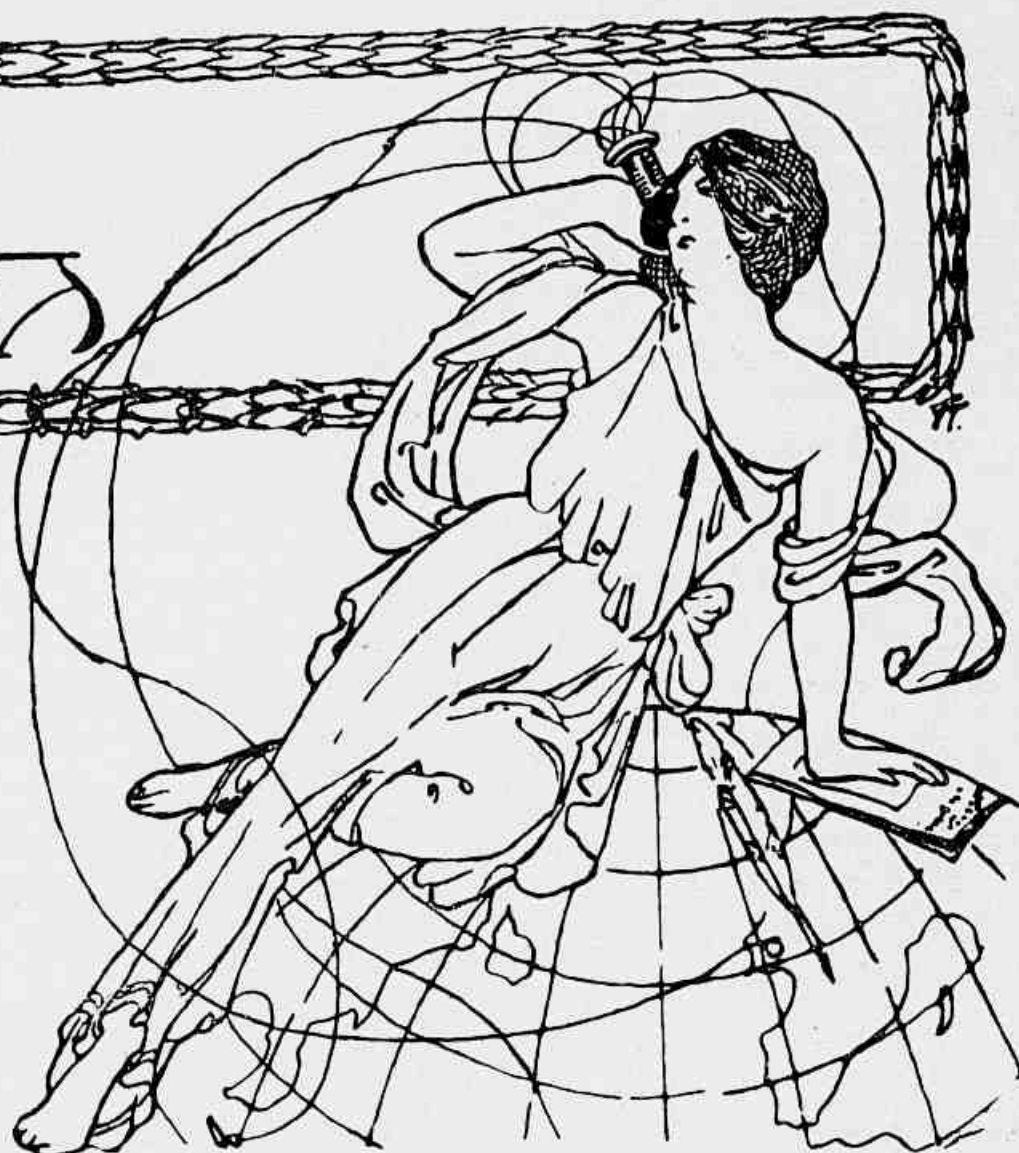
Director — **C. MALHEIRO DIAS**

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Por cada serie de 52 numeros (1 anno): 20\$000 — Estrangeiro: 50 francos

Avulso: Capital 400 réis — Estados 500 réis

Correspondencia dirigida a **ARTHUR BRANDÃO**, Director-Gerente



O PRESENTE DOS REIS MAGOS

Conheceram-se por um dia cheio de sol, em um caminho não sabemos de onde. Ella appareceu por uma estrada, com um pandeiro na mão; elle aproximou-se-lhe por entre os sulcos de uns antigos trigaes, e juntaram-se ambos, quasi sem que se fallassem. Um cantava canções que aprendera com os passaros; a outra alegrava as creaturas com o rumor do pandeiro.

Eram pequenitos os dous, muito creanças, e apenas se recordavam de que nunca haviam comido em meza nem dormido em cama alguma. Vendo-se, deram-se as mãos e caminharam juntos. Caminhavam sempre para o sol, sem seguir outra trilha senão aquella em que a Natureza os coroava de luz.

E de aldeia em aldeia, cantando e ru-fando sempre, paravam diante das casas dos ricos, de onde de quando em vez lhes atiravam alguma moeda. Outras vezes, dansava ella umas dansas instinctivas, em frente da porta das tabernas, onde as pessoas alegres os acariciavam. E riam sempre, e com essa caricia, apenas, dormiam em jejum, abrigados, quando o tempo o exigia, em algum palheiro ou em alguma cava'llariç, quando as boas almas assim o permittiam.

Mas eram felizes porque um dia os despertou a claridade do sol, ergueram-se da relva que junto de uma arvore lhes servira de leito e então repararam que haviam passado a noite inteira de labios unidos, os de um nos do outro, e decidiram continuar assim, embora despertos, o beijo de seu sonho.

Mas por uma noite linda e glacial em que os astros refulgiam no firmamento, quedaram muito tristes no estabulo a que se haviam albergado. Havia já tres dias não recolhiam dadiva alguma.

Nos seus gyros pela aldeia, quantas cousas boas haviam visto! Mas eram humildes e desviaram a tentação, e trataram de dormir. Abraçaram-se o mais estreitamente possível, para que o frio não os

incomodasse; mas, máo grado seu, tiritavam a causar piedade.

No emtanto, resignaram-se e insistiram em dormir; mas o desespero do hoje e a inquietação do amanhã oppunha-se, e então deram trabalho á imaginação, relatando ambos o que haviam visto:

E elle disse:

— Como cantava a gente da cidade! Tinham todos calor e esperavam uma boa ceia. Tambem nós teríamos feito côro com elles, embora não conheçamos suas canções! Porque as minhas nasceram no campo e canto-as pelas ruas, sob o sol, com a chuva; e ás vezes perdem-se com o vento. E não ganho para que possamos viver! Onde dormimos? Quando comemos é sómente na meza dos passaros; ali, sob as macieiras carregadas de maçãs; alli, ao pé das amoreiras negras de amoras; e quantas vezes almoçamos apenas sol, e quantas vezes ceamos apenas lua!

E ella disse:

— Vi homens gordos, de rosto risonho, que levavam, de cabeça erguida, perús e capões, patos e gallinhas. Outros carregavam lebres ensanguentadas, cheiravam nutridas perdizes, enchiam seus cestos de ostras, de pedaços de cordeiro, de salpicões negros como carvão, de pastéis abarrotados de trufas, e ainda levavam doces, confeitos, bolos, uvas, romãs, laranjas...

E os dous, tiritando, abraçaram-se.

Quão commovedor deveria ser vêr esses vagabundos, deitados na palha, com suas cabecitas de anneis sedosos cheio de reflexos de ouro! Que encanto contemplar esses rostinhos rosados de cherubins, essas cabecitas encantadoras e doces cuja luz parece esboçar uma aureola!

O frio fazia-os tremer de quando em quando, mas parecia que sorriam sempre.

E fel-os bradar, com essa alegria de Fierrot desfallecido: Cantemos!... E cantaram largo tempo, até que cantando adormeceram...

Pouco depois, uma alvissima claridade insinuou-se pelo tecto mal cuidado do estabulo, pelas gretas da parede e pelas fendas da porta.

E surgiu logo, diante delles, um menino muito lindo, cuja fronte estava rim-bada de ouro e cujos pés, sahindo de uma camisita branca, tocaram o solo sem ruido.

Acercou-se delles, e com uma extrema doçura e uma voz sobrenatural, de timbre encantador, falou-lhes mansamente.

E o menino Deus desapareceu, deixando no estabulo um perfume subtil e delicado.

E então a brisa da noite trouxe até elles o echo de um cantico, que os jovens da cidade cantavam e bailavam em redor da Virgem, entre rumores de tambores e pandeiros, de bombos e arrabís.

Ardia a casa,
A casa ardia,
E não se queimava
A Virgem Maria.

Pouco depois, sentou-se o menino, ao ouvir o ruido de passos de camelos e jumentos; adiantou-se e viu o rei Belchior, que lhe deixou nas mãos a fé. A menina levantou-se, e o segundo rei deu-lhe a esperança. E immediatamente appareceu Balthazar e deu aos dous o amor.

E, sob a doce luz da Estrella dos Magos, partiram...

Juan Huertas Hervás.



CARTAS DE MULHER

Outros com mais prestígio, com mais intelligencia e talvez com muito mais resultado tem dedicado sua attenção aos nossos problemas moraes, mas timidamente reivindico para mim a pequenina honra de me haver especializado, nestas cartas insignificantes, no estudo desses problemas, cuja gravidade tanto deve preoccupar as mulheres e sobretudo as mães.

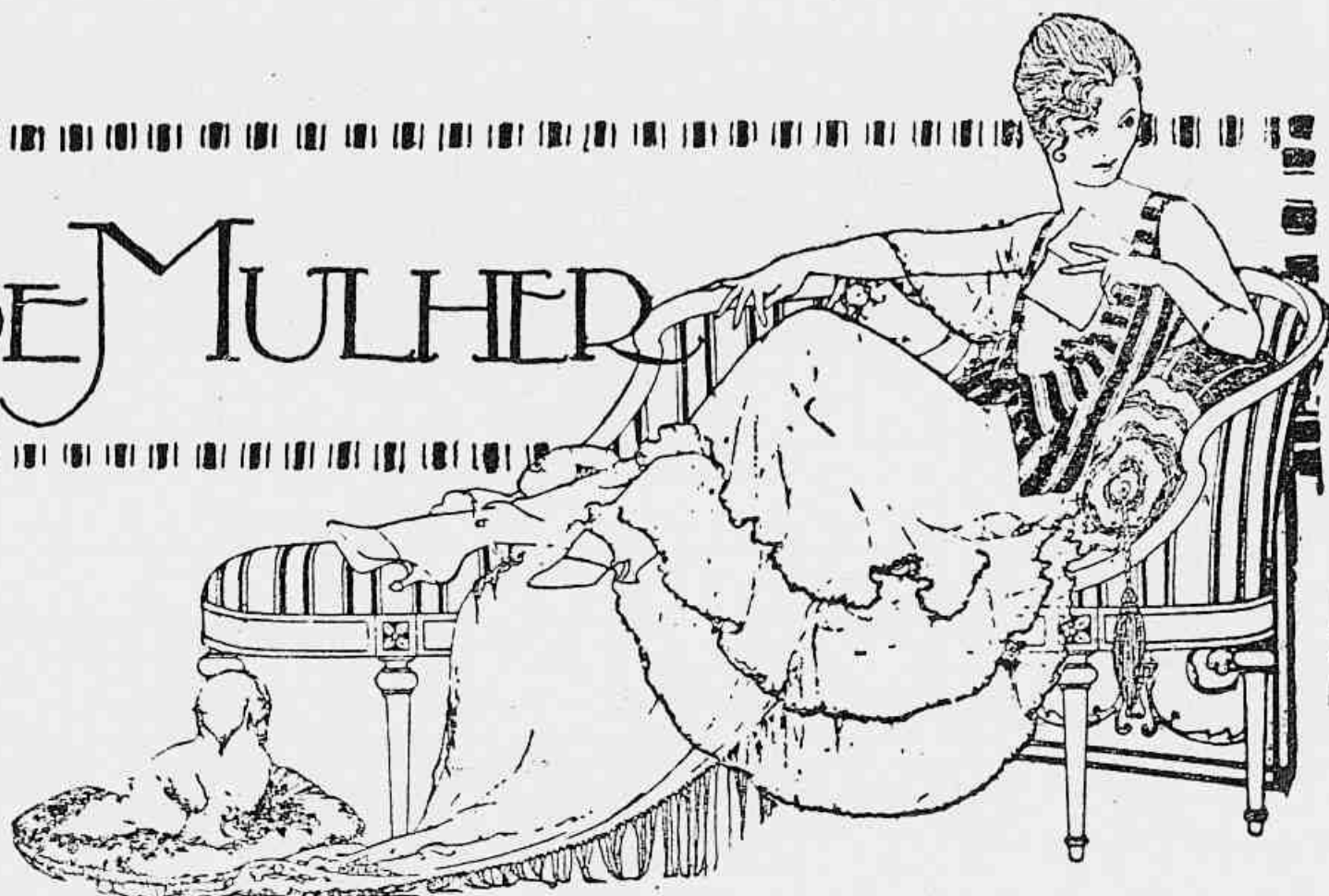
Creio que, nestes tres annos de quasi ininterrupta collaboração nesta revista hospitalera, encarei os principaes aspectos da nossa immoralidade social aquelles que podem ser conhecidos e tratados por uma senhora, com o recato devido a uma publicação que entra em grandissimo numero de lares e que não deve abrigar em seus milhares de linhas um só pensamento ou suggestão maligna. Outros, repito, terão feito muito melhor do que eu. Ninguém, porém, com mais perseverança e mais puras intenções. Sirva isto de justificação ou mesmo de desculpa aos modestos commentarios que me inspira uma nobre campanha moralisadora encetada recentemente em um dos nossos grandes jornaes.

Serviu de ponto de partida a essa campanha de saneamento moral um protesto publicado na imprensa por um brasileiro que se dizia recentemente chegado da Europa e que increpava com severidade a dissolução da mocidade chamada elegante, asseverando que a perversão dos costumes attingia no Rio, com incrível impudôr, proporções assustadoras e que ultrapassavam tudo o que pode vêr-se na Europa em meios de duvidosa hygiene moral. Esse moralista brasileiro, tão exaltadamente indignado com o espectáculo publico da devassidão carioca, contava um episodio succedido em um cinema da Avenida, onde uma senhora, depois de mudar duas vezes de logar e duas vezes sêr desrespeitada, tivera de appellar para o recurso extremo de retirar-se para subtrahir-se a um vexame.

Foi em volta deste episodio deploravel que X. X., nas «Notas sociaes» de *O Imarcial*, e embora procurando com perfeito bom senso limitar a proporções razoaveis e justas as condemnações demasiado genericas em que parecia envolver-se toda a mocidade brasileira, reconhece que para ir ao cinema no Rio «a senhora honesta precisa pelo menos da companhia de quatro pessoas: o esposo, para ficar á esquerda; o pae, para ficar á direita, e dous irmãos, um para tomar logar na cadeira da frente e outro para se assentar na cadeira de trás».

E' muito perigoso exagerar em assumpto desta natureza.

Os ataques demasiado violentos erram



o alvo: são absolutamente inefficazes. As censuras que ultrapassam o objectivo perdem-se como balas de tiros sem pontaria. Em campanhas desta o dem é indispensavel nunca perder de vista a realidade. A mocidade brasileira não está toda pervertida. Os dissolutos existem em grande numero em todas as grandes capitães e, apesar de tudo, não posso acreditar que o Rio tenha o privilegio da dissolução dos costumes. O que está por organizar é a sua repressão.

O cinema é um recinto terrivelmente adequado ás audacias e ás tentações das consciencias depravadas. Não ha sobre isso a menor duvida. O cinema exerce a sua suggestão immoral por tres meios distinctos e, muitissimas vezes, simultaneos: a promiscuidade inevitavel nas casas de espectáculo, a obscuridade tão favoravel á pratica dos attentados ao pudôr e a propria natureza immoral de muitos dos *films*, onde não só a acção é corrupta, como também a interpretação é libidinosa.

Exercer uma censura severa sobre os *films* projectados e prohibir que se faça uma obscuridade absoluta (e perfeitamente dispensavel) na sala, no momento da projecção, são duas providencias mais uteis que os mais inflammados artigos.

Ha muito mais de um anno que chamei as attensões sobre a difusão immoral de certos actos e doutrinas por intermedio do cinema. Pedindo uma severa censura, que deveria ser confiada a um jury de paes de familia, recebi uma carta em que me diziam:

«A senhora só parece confiar na censura exercida por chefes de familia, mas eu pergunto que direito tem a senhora para confiar no criterio moral desse jury. Na assistencia dessas fitas cinematographicas, a que a senhora chama immoraes, encontra muitas moças acompanhadas de seus paes, ou que vão ao cinema com o conhecimento e consentimento delles. A melhor, a mais efficaz censura deveria ser praticada no lar pelo pae e pela mãe, impedindo que suas filhas colhessem nos cinemas lições dissolutas. Só essa censura pode dar resultado.»

Estas advertencias pareceram-me de tal modo judiciosas que não insisti mais nas minhas platonicas reclamações.

Sem que as auctoridades tenham direito a desinteressar-se da fiscalisação,

vigilancia e perseguição da immoralidade, não cabe só a ellas a repressão a um acto que nos leza. Temos a obrigação de collaborar com ella. Sou ainda do tempo em que, na familia brasileira, as moças só podiam lêr, até ao casamento, o que os franceses chamam a «litteratura branca»; e nem por isso as mulheres desse tempo eram menos illustradas que as de hoje. Actualmente, a liberdade de leitura é muito maior, mas quero acreditar que ainda não é de tal modo que permita ás moças honestas a leitura de certos romances dissolventes... que ellas vão, entretanto, vêr representar ao vivo, no cinema, pelas heroínas scenicas da lubricidade.

E' também uma injustiça attribuir apenas á mocidade *elegante* habitos, pensamentos e sentimentos que se propagam assustadoramente por todas as camadas sociaes.

Apego-me á crença de que o lar é a escola mais efficaz de moralidade, e não me refiro á Religião porque, infelizmente, a fé necessaria á efficacia dos seus ensinamentos subli mes escasseia cada vez mais na moderna sociedade e principalmente nas cidades. A' mãe christã compete alimentar com puras doutrinas a consciencia de seus filhos. E' á mãe que pertence incutir nos seus filhos o respeito pela mulher e combater com as armas poderosas do seu prestígio amoroso as idéas dissolutas que na convivencia das escolas, dos cafés e das ruas ameaçam perverter seus filhos. Também o unico processo de obter a moralisação dos jornaes e revistas a que se refere X. X., e que elle accusa de explorarem o instincto de faceirice da mulher, não é incriminal-os, mas vedar-lhes a circulação nos lares onde mora a virtude.

E' para as mães que é necessario apellar, chamando-as á comprehensão do seu dever, que não póde resumir-se no amor cego pelos seus filhos, mas antes deve ser um amor vigilante e edificante.

IRACEMA



ODIA DE REIS NA ACTUALIDADE



REI DE OUROS



REI DE ESPADAS



REI DE CÓPAS



REI DE PÁUS



TRES REIS MAGROS

NOTÍCIAS E COMMENTÁRIOS

Os bachareis de 1912

Na sexta-feira da passada semana, na observância de uma praxe que só merece estímulo e applausos, reuniram-se a jantar os bachareis de 1912 da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes, rememorando a sua camaradagem e reatando os laços de amizade que a separação prolongada sempre afrouxa, por maior que seja a identidade dos sentimentos. Mas este jantar de amizade não foi só um agape alegre de felizes evocações dos tempos idos. Uma nota enternecedora o distinguia de outras e identicas reuniões. E' que entre os presentes se constituiu uma liga de auxilio e protecção affectuosa aos companheiros a quem a adversidade impuzera uma forçada ausencia. Que nobre exemplo deram os bachareis de 1912, tão digno de ser imitado por cada curso academico! Esse prolongamento da camaradagem escolar através da vida representa a mais bella execução do principio associativo da amizade, que Locke declarava ser a forma mais efficaz e elevada do altruismo, porque o affecto tira á assistência e ao soccorro o seu character humilhante e os transforma em dever.

"A Eterna Presença"

Maria Eugenia Celso acaba de publicar em uma elegante *plquette* a sua traducção do "nocturno em um acto" de André Dumas, *A Eterna Presença*.

Os nossos leitores devem-nos o prazer de, já ha muito, haverem travado conhecimento com a poetisa B. F., a mesma prosadora scintilante que escreve a chronica das quinta-feiras na edição da tarde do *Jornal do Commercio*, sob a rubrica de "Femina", e que todas são a mesma illustre senhora, neta dos Viscondes de Ouro Preto, filha dos Condes de Affonso Celso, a Exma. Sra. D. Maria Eugenia Affonso Celso Carneiro de Mendonça, que nas letras adoptou o nome de Maria Eugenia Celso.

Sendo a poetisa das relações de leitura de nossos leitores, mais facil se torna fazer o elogio ao ultimo trabalho poetico da illustre senhora que, com o seu talento, tanto está honrando a sua estirpe insigne. *A Eterna Presença* é o dialogo emocionante, em noite de Natal, de uma dolorosa mãe francesa com o espectro do filho, morto na guerra. Esse dialogo lancinante, entre o amor materno e a figura evocada do filho, quantos milhões de vezes se não terá travado no decurso desta carnificina impiedosa! Nos versos de André Dumas esse dialogo pathetico reveste-se de uma magestosa

grandesa de sacrificio. Ha nelle qualquer cousa de religioso, pois frequentemente parecem sobrehumanos, extra-terrestres os sublimes pensamentos e sentimentos das mães.

A illustre traductora trasladou para a nossa lingua, em versos impecaveis, a belleza integral e toda a communicativa emoção do texto francez. Toda... ou n'ais alguma, pois que a sua sensibilidade feminina mais tocantemente soube arrancar da sua melodica lyra os harpejos emocionantes.

As almas magnificas

Na quotidiana convivencia humana de todos os defeitos mais repulsivos da creatura, da sua inveja, da sua ingratidão, da sua avidez, do seu cynismo, da sua deslealdade e da sua grosseria, de vez em quando providencialmente uma alma magnifica nos convence de que nem tudo é venalidade, grosseria e soffreguidão sobre a terra.

O nobre gesto do professor Carlos

1913 e em 1917, que o custo da vida augmentára 90% nestes quatro annos de expiação universal. Phenomeno inverosimil, o aggravamento do custo da alimentação no nosso paiz inexaurível (onde o rateio da terra immensa faria de cada habitante um grande proprietario agricola!) é superior ao constatado em alguns paizes da Europa! Ora nós já tinhamos a honra de ser um dos paizes de vida mais cara do globo. Alguns pretendem mesmo que o Rio de Janeiro é a cidade de vida mais cara do mundo inteiro. Este monstruoso paradoxo, de um paiz de formidavel capacidade productora e onde a vida é a mais dispendiosa do universo, explica em grandissima parte muitas anomalias, imperfeições e enfermidades da nossa vida social.

Já se vê, quando nos alarmamos perante o custo da vida no Rio, attentamos apenas nos preços dos generos e artigos de primeira necessidade, nas despesas indispensaveis da existencia do cidadão e da familia.

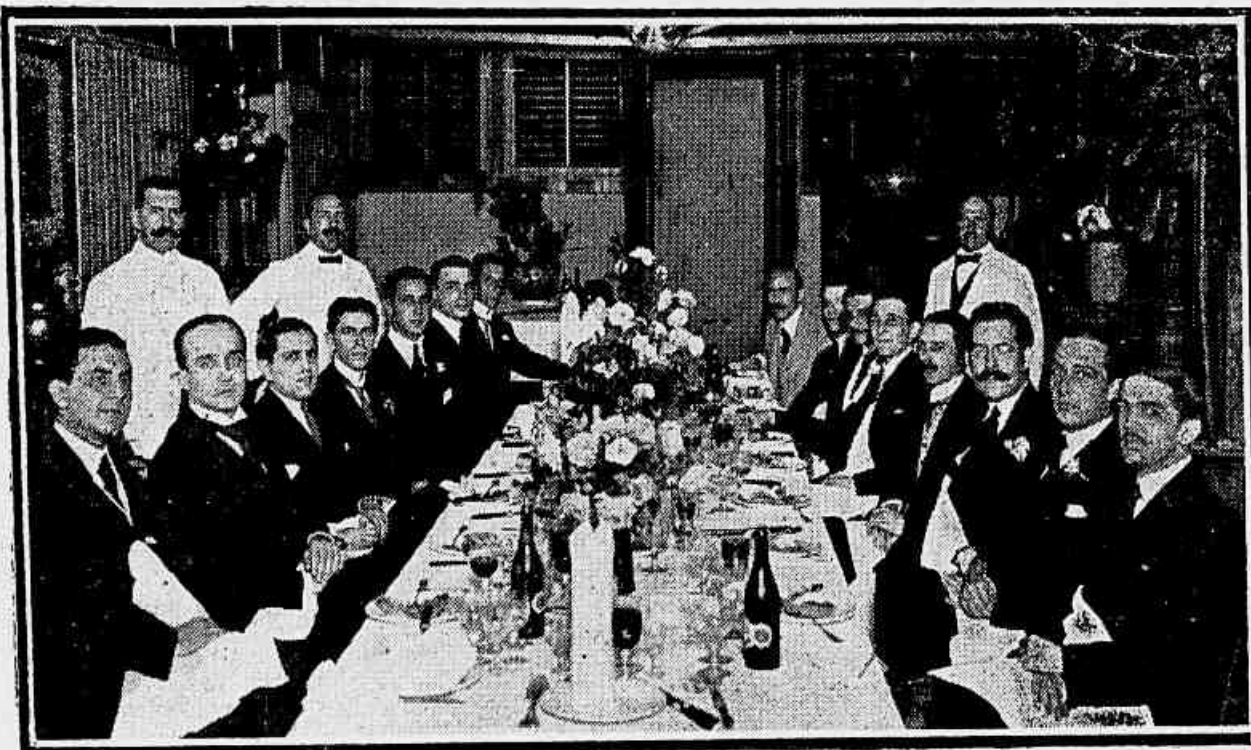
No resto, o Rio é uma das cidades mais modestas do mundo. Basta dizer que, tirante o Municipal e o defeituoso e pequeno Phenix, o Rio não tem theatros dignos de uma grande cidade, nem hotéis, nem restaurantes, nem cafés. Nos hotéis de Nova York ha aposentos de 5.000 dollars por mez. e restaurantes onde um jantar custa, em media, 10 dollars por pessoa. Em compensação, um casal de operarios pode viver com muito maior conforto em Nova York do que a familia de um empregado publico de media classe no Rio.

Se a guerra, estimulando o desenvolvimento das culturas agrarias, contribuir para baratear, no regimen da paz, o custo da vida no Brasil, lhe ficaremos devendo um beneficio inestimavel e que só ella poderia tão depressa provocar.

Nos jardins de Saul

E' esta noite, nos floridos e embalsamados jardins do palacete do illustre casal Filinto de Almeida, que se realisa a recita ao ar livre da peça em 1 acto de D. Julia Lopes, "Nos Jardins de Saul", em beneficio da Assistencia de Santa Theresa, que será interpretada por um grupo distinctissimo de amadores.

No nosso proximo numero dedicaremos a essa formosa festa de arte, de caridade e de elegancia uma extensa reportagem photographica, que permitirá a quantos não tenham tido o prazer e a honra de a ella assistir fazer uma idéa do encanto espirital e mundano de que ella se revestiu.



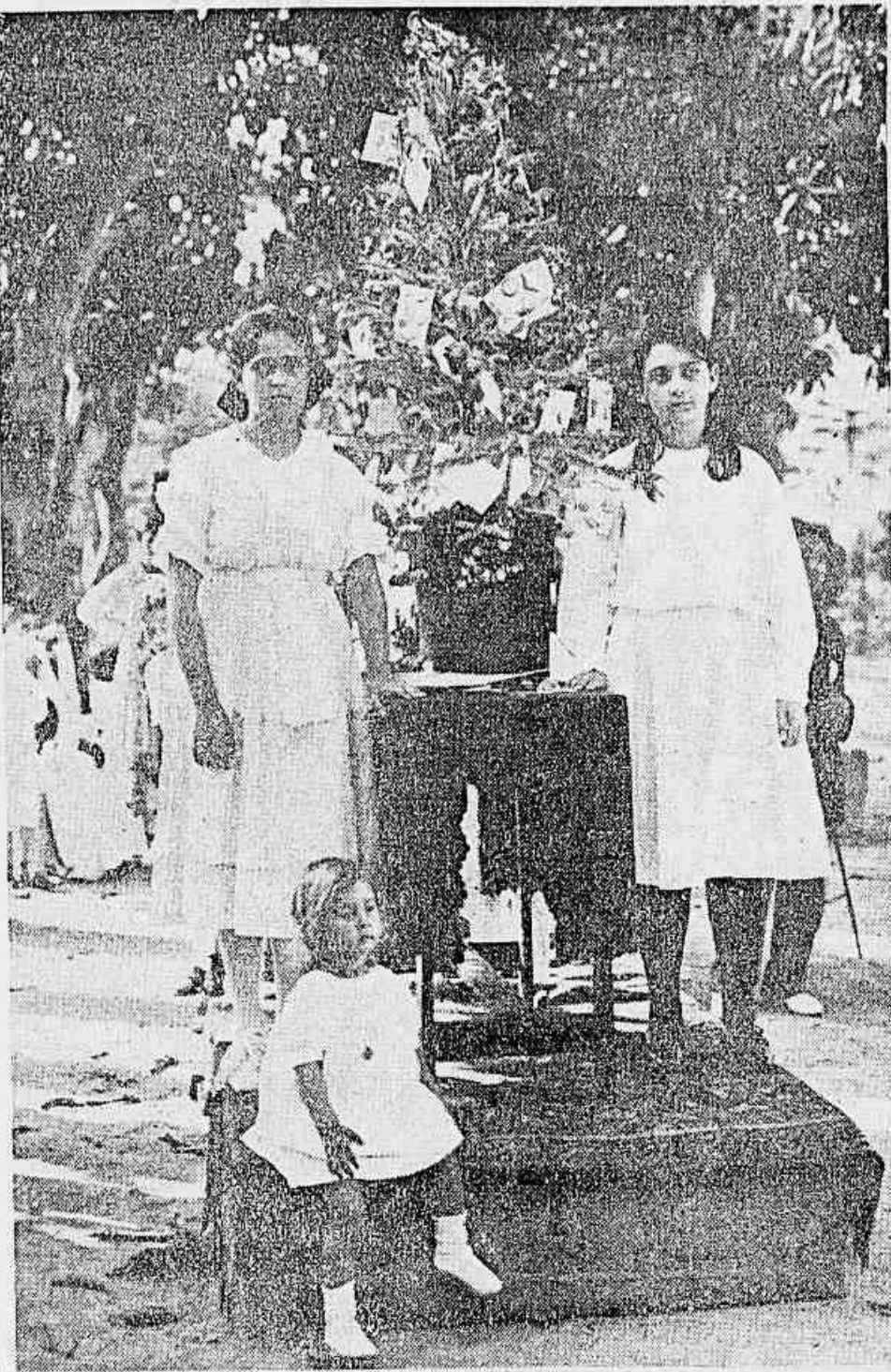
O jantar dos bachareis de 1912 da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes, no Stadt München.

Chagas, destinando á estatua do seu mestre Oswaldo Cruz os cincoenta contos que o Estado conferira como premio aos seus notabilissimos e benemeritos trabalhos e descobertas scientificas é uma dessas advertencias providenciaes. Esses cincoenta contos foram ganhos á custa de trabalhos laboriosos e de sacrificios que comprehendem o proprio risco da vida. Por bem menos do que essa quantia quantas vilezas, quantas infamias, quantas ignomias se commettem todos os dias sobre a terra! Elle, porém, magnificamente, elegantemente, nobremente os applica na homenagem ao seu mestre, num tributo ao mesmo tempo de saudade, de affecto e de admiração. Elle pertence á nobre e pequena legião dos que não esquecem os mortos!

O preço da vida

Ha dias, um dos nossos vespertinos publicava um artigo provando com as tabellas dos preços dos artigos alimentares de primeira necessidade, em

A festa no Recolhimento da Immaculada Conceição



Grupo de meninas e moças que tomaram parte no lindo festival promovido pela Directoria do Recolhimento da Immaculada Conceição, á Praia de Botafogo, domingo ultimo.



1 — O dr. Alexandre Braga pronunciando o seu discurso. 2 — Aspecto da sala durante o festival.

O cinematographo e a arte dramatica

Constantemente se ouve articular a sentença de que o cinema veio vibrar um golpe mortal na arte dramatica.

E' isto, ao menos, uma verdade averiguada e consagrada? Os debates a que deu lugar recentemente nos Estados Unidos essa questão palpitante, e no qual intervieram dramaturgos e criticos theatraes, esclareceram n'a definitivamente.

A "Arte theatral" em cousa alguma foi attingida pela representação cinematographica. Pelo contrario, esta exerceu uma como que selecção, creando apenas difficuldades á expansão e prosperidade do máo theatro. As formas superiores da arte theatral não se resentiram da concorrência do *film*, porque lhe ficaram superiores, em um nível a que o cinema não poderá nunca elevar-se. Pelo que respeita á baixa especulação theatral, degradada pela transigencia com o máo gosto popular, essa está sendo terrivelmente ameaçada pela concorrência do theatro mudo. Que mal ha nisso?

E' muito preferivel que o povo assista á representação cinematographica de um *film* de arte, interpretado por grandes artistas, do que seja pervertido pela representação de obras sem elevação moral ou litteraria, em que se explora a maledicência, o escandalo e a pornographia. Dir-se ha que também não faltam os *films* de uma moralidade duvidosa. E' certo, mas são cada vez em menor numero.

Os Estados-Unidos estão moralizando activamente a cinematographia, applicando-lhe uma censura severa, e é com os *films* americanos que hoje quasi exclusivamente trabalham os nossos cinemas. Pelo que respeita á "arte theatral", essa está quasi fora do debate, em nosso meio. Não é porque nos falem elementos para cultivá-la, mas porque esses elementos dispersos ou inertes ainda não se reuniram e reagiram no sentido de creal-a e impô-la.

As flores de oiro

Sob a brisa da canícula, as acacias enfeitam-se com a sua chuva de oiro. Dos seus troncos, taes braços estendidos, pendem como franjas doiradas os aureos cachos. As manchas de oiro das acacias em flor emprestam a certas ruas da cidade, neste tempo, a pompa colorida de paisagens primaveris do Japão.

Mas é uma alegria ephemera e limitada aos pequenos jardins particulares.

A sumptuosa leguminosa, que aos primeiros calores de Dezembro veste a sua doirada *toilette* floral, deveria ser largamente plantada na avenida Beira Mar e em todos os jardins da Prefeitura. Calcule-se o effeito que produziriam nas perspectivas airozas e vistas da Beira Mar macissos de acacia em flor e outras em linha, como um traço de oiro vivo entre o arvoredo. Se houvesse bom gosto na superintendencia dos nossos jardins, a cidade, no mez de Dezembro, appareceria toda de verde e amarello: as côres nacionaes, compostas de flores e folhagem. Mas fal-

ta-nos o talento decorativo. Ainda estamos nos primeiros ensaios na utilização ornamental da nossa flora. O Rio, que poderia ser a cidade das flôres, é talvez a cidade do mundo onde ha menos flôres nos jardins e aquella, certamente, onde a flor é mais cara.

Instincto das proporções

Na *réveillon* do Assynio: um verdadeiro *réveillon* de cabaret, concorrido quasi exclusivamente por *petites femmes*. Tango, maxixe, canções sertanejas, calor, champagne, e no ar, exhalados dos lenços, dos penteados e dos decotes, todos os aromas volateis de Coty e de Houbigant, misturados ao relento carnal das transpirações.

Junto á mesa de um escriptor taciturno pára por instantes um *dandy*, que realisa este prodigio de mundanismo intellectual: ser o mais polido dos *gentlemen*, o mais illustrado dos *dandies* e o mais espirituoso dos artistas. Os dois falam de Marcellino de Mescuta, o grande dramaturgo da *Dôr Suprema* e do *Regente*, e o *dandy* reproduz as palavras de um literato que entusiasticamente declarava que o esplendido comedigrapho dos *Peraltas e Sécias* tinha um forte sabor shakespeareano.

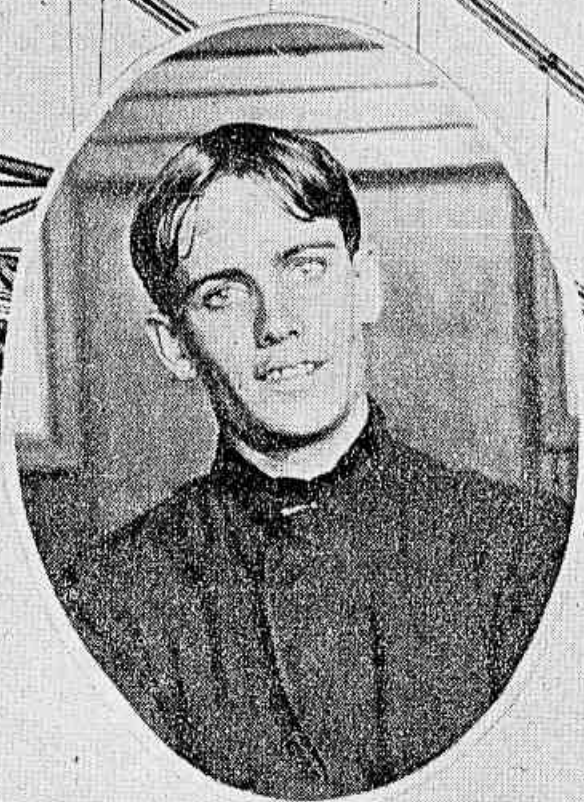
Então o escriptor, amigo intimo de Marcellino, cõreu e observou:

— Ah! Fulano esteve shakespeareando connosco.

E o *dandy*, sorrindo, aperfeiçoou a phrase:

—... shakespilheriando...

O Pulo da Morte



1 — Alexandre Costa, portuguez, de 16 annos, que se atirou do alto da ponte Alexandrino de Alencar.

2 — A ponte Alexandrino de Alencar, que liga o Arsenal á ilha das Cobras e que mede sobre o canal a altura de 42 metros.

O pulo da morte

Um dia entra na redacção de um jornal um homem que declara constar-lhe ter sido offerecido pelo constructor da ponte pensil Alexandrino de Alencar, que liga o Arsenal de Marinha á ilha das Cobras, um premio de vinte contos ao nadador que se atirasse da ponte ao canal. A altura da ponte sobre a agua é de 42 metros. Elle promptificava-se a dar o salto, apresentando-se concorrente ao premio. No dia seguinte appareceram mais concorrentes, maritimos e nadadores profissionais. Declararam estar resolvidos a dar o pulo pelos vinte contos. A altura, certo, era respeitavel, mas os vinte contos incutiam coragem. Valia a pena correr o risco e, depois, não se morre senão uma vez: philosophia vulgar entre os que nada tem senão a vida a perder. Qual o quê! — começou a murmurar o povo. Só mesmo quem queira morrer se vae atirar daquella altura! E o salto da ponte Alexandrino foi baptisado, como os numeros sensacionais de circo, com o titulo de *pulo da morte*. Se tinham, porém, apparecido candidatos á prova, o premio é que não appareceu, e a prova parecia dever ficar sem execução, quando um rapazola de 16 annos se apresenta á redacção do jornal e annuncia a sua resolução de dar o *pulo da morte* sem premio algum, desinteressadamente, por simples desafio de coragem, como um depoimento de energia e de temeridade. Ninguém, na redacção, acreditou. Tranquillamente, o heroe sahio, encaminhou-se para a ponte fascinadora, pagou os duzentos réis da por-

tagem, parou no meio, olhou o abysmo, a agua que corria a 42 metros de profundidade, despio o casaco, tirou o chapéo, os sapatos, berzeu-se, e precipitou-se, como um projectil no abysmo.

Quando, depois da sua proeza, o interrogaram, o moço heroe respondeu:

— Tinha uma grande fé... Fiz o signal da cruz e atirei-me logo, formando o pulo na regra.

Tinham essa mesma fé heroica e simples do pequeno portuguez, humilde empregado de uma leiteria, os nossos antepassados, de quem tão ingratamente nos queixamos e de quem, felizmente, não herdamos apenas os defeitos, mas tambem as qualidades.

A anarchia russa

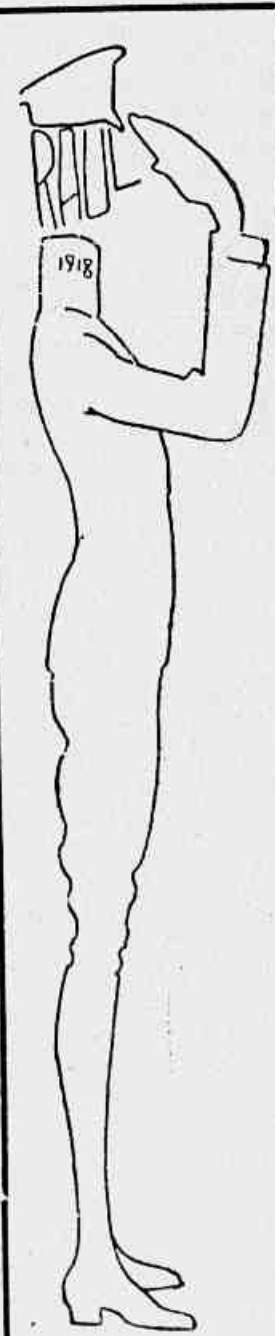
O delirio revolucionario segue o seu curso delirante no antigo imperio dos Czars. O pacifismo dos maximalistas ultrapassou todas as manobras timidas da Czarina. O imperio, desmoronado, ao que falsamente se dizia, para vingar a traição pacifista da côrte, deu lugar a que as massas populares se precipitassem, em tropel, ao encontro da paz, sem respeitar tratados, sem consideração a quaesquer compromissos pactuados em nome da nação pelo regimen decahido. Nunca se viu na Historia uma revolução assumir aspectos tão alarmantes. A avidez de paz revelou-se no lynchamento do generalissimo Dukhichin, que a multidão enfurecida esquartejou. E o grandioso imperio vae-se esphacelando. E' difficil averiguar quantos são já os fragmentos autonomos do colosso. O telegrapho annuncia-nos, hoje, a inde-

pendencia da Finlandia e da Ukrania, depois a da Curlândia e Lithuania, em seguida a do Caucaso, e finalmente a da Siberia. Deste modo se vão quebrando todos os laços de solidariedade com os aliados. Virtualmente, a Russia desaparece, para dar lugar a uma multiplicidade de nações autonomas. O imperio slavo tornou-se em um sacco de gatos damnados, que se entredorram, e Lenine pompeia, insolente e triumphante, no Palacio de Inverno, de Petrogrado.

Segundo affirma uma eminencia medica, a agua fria é um valioso estimulante para muitas pessoas. A sua influencia sobre o coração é mais estimulante que a do cegiac. Tem sedado casos de um copo de agua ser o bastante para levantar o pulso, desde 76 a 100 pulsações.

—:—

A preguiça caminha tão lentamente que é sempre alcançada pela pobreza.



O original cartão de boas festas de Raul Pederneiras, soldado do Tiro da Imprensa.

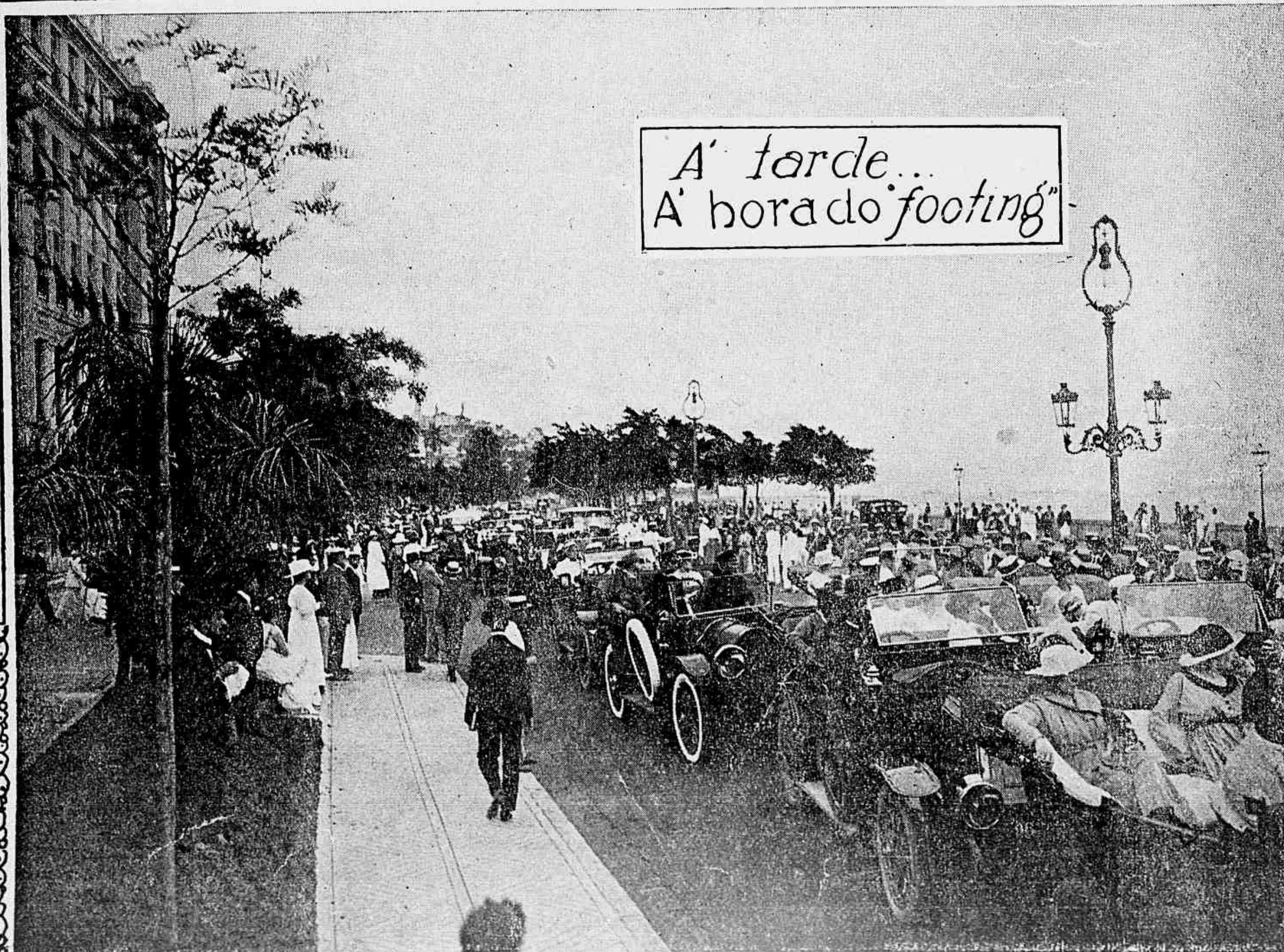
Aspectos do Rio.

No Flamengo

*Pela manhã...
A' hora do banho.*



*A' tarde...
A' hora do 'footing'.*



Semana Elegante

O DIA ELEGANTE

(A SEGUNDA-FEIRA)

Fim de anno... Dentro de poucas horas, mais uma na conta desse já curto rosario da vida rolará, ironicamente, sob os dedos agitados e ansiosos dos homens... Só ha um meio de illudir-se a si proprio, esperando a sorrir o desconhecido:—é imaginal o sempre uma dadiva generosa dos céus. Cada anno que vem depara a alegria da terra na face dos seres. Mas os que esperam a sorrir tartamudeiam préces quasi afflictivas a Deus, a quem tomam por escudo... Douda esperança dos homens, menor sempre que a sua dôr!

— Este, sem duvida, vae ser o melhor dos annos...

— Assim esperamos em Deus...

Hora de esperança? Hora de fé? Em verdade, hora de duvida... como todas as horas.

— Bem pôde ser o anno da paz e da *Liga das Nações*...

— Desde, porém, que o não seja, certo estejas de que será o anno da entrada do Brasil nas refregas do *front* europeu.

E a deliciosa e inescutível voz da senhora Marianna Prado é a propria seducção:

— Ou a paz, ou a gloria, meus amigos...

— Qual d'ellas preferiria, formosa sereia?

— Uma d'ellas pôde ser, apenas, a commodidade; a outra é sempre um resplendor...

Desde cêdo, a cidade movimentara-se. Ultimo dia de um anno— instante que o commercio reduzira ao desperdicio de algumas economias alheias. Bazaes e confeitarias estão repletos...

— O conselho de economias...

— Custa muito a abrir se um parentese na vida... Estamos habituados a gastar o que tenhamos de nosso até o derradeiro vintem, já que as novas moedas de prata permitem fallar de novo em vintens... E queres saber? Para muitos economisar seria não despendo o alheio...

— Já não percebo...

— Ora, meu caro...

— Palavra...

— Ignoras, então, que a mór parte das dividas, que aqui se fazem, representam o que a vaidade obrigou a gastar, além das posses de cada um?...

Em geral, essas despesas vão muito acima da receita...

— Eu nunca supuz que, fó.a do orçamento official...

— Sabidão!...

E agora, cercados de alguns *novos*, ouvimos, ainda uma vez!, a canção da esperança.

— Mas, a esperança é, apenas, um projecto... sem o apoio governamental.

— Adia-se de sessão a sessão...

— De repente, porém, um novo governo...

— Desejo, unicamente, de fazer alguma coisa que o outro não houvesse desejado fazer... caprichos... méros caprichos...

ria capaz de jurar a impraticabilidade dessas idéas...

— Pratical as-emos!

— Vae ser uma revolução!

— Este dia é, principalmente, das mulheres e das creanças... diz Waldemar, cujos olhos não cansam de olhar e cujo espirito diz sempre o mesmo madrigal de elogio á mulher e de ternura para as creanças.

— Aos homens, aliás, passada a hora das despesas, pouco tempo restará para mais alguma cousa... V. devia antes dizer que este é o dia do dinheiro...

— Do dinheiro bem aproveitado... despesas para alegrias...

— Qual alegria, filho; o que fazemos é gastar um pouco mais á vontade por conta do eterno Desejo... Não é a alegria que festejamos, mas o desejo de alcançal-a no anno novo, o que bem prova que não a tivemos no que está a findar...

Mas a cidade, de facto, está tomada por mulheres e creanças. Ha tantas creaturas distinctas, tantos perfis conhecidos...

A' hora do matte, sentados a uma meza da sorveteria elegante— convite amavel de Aureliano Machado— temos deante de nós uma sociedade illustre, não esquecendo nunca o senador Lopes Goncalves e o dr. Galeno Martins, que cansam de esperar o barão de Schumann.

Vemos a condessa de Paranaguá, a sra. Vieira Romeiro, a sra. Placido Barbosa, a sra. Maria Julia da Costa Velho, a sra. e senhorinhas Oliveira Castro, a condessa e condessinha de Frontin, a sra. e senhorinhas João Luis Alves, as sras.

Raul de Faria e Alfredo Cesario Alvim, a sra. Morales de Los Rios, a sra. Aguilar Pantoja, a ministra Luis Guimarães, a sra. Franca Velloso, a senhorinha Marieta Bezerra, as senhorinhas Dora e Vera Wilson, a sra. Olegario Marianno e a senhorinha Balthazar Pereira, a senhorinha Zizi Nuno de Andrade, a sra. Fernando de Magalhães, as senhorinhas Abiah Lopes e Sofia de Azevêdo, a sra. Waldemar Bandeira e a senhorinha Regina Moura...

Apparêcem ainda a sra. Clotilde Rio Branco e sua filha Helena, as senhorinhas José Teixeira Portugal, a senhorinha Alice Almeida Rabello, a sra.



BELLEZA INFANTIL

O pequenino Pedro Avelino Netto, filho do illustre jornalista Georgino Avelino.

Outras figuras, as mesmas idéas. Caminhamos.. Adeante, Olegario, Waldemar Bandeira, cujo successo mundano, na *Kodack*, é uma formosa affirmação de intelligencia e gentileza, Onaldo e Eloy.

— Alliança dos chronistos mundanos?

— O *boycotte* d'algumas gralhas... um trabalho harmonico, aproveitando melhor um prestigio que comêç a incommodar...

— E todos dispôstes?

— Todos!

— Pois, então, eu lhes digo que a minha primeira esperança de hoje nasce com a primeira decepção... Eu se-

Ruy Barbosa Ayrosa, a sra. Ipanema Moreira, a senhorinha Nair Leitão, a condessa de Leopoldina, as senhorinhas Cecília e Judith Goulart.

— ... feliz anno novo !

— São os meus votos para V....

Todos os que estamos juntos consideramos, mudamente, o vazio dessas phrases, e n que, em todo o caso, pôde haver muita sinceridade.

— Vá lá a gente saber quando é feliz !

— O mais difficil não é saber quando mas, sim, como se pôde ser feliz...

— Amando-nos uns aos outros...

— ... como a nós mesmos !

— O peor é que não nos sabemos amar...

MARQUÊS DE DENIS

Recepções de anniversario

no dia 25 — o dr. Honorio Coimbra, pelo natal do gracioso Mauro;

no dia 27 — as senhorinhas Eucherys Sá Pereira e Lydia Gonzaga Duque;

no dia 28 — o sr. Carlos Nelson Martins;

no dia 29 — as senhorinhas Nadir de Paiva Machado e Zilda Corrêa da Costa, e a sra. Luisa Soares Moreira;

no dia 31 — a sra. Felix Pacheco e as senhorinhas Maria Ferreira Botelho e Maria Esther Caldas;

no dia 1º — a senhorinha Beatris Veiga e o nosso presado e distincto confrade coronel Pinto Machado, administrador da Villa Proletaria.

Casamentos

— a senhorinha Maria Dolores de Oliveira e o commandante Marius Teixeira;

— a senhorinha Regina Canéco e o dr. José Novaes;

— a senhorinha Dulce Moreira Guimarães e o dr. Jaima de Souza Castro;

— a senhorinha Ottilia da Luz Pinto e o dr. José dos Santos Camara;

— a senhorinha Isclino Martins e o dr. Mario de Brito e Silva;

— a senhorinha Cecília Oliveira Santos e o commandante Gustavo Sharp.

Baptizados

Foi levado, quinta-feira, á pia baptismal na Cathedral Metropolitana, em S. Paulo, o gracioso Sylvio, filho do dr. Oscar de Carvalho, e neto do deputado Manoel Vilaboim.

Noivados

— a senhorinha Maria Cacilda Guimarães e o dr. Villemor Amaral;

— a senhorinha Zulmira Irene da Fonseca e o sr. Henrique Peixoto de Oliveira;

— a senhorinha Esther dos Santos Cernadas e o sr. José Joaquim de Sousa;

— a senhorinha Alicinha Telles Barbosa e o dr. Mario Jansen de Faria.

Bodas de prata— com recepção no seu palacete de S. Christovão e missa em acção de graças, festejou as suas o dr. Epidio Maria da Trindade.

Os que viajam...

Deixaram o Rio: o senador Alencar Guimarães, e es deputados Maximiano de Figueiredo e Paula Rodrigues Pessoa, que foram tratar de assumptos politicos em seus Estados; os barões, de Itapary, de regresso á Parahyba; a exma. familia do ministro Carlos Maximiliano, que visitará seus parentes e amigos no Rio Grande do Sul; o jornalista Adolfo Rothkoff, caminho de Buenos-Ayres; o dr. Dacio Parreiras, que vae servir num dos hospitaes de sangue da Europa.

Esteve no Rio o Exm. e Rvmo. D. Octavio Chagas de Miranda, bispo de Pouso-Alegre.

NOTICIARIO

ELEGANTE

Anniversarios

HOJE — a sra. Estellina Antonio Fontes; o sr. Victor Drummond; o sr. João Paulino de Araujo, filho.

AMANHÃ — a almirante Henrique Boiteux; a sra. Leandro José da Costa; a sra. Silvia Guilhobel Betim Paes Leme; o capitalista Lobo Moraes; o ex governador Enéas Martins; o poeta Baithasar Franklin Tavora.

SEGUNDA — o emnente professor Juliano Moreira; o commandante Marinho Guimarães; o capitalista Manoel Francisco da Silva Rocha; o capitão de corveta Juvenal Jardim; o asurante de marinha Oswaldo Pederneiras; a senhorinha Yayasinha Cunha.

TERÇA — o major Arthur de Albuquerque; e a graciosa Hilda Joaquim de Barros.

QUARTA — o dr. Hildebrando Cordeiro; a senhorinha Hilda Cavalcanti; a galante Elsa Faria Junior; o commandante João Carlos Cordeiro da Graça.

QUINTA — o senador José Euzébio; a senh rinha Diva Leal da Costa; a sra. Aberico de Moraes; o dr Estellita Lins; o dr. Amilcar Botelho de Magalhães.

SEXTA — a sra. Deolinda Torres Pereira; o dr. Hermano Bustamanti; o travesso Oswaldo de Paula Dias; o coronel Alfredo de Magalhães; a senhorinha Alba Avila Martins.

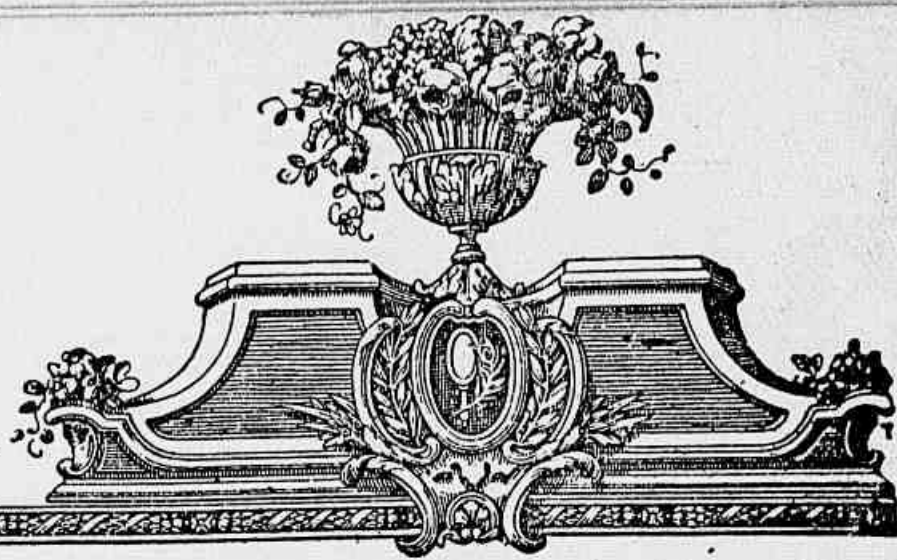
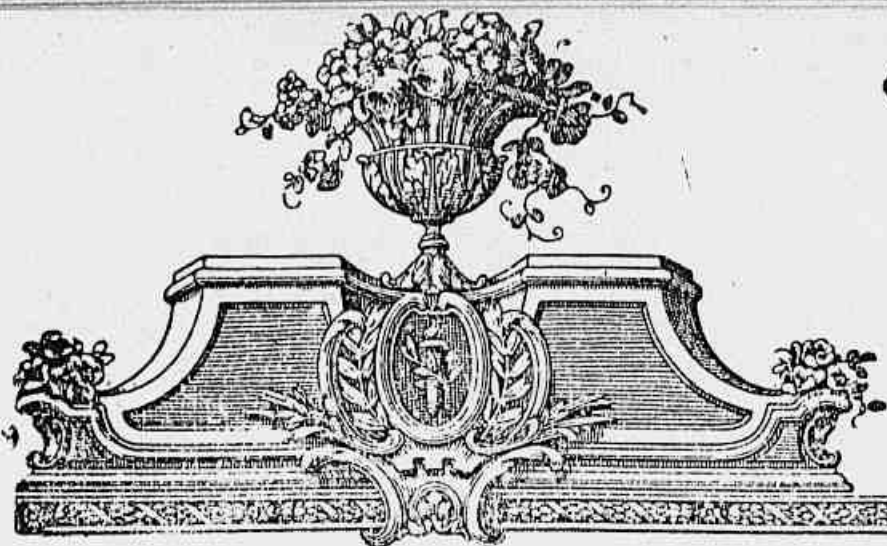
GALERIA DA REVISTA



Senhorinha Juracy Abdon Baptista.

VIRGILIO VARZEA, o brilhante *marinista*, cujo nome é uma das mais bellas reputações literarias do Brasil, faz annos amanhã.

OSCAR LOPES, illustre escriptor, presidente da Sociedade de Homens de Letras, fez annos, terça feira. A sua linda casa das Laranjeiras esteve repleta, á tarde. Um grande numero de familias do nosso *set*, de que elle é figura brilhante, e muitos confrades em letras deram-se *rendez-vous* alli, proporcionando-se deliciosas horas de *causerie*.



Chegaram ao Rio: o eminente professor George Dumas, de regresso da sua viagem ao sul, e o notavel e illustre sacerdote, Exm. e Revmo. D. Eduardo Duarte Silva, arcebispo de Uberaba.

Carnet de Mlle. Laura

"Meu amigo :

V. deve imaginar o pezar que me causou não poder estar presente á recepção de Maria Clementina, segunda feira, em Voluntarios da Patria. O ministro Pereira Lima tivera a gentileza de insistir pela nossa descida. Infelizmente, meu pae, obrigado por um chamado do chanceller Peçanha, passara o dia em Itaipava. Maria Clementina já escreveu, dizendo o encanto da sua festa e perdando a nossa ausencia.

...Agradeço-lhe as excellentes noticias que me dá — e com que entusiasmo! — do ultimo encontro do campeonato, com a victoria do *Fluminense*. Muito deliciada me deixa V., também, com as impressões do *réveillon*.

...Recebi a participação de noivado da Ruth Leal com o dr. Manoel Ferreira. Com essas duas creaturas distinctas, Deus fará um lar feliz e bello.

...Entre as muitas pessoas, aqui

chegadas a passada semana, notei: o embaixador Morgan, o senador Ruy Barbosa, os condes de Leopoldina, o consul Luiz Soares, o professor Iagles de Sousa, o dr. Eugenio de Barros, o negociante Pareto Junior, o dr. Chermont de Miranda, a viuva Altino Corrê, o dr. Serapião Mariani, a viuva Quartim Portugal, o dr. Raphael Noac de Sousa, a viuva Eugenio de Almeida o engenheiro Arrojado Lisboa, o dr. Gustavo Rheiganiz, o ministro Arroxeas Galvão, o dr. Antonio Maria Teixeira Filho, o commandante Armando Delamare, o dr. Eduardo Ramos, o commandante Frederico Burlamaqui, o dr. Lourenço da Cunha.

...Despertou geraes sympathias o banquete offerecido pelo conselheiro Ruy Barbosa ao ex-ministro Alexandre Braga e seus companheiros da destituída embaixada portugueza.

...V. vae fazer-me a gentileza de apresentar meus cumprimentos ao José Braz, pela sua brilhante defesa de these e collação de gráu, na Faculdade de Medicina. Diga-lhe também que tive grande pezar verdo-o á paisana, domingo, no *footing*. O uniforme *kiki* dar-lhe-á, estou certa, uma bella *allure*.

Laura."

O illustre dr. Antonio Azerêdo, vice-presidente do Senado da Republica, acha-se installado, com s. exma. familia, no *Internacional*, em Santa Terêsa, onde convalescerá da molestia que o prendera ao leito.

Gentileza de Caperton

O illustre almirante-chefe da divisão americana offereceu ao almirante Francisco de Mattos, nomeado representante da nossa Marinha de Guerra no Conselho dos Aliados, um banquete no couraçado *Pittsburg*.

Diplomaticas

Recentemente casado, regressará ao Brasil, dentro de breves dias, o illustre ministro Ruiz de Los Llanos.

Musica

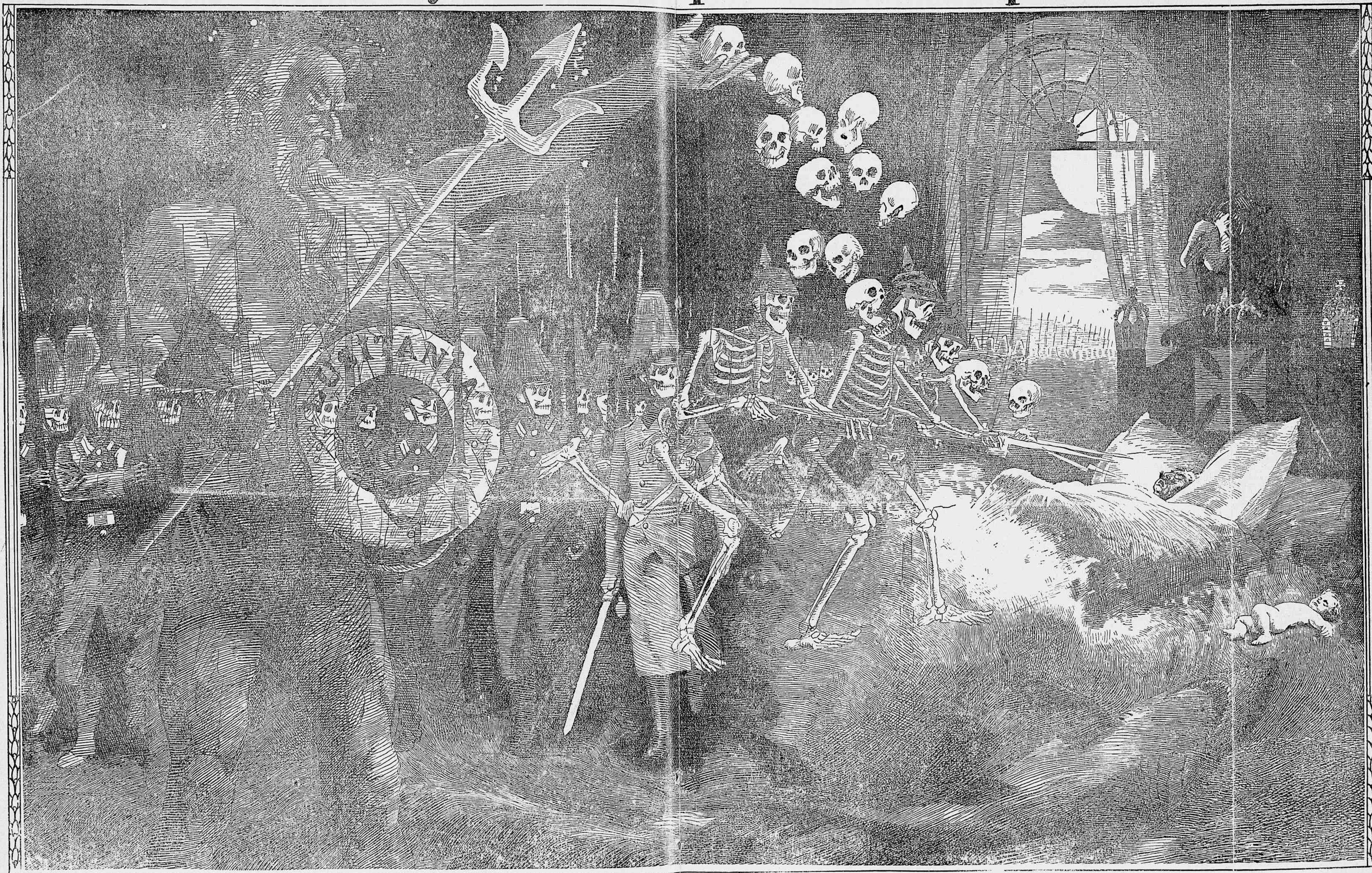
A distincta musicista senhorinha Maria Christiano Brasil offereceu, na residencia de seu illustre pae, uma brilhante recepção ás suas amizades, proporcionando-lhes o prazer de ouvirem suas alumnas.

M. DE D.

Baile de reveillon no Club Militar.



Sua Magestade o Imperador tem um pesadelo



Do "Life"

A imperial Alemanha não quiz que principiasse o novo anno sem ter para com o Brasil, o seu mais recente adversario, uma macabra cortezia, e os canhões e os tubos lança-torpedos de um dos seus traiçoeiros submarinos *saudaram* a bandeira brasileira, hasteada nos mastros de um pacifico vapor de commercio. O *Taquary*, da Companhia Commercio e Navegação, viajando do Havre para Cardiff, foi atacado ao largo da costa inglesa. Oito homens da sua tripulação foram mortos, e assim transformado num esquife flutuante o valente pequeno vapor brasileiro, com o flanco dilacerado pela carga explosiva do torpedo, continuou a sua rota até Cardiff. São mais oito cadaveres no activo de guerra da Alemanha: bem pouco para quem já responde perante a Justiça Divina pelo extermínio de milhões de creaturas humanas. Para nós, porém, oito, oitenta ou oitenta mil brasileiros trucidados pela Alemanha é sempre a mesma dor soffrida com a mesma raiva. Não era preciso esse novo attentado para incrementar a legitima indignação do povo brasileiro contra a violadora do seu direito, a insultadora do seu brio e a salteadora dos seus navios. O Brasil, porém, permaneceu sereno. Não se exaltou nem queixou. As lastimas são proprias, apenas, dos fracos. Os fortes não se lastimam. Vingam-se.

A "Revista" nos Estados



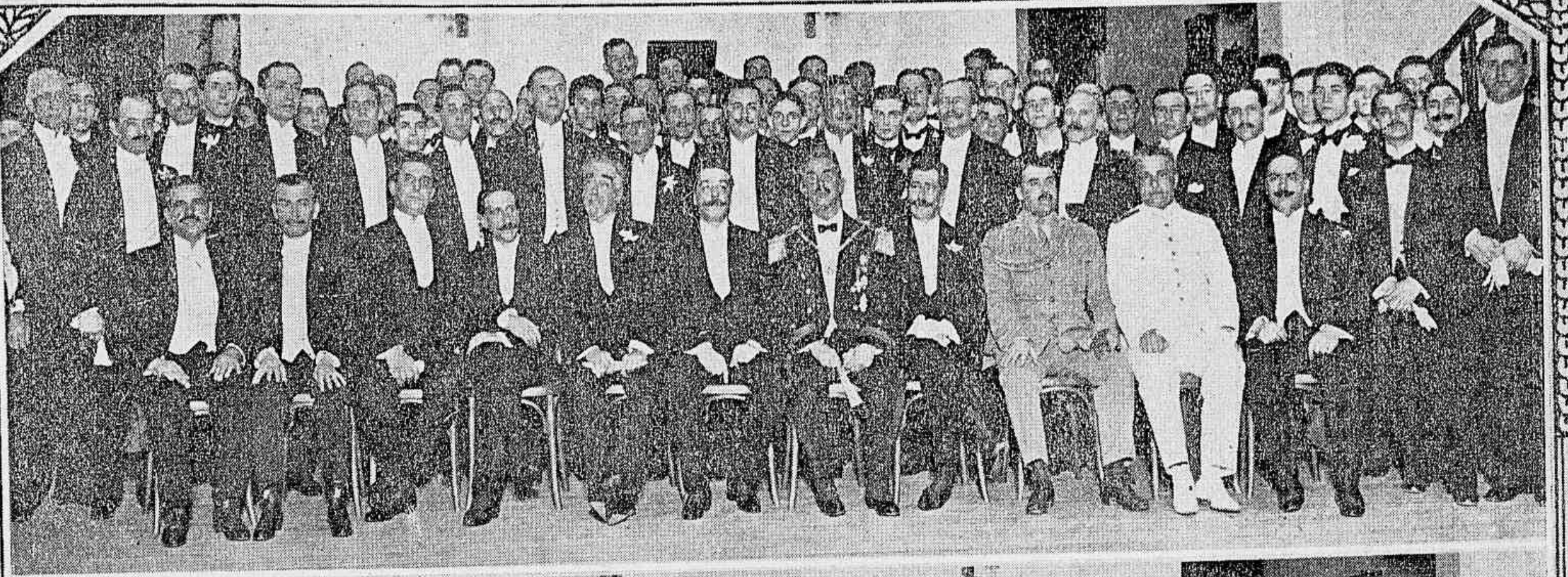
1—Posse da Directoria do Tiro de Mendes, vendo-se ao centro sentado o Sr. M. J. Carneiro Junior, presidente, e em pé o sr. Raphael Pinheiro, do Tiro da Imprensa e o Dr. Nuno Osorio de Almeida, do Tiro 5.

2—Grupo de senhorinhas que tomaram parte na festa de posse da Directoria do Tiro de Mendes.

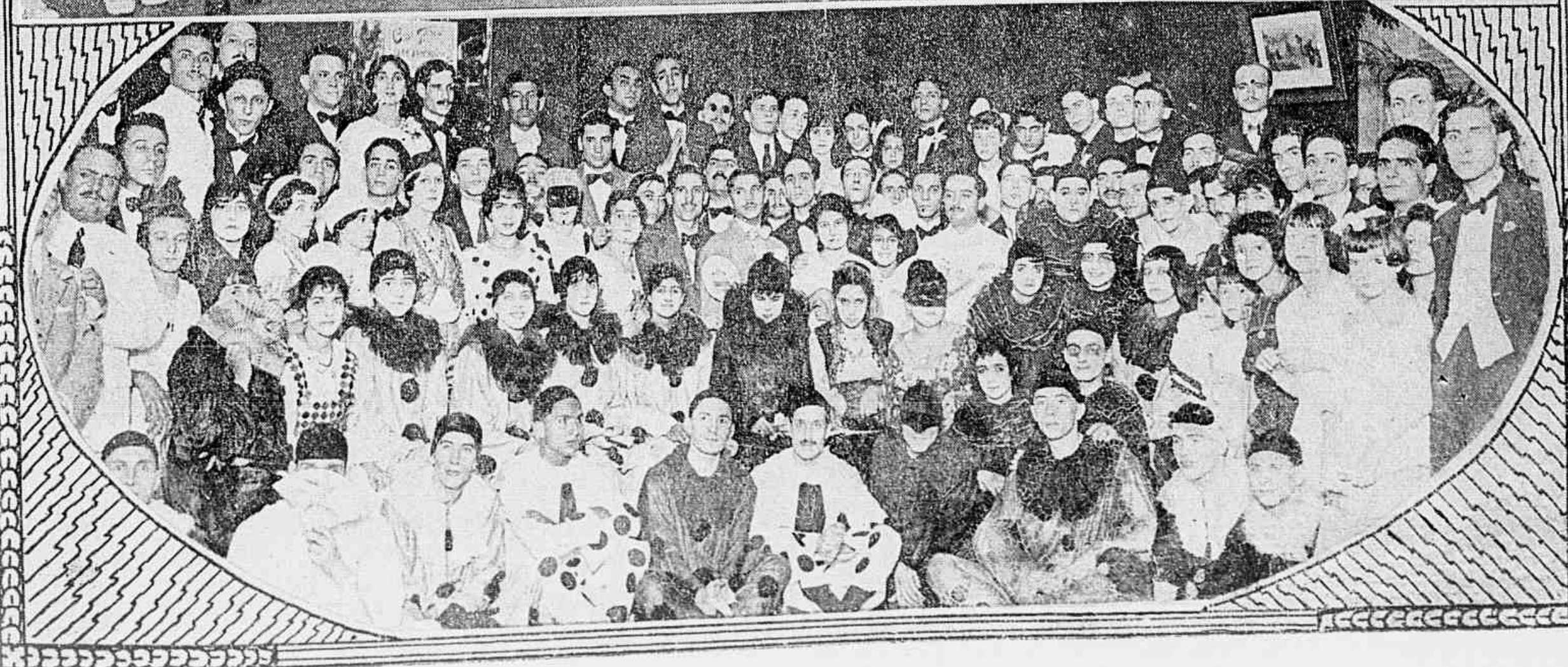
3—Grupo de inferiores do Tiro da Parahyba do Sul, 266 da Confederação brasileira.



O baile do Club Gymnastico Português



O baile do Orpheón da Juventude Portuguesa



A Missão Portuguesa no Orphéon-Club Juventude Portuguesa



1 — O sr. dr. Alexandre Braga, tendo a seus lados o presidente do Gremio Republicano e o presidente do Orphéon. 2 — Um aspecto da assistencia á festa.



O capacete dos aliados

Mister Edward Crossman refere do seguinte modo a historia da adopção e fabricação dos capacetes que são agora usados pelos soldados britannicos e francezes.

Pouco depois de começada a guerra, dous empregados technicos de uma Companhia metallurgica de Philadelphia apresentaram um modelo de capacete de sua invenção e levaram-n'o, para prova, ao campo de experiencias de uma das principais fabricas de explosivos dos Estados Unidos.

Fez-se a primeira experiencia, que resultou num fracasso, pois o capacete foi perfurado por um projectil disparado a 80 jardas de distancia. A essa, seguiram-se outras tres experiencias, que fracassaram egualmente.

Não desanimaram os inventores.

Decorrido algum tempo, apresentaram outro capacete que, experimentado nas mesmas condições, apenas soffreu uma amolgadura pelo choque do projectil. Mas não era sufficiente.

Tornaram os inventores aos seus calculos e combinações, e pouco depois apresentaram um novo modelo.

O exito foi decisivo dessa vez. Fez-se a experiencia, como nas anteriores, e o projectil nada pôde fazer que prejudicasse o capacete; e, no entanto, tratava-se de uma bala especial, de extraordinaria força de penetração e disparada com uma velocidade inicial de 900 metros por segundo.

A Revista da Semana

deseja aos seus numerosos leitores em todo o Brasil e aos seus estimados assignantes, annunciante e agentes um novo anno de prosperidade e de ventura, retribuindo, sinceramente penhorada, os cumprimentos endereçados á sua redacção por motivo da passagem do novo anno.

Para amolgar ligeiramente o capacete, foi necessario fazer sobre o mesmo ponto delle oito disparos, a uma distancia de 40 jardas apenas.

Foi esse modelo o adoptado.

Os animaes de Londres e o bombardeio

O effeito dos ultimos raids aereos sobre os animaes do Jardim Zoologico

de Londres foi notado pelos guardas, e o *Daily Mail* fez disso um interessante estudo.

Segundo o grande jornal, a attitudo dos hospedes do Jardim varia muito.

Emquanto os leões, os lobos e os chacaes, excitados pelas detonações, urram desesperadamente, os macacos e as gazelas ficam a tal ponto enervados que dão a impressão de irem adoeecer.

Contrariamente, manifestam os elephantes uma tranquillidade perfeita. Os enormes pachydermes que se impressionam á simples passagem de um gato, escutam com a maior phlegma as explosões que se multipliam em volta do jardim.

Quando o raid é nocturno, a maicria dos animaes entra nas jaulas. Em caso de raid diurno, pelo contrario, quasi todos — e principalmente os volateis — fixam o céu com attenção, parecendo tomar o maximo interesse pelos aviões que passam.

O Concerto em benefício das "Maisons Claires."



A comissão promotora, a orchestra de violinos e a assistência á festa realizada no dia 20, no salão da Associação dos Empregados no Commercio em beneficio da humanitaria instituição franceza.



O Lycée Franco-Anglais - Realisou a festa do NATAL DAS CRIANÇAS

1—Mesa que presidiu os trabalhos da festa das crianças no Lycée Franco-Anglais, dentre ellas se destacando os Srs Charles W. Armstrong e Léon Gouy, directores do Lycée, Coronel Tasso Fragoso (orador officia), Coronel Vieira Lima, Dr Min'ello e Mister Allan,

Vice-Director do G. Anglo Brasileiro. Esta photographia foi tirada na occasião em que fallava o Coronel Vieira Lima.

2—Parte onde estavam instaladas as arvores de Natal e onde foi offerecida uma grande quantidade de brinquedos ás crianças.



Esteve interessantissima a festa que os Srs Charles W. Armstrong e Léon Gouy, Directores d'aquelle acreditado estabelecimento de instrucção, offereceram ás crianças no dia 29 de Dezembro passado, em sua sede á rua Senador Vergueiro, 219. A festa que começou ás 19 h2 em ponto proseguiu até altas horas da madrugada ao som de uma orchestra dirigida por habéis professores.

Foi ora tor official d'esta festa o Snr. Coronel Tasso Fragoso que, depois de offerecer o festival ás crianças, enalteceu os serviços que acabam de prestar os Directores d'aquelle acreditado estabelecimento. Em seguida fallou o Snr. Vieira Lima que leu um discurso instructivo ás crianças que assistiram áquelle acto, sendo muito aplaudido. Depois foi distribuida grande quantidade de brinquedos ás crianças, as quaes em troca de seu convite recebiam um numero que lhes dava direito ao sorteio. Foi tambem offerecida lanta meza de doces, sorvetes, refrescos e gelados. Houve tambem uma parte interessante de longarim e outra de prestidigitación, sendo muito apreciadas pelos presentes, e findas ellas começaram as danças que se prolongaram até altas horas da noite.

Os seus directores, srs. Charles W. Armstrong e Léon Gouy, foram muito felicitados pela ordem e disciplina mantidas durante as festas das crianças.



Licoes da historia

Os Horacios e os Curiacios

Tullo Hostilio, terceiro rei de Roma, prevaleceu-se de algumas hostilidades dos Albanos para declarar guerra a esse povo. Roma e Alba concordaram em entregar seus destinos ás mãos de tres guerreiros escolhidos em cada exercito: do lado dos Romanos, eram os tres irmãos Horacios; do lado dos Albanos, os tres irmãos Curiacios. Quem tivesse a victoria teria o imperio. Dado o signal, os seis guerreiros enfrentaram-se, de gladio em punho, levando no coração a coragem dos dous grandes exercitos. No primeiro embate, dous Romanos caíram mortos; os tres Albanos estavam feridos. Fraco de mais para lutar contra esses tres inimigos e mais forte que cada um delles separadamente, porque não estava ferido, recorreu o ultimo Horacio a um estratagem. Fugiu rapidamente; depois, voltando-se, percebeu os Curiacios a grande distancia uns dos outros. Precipitou-se sobre o que se achava mais proximo e atravessou-o com a espada; o segundo Curiacio teve immediatamente a mesma sorte, e o terceiro, depauperado pelo ferimento e pela corrida, e vencido de antemão pela morte de seus irmãos, entregou o pescoço ao ferro do vencedor.

Horacio, carregado de despojos inimigos, foi reconduzido em triumpho pelos Romanos. Encontrou elle sua irmã que tinha sido promettida em casamento a um dos Curiacios e que, vendo sobre os hombros de seu irmão o casaco militar que ella propria tecera com suas mãos, não pôde reter as lagrimas e os soluços. Horacio atravessou a joven com a espada, exclamando: "Vae te, irmã desnaturada, tu que esqueces teus irmãos e tua patria, vae te juntar áquelle por quem só tu mostras tanto amor. Morre, como toda Romana que chorar o inimigo de Roma!"

Este crime revoltou todos os cidadãos; Horacio condemnado á morte pelos magistrados, appellou para o povo. A eloquencia e as lagrimas de seu velho pae fizeram com que fosse absolvido; foi apenas condemnado a uma multa.

Agesilau * * * * *

Agesilau, rei de Sparta, vencedor de Coronéa, parecia esquecer no seio de sua familia toda a grandeza que o cercava, para se dedicar ás caricias de um filhinho; e a Grecia via com surpresa esse monarcha, o terror dos inimigos

de Sparta, correr montado em um bastão, para divertir o herdeiro de seu throno.

Foi um chocarreiro, certo dia, testemunha dessa scena, ridicula aos olhos de uma alma vulgar, e pôz-se a rir diante de Agesilau.

— Meu amigo — disse-lhe o principe — cala-te por enquanto: espera para quando fores pae, para poderes zombar daquelles que o são.

Batalha de Castiglione * * * *

A batalha de Castiglione foi ganha por Bonaparte sobre os austriacos em 5 de agosto de 1796.

Pelo fim de julho, o general Wurmser desceu do Tyrol, á frente de 60 000 homens, para libertar Mantua, sitiada pelos 30.000 soldados de Bonaparte.

Commetteu o erro de dividir suas tropas em duas columnas. Bonaparte aproveitou-se disso para batel as separadamente. Levantou o sitio de Mantua



CASTIGLIONE

e, de 31 de julho a 4 de agosto, derrotou perto de Lonato as tropas de Quadenowich. Depois voltou-se contra Wurmser, e offereceu-lhe batalha em 5 de agosto, após ter-se apoderado, a 4, por meio de um ouado estratagem, de uma divisão inimiga desviada. Encontrou-o perto das aldeias de Castiglione e Solferino e, após um brilhante combate, arrebatou-lhe a chave de suas posições, o monte Medole. Depois atirou-o para o Tyrol, em seguida a haver-se apoderado de vinte canhões, e retomou em meados de agosto o bloco de Mantua.

Napoleão, commemorando a victoria obtida em Castiglione delle Stivieri, na provincia de Mantua, junto do lago de Guarda, concedeu ao marechal Augereau o titulo de duque de Castiglione, com a liberalidade com que costumava premiar os herces.

Frederico e seu cocheiro * * * *

O cocheiro de Frederico, rei da Prussia, atirou-o certo dia em um fosso. Felizmente não se feriu o rei; mas tomou-se de violenta colera contra seu velho servidor e caminhou para elle, de bengala erguida, prompto a esbordoal-o, quando este lhe disse:

— Senhor, não chegaste já a perder batalhas, vós que sois, todavia, o mais habil general do mundo? Pois bem! foi uma batalha que eu perdi tambem, e a primeira depois de trinta annos! O monarcha riu e perdou.

Pio VII * * * * *

Durante os dias que precederam á coroação de Napoleão, recebeu o papa Pio VII, no palacio das Tulherias, onde se achava installado, as homenagens de todas as auctoridades da capital e dos homens mais eminentes do paiz. Consequira realmente a estima geral: Paris inteiro fazia justiça ás suas peregrinas virtudes.

Acolhiam-se com agrado suas mais simples palavras; repetiam todos esta resposta nobre e tocante, que acabou por dar uma alta idéa do character pessoal desse digno pontifice. Atravesava elle uma sala do palacio, distribuindo benções ás pessoas que a piedade ou a curiosidade haviam attrahido á sua passagem; a multidão estava ajoelhada; um joven apenas ficara de pé, affectando desprezo pela benção do papa. Pio VII adiantou-se e, estendendo o braço para elle, disse com uma bondade encantadora:

— Receba-a sempre, senhor: a benção de um velho nunca faz mal.

Metello * * * * *

Após a batalha de Actium, Augusto, vencedor passou em revista os prisioneiros. Metello, um de seus mais cruéis inimigos, era desse numero.

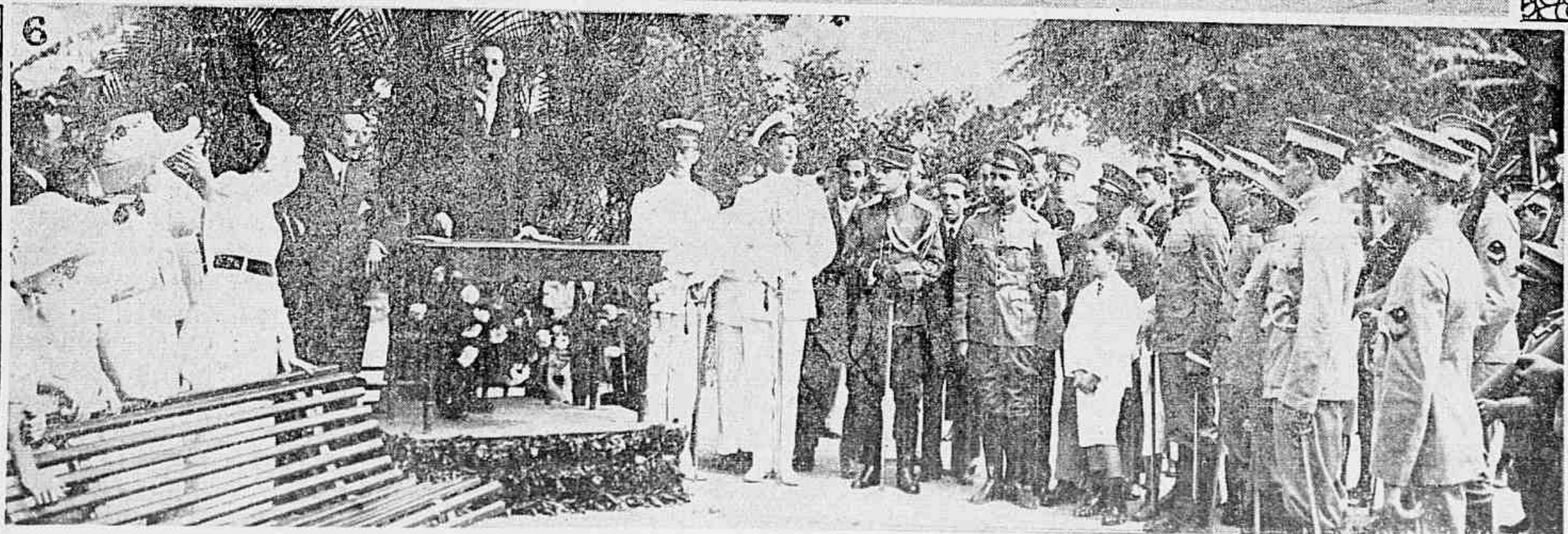
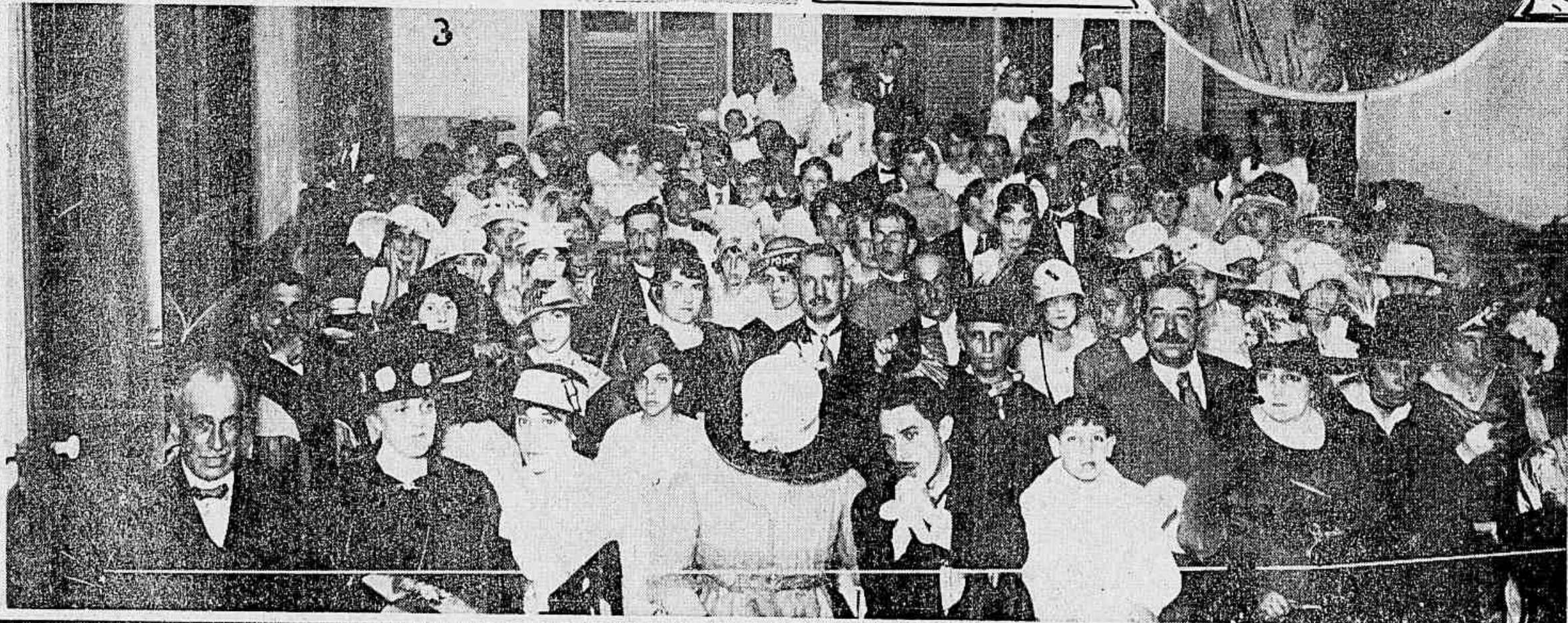
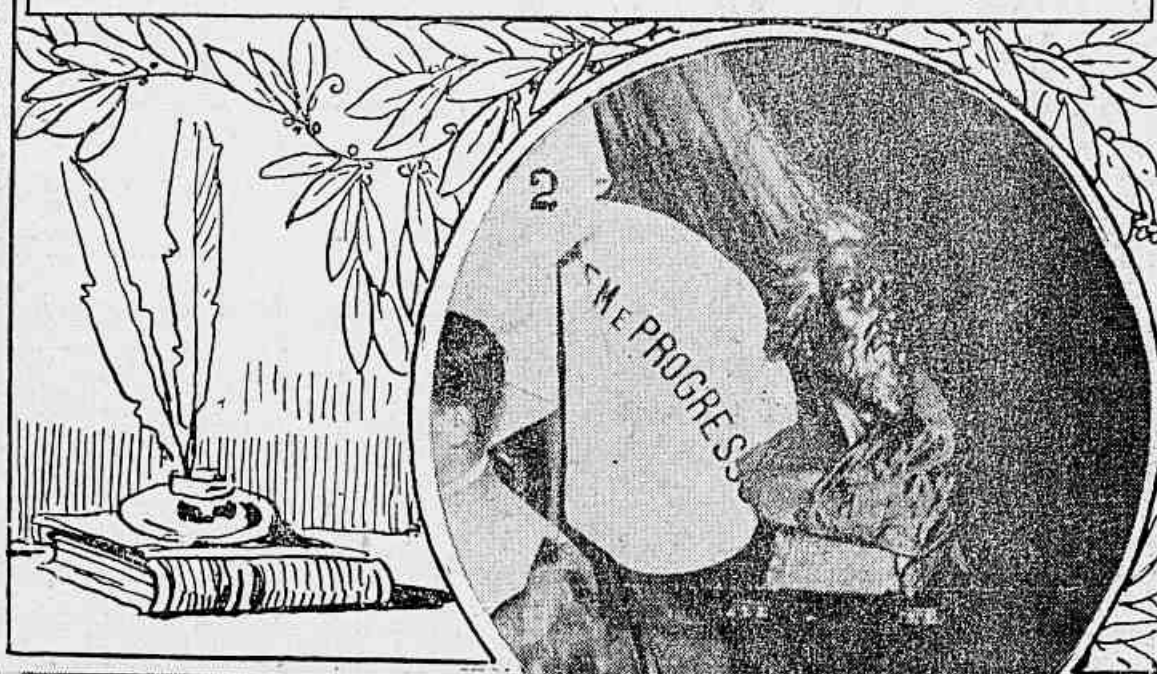
Posto que a miseria e a desgraça o houvessem desfigurado horivelmente, seu filho, que servia no exercito victorioso, reconheceu-o e lançou-se em seus braços, voltando-se em seguida com as lagrimas nos olhos, para Augusto:

"Senhor, disse-lhe, meu pae foi vosso inimigo, e como tal merece a morte; mas eu vos servi lealmente, e mereço uma recompensa: como premio aos meus serviços, concedei a vida a meu pae, ordene que eu morra em seu logar." Augusto, apiedado do joven Metello, perdou a seu pae.

Encerramento das aulas no — estabelecimento que introduziu

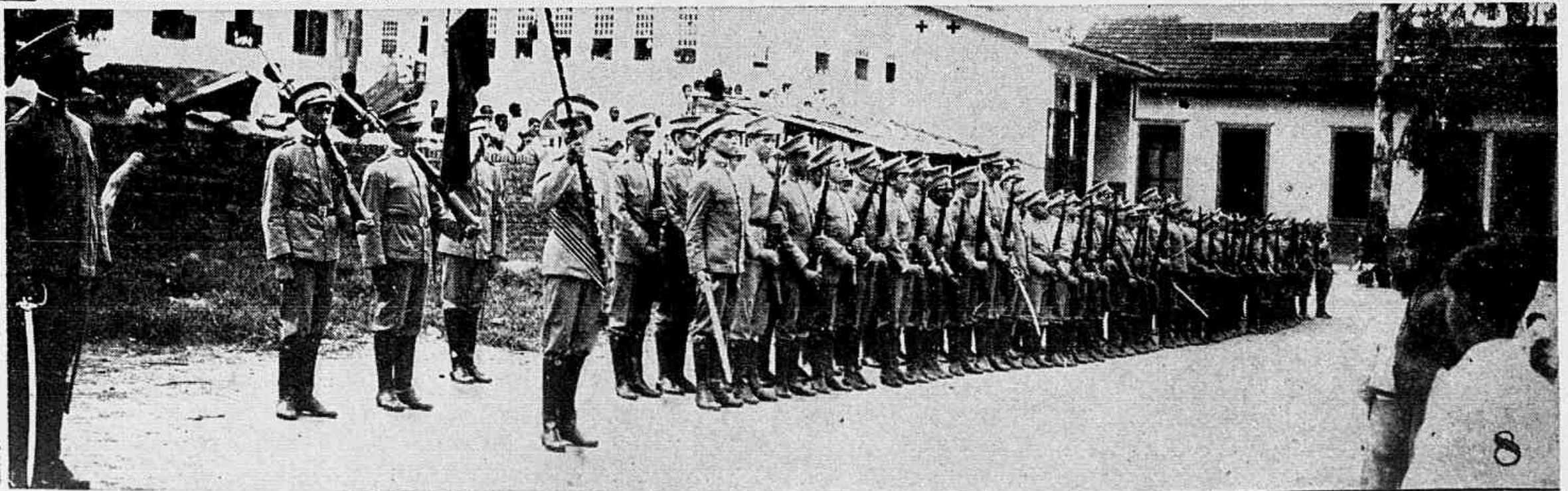
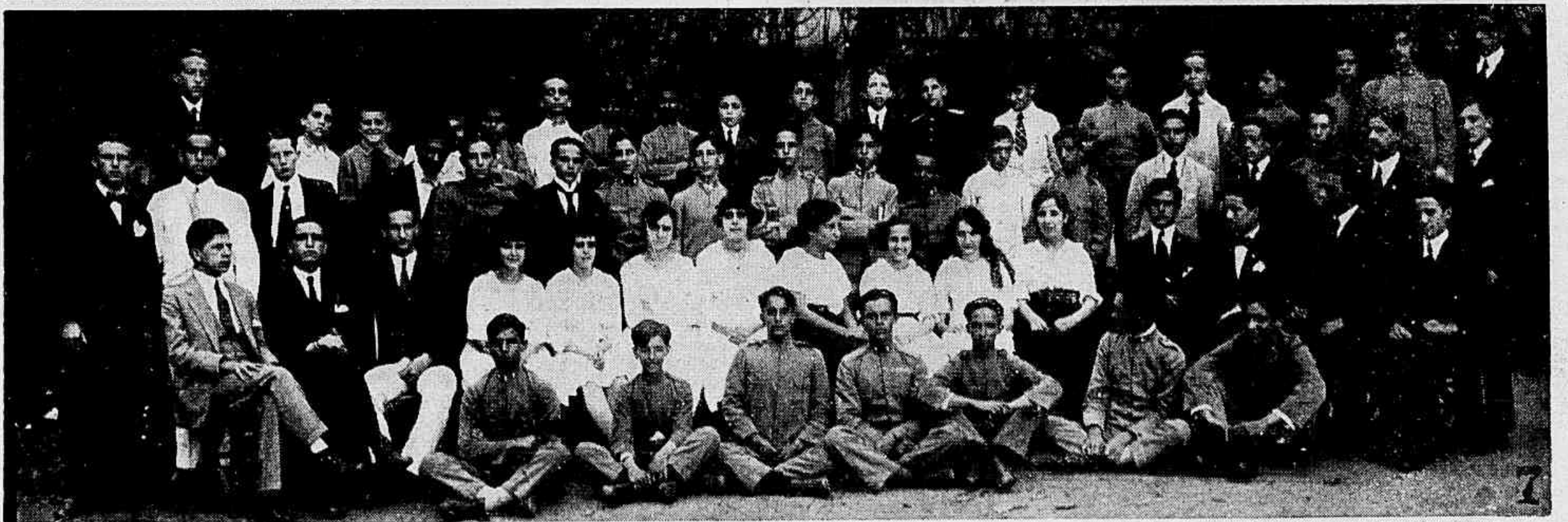


1—Fachada do prédio das secções gymnasial e commercial, á rua Haddock Lobo, 419. 2—Busto de Tiradentes, trabalho de Adalberto Mattos, inaugurado durante a cerimonia. 3 e 4—Deslumbrante aspecto da selecta assistencia no salão nobre do Instituto por occasião da festa de encerramento das aulas. 5—Animado grupo de alumnos da secção primaria, destacando-se ao centro a poetisa



"Instituto La Fayette", o modelar entre nós os methods americanos

Laura da Fonseca e Silva, professora do Jardim da Infancia. 6—O director, Sr. La Fayette Cortes, fallando sobre a criação da Companhia de alumnos, ladeado pelo poeta Olavo Bilac e pelos representantes do ministro da guerra, general commandante da 5ª região militar, director do Tiro de Guerra e Tenente Menna Barreto, instructor. 7—Grupo parcial de alumnos apresentados aos exames finais do Pedro II onde obtiveram até esta data a feliz percentagem de 90 % de approvações. 8—A companhia escolar, á voz de continencia á Bandeira, no vasto e confortável pateo do Instituto. 9—Fachada da seccão primaria, á rua Haddock Lobo 447.



Conto da "REVISTA"

O ultimo "WERTHER" Conto de Peris Rueda



Eu estivera enfermo alguns dias, e quando tornei á redacção soube que Vicente Badal acabava de ser admittido no jornal. Estella, o critico de arte, foi quem m'o apresentou:

— Vicente Badal, novo redactor de "O Popular". Pedro Ramirez...!

Ao apertar-lhe a mão, que me estendera confuso, não pude furtar-me a um ligeiro estremecimento. Aquella mão que eu apertava dava-me a sensação de um frio sinistro e estranho. Isto fez com que eu fixasse mais detidamente minha attenção naquelle rapaz singular.

Vicente Badal tinha vinte annos. Seu rosto, em que crescia uma barba negra, rala, de longe em longe aparada, era anguloso e tinha uma pallidez inquietante. Cobria-lhe o labio superior um bigode pequenino, contrastando com seu deselegante corpo enfermizo e franzino. A unica cousa bella e attrahente de sua pessoa eram os olhos. Uns olhos grandes e negros, em que vagava constantemente a luz de uma perenne melancolia interior.

Trajava uma roupa azul muito escura, que parecia haver recolhido o pó de todos os caminhos e haver soffrido o so' de estios rigorosos e intermináveis. Uma enorme gravata negra e fluctuante enlaçava-lhe o pescoço.

Causou a todos nós, redactores, uma sensação hilariante e comica nos primeiros dias. Quando Badal apparecia, alguns, para que elle não surprehendesse seus sorrisos de mofa, levantavam-se precipitadamente e afastavam-se da meza geral de trabalho. Elle, imperturbavel, saudava com uma ligeira inclinação de cabeça, solenne e silencioso, e sentava-se immediatamente á secretaria, mergulhando a cabeça no

o director na redacção e disse:

— Olça, senhor Badal! Poderia o senhor fazer um artigo sobre as difficuldades da subsistencia?

Tirou o relógio e accrescentou:

— São doze horas; á uma deve estar o artigo na machina...

Todos os olhares voltaram-se para Badal. Elle, teso, aninso, como de costume, limitou-se a inclinar a cabeça affirmativamente. O director partiu, recommendando:

— Pois bem; mãos á obra.

Observei como meus camaradas olhavam-se de soslaio, sorrindo maliciosamente e gozando anticipadamente o fracasso de Badal. Desejei de toda minh'alma que o infeliz acertasse.

Ao voltar o director, Badal, um pouco emphatico, e com muita gravidade, entregou-lhe o artigo terminado. Ali mesmo, leu-o o director:

— Sim...; é isto...; agrada-me. Mas, homem de Deus! por que escreveu o senhor, com tão grandes letras, seu nome?

Entregou-lhe as tiras e ordenou-lhe: — Assigne com um pseudonymo; é melhor...

Badal perturbou-se um pouco, parecendo soffrer uma immanza contrariedade. Pensou por alguns instantes, com a penna na mão; e com um movimento brusco, como se temesse perder a luminosa idéa, escreveu o pseudonymo pedido.

O director deu uma gargalhada:

— Werther...? Ora, senhor Badal! Como lhe ocorreu este pseudonymo tão romantico sob estas linhas tão prosaicas, em que se fala das batatas, do arroz e dos feijões...? Tem graça!

No dia seguinte appareceu na primeira pagina de "O Popular" o artigo "O problema da subsistencia". O ti-

monte de telegrammas, que traduzia lentamente.

Eu, desde o primeiro instante, comecei sentir por elle uma affectiva suggestão.

Durante os meus primeiros meses, Vicente Badal trabalhava methodicamente, sem pronunciar palavra. Chegava, fazia uma leve inclinação de cabeça, e em seguida deitava os telegrammas e fazia a secção de "Bancos e Bolsa" sem sequer os olhos da secretaria.

Uma noite, appareceu inesperadamente

tulo e o pseudonymo no Werther contrastava de um modo rude e original.

Desde aquelle dia começaram todos a tratá-lo, um pouco ironicamente, pelo tragico nome do personagem de Goethe.

Atravéz da sua característica immutabilidade, julguei perceber que a publicação de seu trabalho lhe havia produzido n'alma um ineffavel alvoroço. Fecitámo-lo pelo triumpho. E nesse ponto estreitou-se intimamente minha amizade com aquelle rapaz estranho que tinha as mãos tão frias.

Dia a dia, era nossa amizade mais profunda e forte. Varias vezes, levado por meu carinho para com elle, tive que defendê-lo das brincadeiras desapiedadas de meus companheiros.

Uma noite, Vicente Badal apresentou-se na redacção com um exquisito chapéo duro. Houve risadas formidáveis e chacotas. Observei logo que varios de nossos confrades, e entre elles Estella, que tinha fama de burlador e engenhoso, segredavam se, como se machinassem alguma cousa perversa e abominavel.

Às quatro da madrugada, quando terminámos nosso trabalho, elle e eu levantámo-nos em primeiro. Badal, que sahia adiante, chamava-me da entrada com voz angustiosa:

— Ramirez! Ramirez! Olha... E' horrivel!

Acudi de um salto. Achei-o resignadamente desesperado. Haviam derramado varios tinteiros no chapéo, e ao collocar-o sujara a cabeça e a roupa desastradamente. Fiquei indignado. Por causa daquella brincadeira de mau gosto, briguei com Estella, com quem não mais falei.

Não sei a que pretexto, levou-me Badal um dia a sua casa, um terceiro andar de uma viella tortuosa. Fiquei pasmo com a lugubre escuridão daquellas pequenas habitações, cujo ambiente tinha um penetrante cheiro de humidade. Ao passar por um corredor, indicou-me uma alcova tetra:

— Olha: aqui morreu meu pae.

Eu, sem saber por que, intimidei-me.

— Com quem vives? — indaguei.

— Vivo com minha mãe. Não tenho mais ninguem.

Conduziu-me ao seu quarto, um aposento pequeno e escuro, onde havia uma velha cama de ferro e uma meza abarrotada de periodicos atrasados, papeis rasgados, livros velhos e desencadernados e pennas mofadas, junto de um tintiro sujo.

Pensei que aquella habitação deveria influir poderosamente no estranho espirito de Badal, em seu rosto amarello, em suas mãos continuamente geladas...

Como se fosse mostrar-me uma cousa mysteriosa e peregrina, tirou da meza umas tiras escriptas a lapis:

— Olha, Ramirez — disse-me confidencialmente. — Estou terminando um drama... Um lindo drama!

Pareceu vacillar antes de proseguir, como se temesse revelar-me algum segredo de seu coração. Por fim, decidiu-se:

— E' o drama de minha vida, sabes? A crystallização de minhas dores, de minhas illusões desfeitas, a angustia de um unico e desgraçado amor... tudo...!

Sorri discretamente e tratei de indagar:

— Conta-me, Badal; conta-me...

Nada me disse, então. Mais tarde, porém, revelou-me uma historia vulgarissima. Estivera loucamente enamorado. E sua paixão, como a do immortal Romeu, transformou-se em loucura no seu cerebro e em obsessão no seu espirito. Ella, no emtanto, não o amava. Aceitara suas relações com um proposito ignominioso: o de enciumar um estudante a quem idolatrava. E tratava Badal com uma altivez desdenhosa e offensiva. A's vezes era tão cruel, tão sem misericordia e inclemente que Badal, com um atroz pezar na alma, pensava no suicidio.

— Horrivel, Ramirez, horrivel...! Calcula que uma noite, como sempre, quando cheguei a sua casa... Os visinhos pareciam olhar-me de uma maneira... Chamei á porta, tremulo, porque presentia que ia succeder alguma coisa bem desagradavel. Ninguém respondeu. Tornei a insistir, cheio de inquietação e tristeza. Subito, ouvi a voz fatigada de sua mãe. Afogada em dôr, por sua filha e pelo meu pezar, deu-me a fatal noticia. Ella havia fugido! Fugira com outro!..

E pronunciou estas palavras com uma dor tão sincera que eu senti uma horrivel afflicção.

Vicente Badal julgava-se tão pequeno, tão insignificante que, ás vezes, me confessava cheio de lastima:

— Riem-me todos de mim e desprezam-me. Ferem-me com suas zombarias; escarnecem de mim. Se ao menos eu conseguisse estrear algum dia meu drama!

Parecia que toda sua felicidade, toda sua illusão se cifrava em que o conhecessem e soubessem que Vicente Badal existia, como os outros, sobre a terra e que, não obstante seu corpo franzino, era por seu talento capaz de grandes obras.

Para satisfazer ao director, a quem não cessava de entregar artigos que nunca publicava, não faltava uma só noite á redacção, e traduzia com uma heroica e tenaz resignação aquelles difficeis e enigmaticos telegrammas o mais literariamente possível. Constituia-se, além disso, em servidor de todos, executando quanto lhe ordenavam com uma mansidão que me irritava.

Ao convencer-se de que o director, a despeito de suas cénstantes promessas, não publicava nenhum artigo seu, o infeliz ficava desesperado. Cada dia, via-o mais triste e preocupado:

— Que é que tens, Badal? Algum novo amor?

Não; não era nenhum outro amor. Era, segundo me assegurava, uma terrivel melancolia que se apoderara de sua vida; um pessimismo medonho que não lhe permitia rir, nem gozar a juventude, vendo a impossibilidade de conquistar um nome, sabendo que todos os horizontes se fechavam diante de seus olhos...

— E' caso para suicidio, querido Ramirez! Se eu estreasse o drama, as cousas mudariam! Se não...

— E' necessario que tenhas paciencia — respondi, confortando-o. — Talvez tenhamos que dedicar-te muito breve um par de columnas em *O Popular* e em toda a imprensa. Quando estreares o drama, ou publicares tua primeira novela ou teu primeiro volume de versos... Ha de chegar o tempo!

Olhou-me fixamente. Depois exclamou:

— Promettes-me que, se alguma vez eu fizer alguma coisa digna de que todos saibam, tu me dedicarás duas columnas em *O Popular*?

— Prometto — respondi.

— Juras?

— Juro!

E continuámos falando de cousas indifferentes, em caminho da redacção. A noite estava chuvosa e melancolica. No céu negro, as nuvens immoveis pareciam abysmos.

Quando me communicaram que Vicente Badal suicidara-se, tive uma impressão dolorosissima e terrivel.

Ao chegar a sua casa, sua mãe, louca de dôr, teve ainda forças para perguntar-me:

— E' o senhor Pedro Ramirez?

E deu-me, entre soluços, uma carta fechada, que seu filho lhe havia dado antes.

Dentro do envelope encontrei uma tira em que Badal escrevera a lapis:

“Querido Ramirez: Prometteste uma noite dedicar-me duas columnas de *O Popular* se algo eu fizesse digno de ser sabido. Não estreei meu drama, nem publiquei meu primeiro livro... Nunca triumpharia. Todas as cousas e todos os homens voltavam se ferozmente contra mim! Mas fiz alguma coisa mais transcendental que tudo isso e mereço, portanto, que cumpras tua palavra.”

Escrevi um artigo muito lyrico, muito sentimental, muito sentido, que intitulei pomposamente: “Vicente Badal, o sonhador.” Derramei nelle parte da dôr que sentia pela tragica morte de meu amigo, e todo o amor que lhe dedicara em vida.

O director accitou-o, para tributar um elogio posthumo ao companheiro desaparecido. Já eu o havia entregue á composição quando de repente, aquella noite, começou o telephone a soar escandalosamente. Toda a redacção movimentou-se. Chegavam noticias de que havia sido colhido e mor-

to um dos *espadas* mais em voga. Uma desgraça, uma verdadeira catastrophe nacional!

O director, impetuoso, violento, começou a gritar:

— E' necessario entrar essa noticia! Vamos vêr! Já está composto o jornal? Que originaes ha na primeira pagina? Artigo de fundo, ‘Declarações do presidente...’ Não póde supprimir-se! Que mais? “Vicente Badal, o sonhador”? Que é isto? Ah! é o artigo necrologico de Ramirez! Tira-se isto!

E o artigo foi retado.

Não havia recurso algum. Urgia entrar a noticia de ta'hada, enorme, sentida, sobre o toureiro que encontrara a morte no red'nde, onde a procurara tantas vezes. E Badal foi posto de lado! Foi impietosamente sacrificado aquelle sentido necrologio em que eu vasara toda minh'alma de amigo, que conseguira entender um pouco do espirito daquelle pobre rapaz que, como Werther, buscara na morte a redempção.

A mim tambem invadiu então, como em suas posthumas lamentações escrevera Badal, uma surda indignação por todas as cousas e por todos os homens, que pareciam congregados ainda contra elle.

E o artigo nunca se publicou. Onde deviam figurar aquellas linhas, em que eu falava do infeliz Badal, do querido companheiro, suicida como o proprio Werther, appareceu a noticia de reportagem, minuciosa e prolixa, do popular toureiro.

E o appellido do *espada* supplantou victoriosamente o nome tão desconhecido quão genial do joven escriptor, morto em um transporte absurdo e romantico, talvez para que as creaturas soubessem que havia passado pela vida...

(Do hespanhol,
de E. PERIS RUEDA.)



Conto da "REVISTA"

O ultimo "WERTHER" Conto de Peris Rueda



Eu estivera enfermo alguns dias, e quando tornei á redacção soube que Vicente Badal acabava de ser admittido no jornal. Estella, o critico de arte, foi quem m'o apresentou:

— Vicente Badal, novo redactor de "O Popular". Pedro Ramirez...

Ao apertar-lhe a mão, que me estendera confuso, não pude furtar-me a um ligeiro estremecimento. Aquella mão que eu apertava dava-me a sensação de um frio sinistro e estranho. Isto fez com que eu fixasse mais detidamente minha attenção naquella rapaz singular.

Vicente Badal tinha vinte annos. Seu rosto, em que crescia uma barba negra, rala, de longe em longe aparada, era anguloso e tinha uma pallidez inquietante. Cobria-lhe o labio superior um bigode pequenino, contrastando com seu deselegante corpo enfermizo e franzino. A unica coisa bella e attrahente de sua pessoa eram os olhos. Uns olhos grandes e negros, em que vagava constantemente a luz de uma perenne melancolia interior.

Trajava uma roupa azul muito escura, que parecia haver recolhido o pó de todos os caminhos e haver soffrido o so' de estios rigorosos e intermináveis. Uma enorme gravata negra e fluctuante enlaçava-lhe o pescoço.

Causou a todos nós, redactores, uma sensação hilariante e comica nos primeiros dias. Quando Badal apparecia, alguns, para que elle não surprehen desse seus sorrisos de mofa, levantavam-se precipitadamente e afastavam-se da meza geral de trabalho. Elle, imperturbavel, saudava com uma ligeira inclinação de cabeça, solempne e silencioso, e sentava-se immediatamente á secretaria, mergulhando a cabeça no

o director na redacção e disse:

— Oiga, senhor Badal! Poderia o senhor fazer um artigo sobre as difficuldades da subsistencia?

Tirou o relógio e accrescentou:

— São doze horas; á uma deve estar o artigo na machina...

Todos os olhares voltaram-se para Badal. Elle, teso, aninso, como de costume, limitou-se a inclinar a cabeça affirmativamente. O director partiu, recommendando:

— Pois bem; mãos á obra.

Observei como meus camaradas olhavam-se de soslaio, sorrindo maliciosamente e gozando anticipadamente o fracasso de Badal. Desejei de toda minh'alma que o infeliz acertasse.

Ao voltar o director, Badal, um pouco emphatico, e com muita gravidade, entregou-lhe o artigo terminado. Ali mesmo, leu-o o director:

— Sim...; é isto...; agrada-me. Mas, homem de Deus! por que escreveu o senhor, com tão grandes letras, seu nome?

Entregou-lhe as tiras e ordenou-lhe:

— Assigne com um pseudonymo; é melhor...

Badal perturbou-se um pouco, parecendo soffrer uma immensa contrariedade. Pensou por alguns instantes, com a perna na mão; e com um movimento brusco, como se temesse perder a luminosa idéa, escreveu o pseudonymo pedido.

O director deu uma gargalhada:

— Werther...? Ora, senhor Badal! Como lhe occorreu este pseudonymo tão romantico sob estas linhas tão prosaicas, em que se fala das batatas, do arroz e dos feijões...? Tem graça!

No dia seguinte appareceu na primeira pagina de "O Popular" o artigo "O problema da subsistencia". O ti-

monte de telegrammas, que traduzia lentamente.

Eu, desde o primeiro instante, comecei sentir por elle uma affectiva suggestão.

Durante os meus primeiros meses, Vicente Badal trabalhava methodicamente, sem pronunciar palavra. Chegava, fazia uma leve inclinação de cabeça, e em seguida deitava os telegrammas e fazia a secção de "Bancos e Bolsa" sem sequer os olhos da secretaria.

Uma noite, appareceu inesperadamente

tulo e o pseudonymo no Werther contastava-nos de um modo rude e original.

Desde aquelle dia começaram todos a tratá-lo, um pouco ironicamente, pelo tragico nome do personagem de Goethe.

Atravéz da sua característica immutabilidade, julguei perceber que a publicação de seu trabalho lhe havia produzido n'alma um ineffavel alvoroço. Felicitámo-lo pelo triumpho. E nesse ponto estreitou-se intimamente minha amizade com aquelle rapaz estranho que tinha as mãos tão frias.

Dia a dia, era nossa amizade mais profunda e forte. Varias vezes, levado por meu carinho para com elle, tive que defendê-lo das brincadeiras desapiedadas de meus companheiros.

Uma noite, Vicente Badal apresentou-se na redacção com um exquisito chapéu duro. Houve risadas formidaveis e chacotas. Observei logo que varios de nossos confrades, e entre elles Estella, que tinha fama de burlador e engenhoso, segredavam-se, como se machinassem alguma cousa perversa e abominavel.

Às quatro da madrugada, quando terminámos nosso trabalho, elle e eu levantámo-nos em primeiro. Badal, que sahira adiante, chamava-me da entrada com voz angustiosa:

— Ramirez! Ramirez! Olha... E' horrivel!

Acudi de um salto. Achei-o resignadamente desesperado. Haviám derramado varios tinteiros no chapéu, e ao colloca-lo sujara a cabeça e a roupa desastrosamente. Fiquei indignado. Por causa daquella brincadeira de mau gosto, briguei com Estella, com quem não mais falei.

Não sei a que pretexto, levou-me Badal um dia a sua casa, um terceiro andar de uma viella tortuosa. Fiquei pasmo com a lugubre escuridão daquellas pequenas habitações, cujo ambiente tinha um penetrante cheiro de humidade. Ao passar por um corredor, indicou-me uma alcova tetra:

— Olha: aqui morreu meu pae.

Eu, sem saber por que, intimidei-me.

— Com quem vives? — indaguei.

— Vivo com minha mãe. Não tenho mais ninguém.

Conduziu-me ao seu quarto, um aposento pequeno e escuro, onde havia uma velha cama de ferro e uma meza abarrotada de periodicos atrasados, papeis rasgados, livros velhos e desencadernados e pennas mofadas, junto de um tinteiro sujo.

Pensei que aquella habitação deveria influir poderosamente no extranho espirito de Badal, em seu rosto amarello, em suas mãos continuamente geladas...

Como se fosse mostrar-me uma cousa mysteriosa e peregrina, tirou da meza umas tiras escriptas a lapis:

— Olha, Ramirez — disse-me confidencialmente. — Estou terminando um drama... Um lindo drama!

Pareceu vacillar antes de proseguir, como se temesse revelar-me algum segredo de seu coração. Por fim, decidiu-se:

— E' o drama de minha vida, sabes? A crystallização de minhas dores, de minhas illusões desfeitas, a angustia de um unico e desgraçado amor...; tudo...!

Sorri discretamente e tratei de indagar:

— Conta-me, Badal; conta-me...

Nada me disse, então. Mais tarde, porém, revelou-me uma historia vulgarissima. Estivera loucamente enamorado. E sua paixão, como a do immortal Romeu, transformou-se em loucura no seu cerebro e em obsessão no seu espirito. Ella, no entanto, não o amava. Aceitara suas relações com um proposito ignominioso: o de enciumar um estudante a quem idolatrava. E tratava Badal com uma altivez desdenhosa e offensiva. A's vezes era tão cruel, tão sem misericórdia e inclemente que Badal, com um atroz pezar na alma, pensava no suicidio.

— Horrivel, Ramirez, horrivel...! Calcula que uma noite, como sempre, quando cheguei a sua casa... Os visinhos pareciam olhar-me de uma maneira... Chamei á porta, tremulo, porque presentia que ia succeder alguma coisa bem desagradavel. Ninguém respondeu. Tornei a insistir, cheio de inquietação e tristeza. Subito, ouvi a voz fatigada de sua mãe. Afogada em dôr, por sua filha e pelo meu pezar, deu-me a fatal noticia. Ella havia fugido! Fugira com outro!..

E pronunciou estas palavras com uma dor tão sincera que eu senti uma horrivel afflicção.

*

Vicente Badal julgava-se tão pequeno, tão insignificante que, ás vezes, me confessava cheio de lastima:

— Riem-me todos de mim e desprezam-me. Ferem-me com suas zombarias; escarnecem de mim. Se ao menos eu conseguisse estrear algum dia meu drama!

Parecia que toda sua felicidade, toda sua illusão se cifrava em que o conhecessem e soubessem que Vicente Badal existia, como os outros, sobre a terra e que, não obstante seu corpo franzino, era por seu talento capaz de grandes obras.

Para satisfazer ao director, a quem não cessava de entregar artigos que nunca publicava, não faltava uma só noite á redacção, e traduzia com uma heroica e tenaz resignação aquelles difficeis e enigmaticos telegrammas o mais literariamente possivel. Constituia-se, além disso, em servidor de todos, executando quanto lhe ordenavam com uma mansidão que me irritava.

Ao convencer-se de que o director, a despeito de suas cénstantes promessas, não publicava nenhum artigo seu, o infeliz ficava desesperado. Cada dia, via-o mais triste e preocupado:

— Que é que tens, Badal? Algum novo amor?

Não; não era nenhum outro amor. Era, segundo me assegurava, uma terrivel melancolia que se apoderara de sua vida; um pessimismo medonho que não lhe permittia rir, nem gozar a juventude, vendo a impossibilidade de conquistar um nome, sabendo que todos os horizontes se fechavam diante de seus olhos...

— E' caso para suicidio, querido Ramirez! Se eu estreasse o drama, as cousas mudariam! Se não...

— E' necessario que tenhas paciencia — respondi, confortando-o. — Talvez tenhamos que dedicar-te muito breve um par de columnas em *O Popular* e em toda a imprensa. Quando estreares o drama, ou publicares tua primeira novela ou teu primeiro volume de versos... Ha de chegar o tempo!

Olhou-me fixamente. Depois exclamou:

— Promettes-me que, se alguma vez eu fizer alguma coisa digna de que todos saibam, tu me dedicarás duas columnas em *O Popular*?

— Prometto — respondi.

— Juras?

— Juro!

E continuámos falando de cousas indifferentes, em caminho da redacção. A noite estava chuvosa e melancolica. No céu negro, as nuvens immoveis pareciam abysmos.

Quando me communicaram que Vicente Badal suicidara-se, tive uma impressão dolorosissima e terrivel.

Ao chegar a sua casa, sua mãe, louca de dôr, teve ainda forças para perguntar-me:

— E' o senhor Pedro Ramirez?

E deu-me, entre soluços, uma carta fechada, que seu filho lhe havia dado antes.

Dentro do envelope encontrei uma tira em que Badal escrevera a lapis:

“Querido Ramirez: Prometteste uma noite dedicar-me duas columnas de *O Popular* se algo eu fizesse digno de ser sabido. Não estreei meu drama, nem publiquei meu primeiro livro... Nunca triumpharia. Todas as cousas e todos os homens voltavam-se ferozmente contra mim! Mas fiz alguma coisa mais transcendental que tudo isso e mereço, portanto, que cumpras tua palavra.”

Escrevi um artigo muito lyrico, muito sentimental, muito sentido, que intitulei pomposamente: “Vicente Badal, o sonhador.” Derramei nelle parte da dôr que sentia pela tragica morte de meu amigo, e todo o amor que lhe dedicara em vida.

O director aceitou-o, para tributar um elogio posthumo ao companheiro desaparecido. Já eu o havia entregue á composição quando de repente, aquella noite, começou o telephone a soar escandalosamente. Toda a redacção movimentou-se. Chegavam noticias de que havia sido colhido e mor-

to um dos *espadas* mais em voga. Uma desgraça, uma verdadeira catastrophe nacional!

O director, impetuoso, violento, começou a gritar:

— E' necessario entrar essa noticia! Vamos vêr! Já está composto o jornal? Que originaes ha na primeira pagina? Artigo de fundo, “Declarações do presidente...” Não póde supprimir-se! Que mais? “Vicente Badal, o sonhador”? Que é isto? Ah! é o artigo necrológico de Ramirez! Tira-se isto!

E o artigo foi retornado.

Não havia recurso algum. Urgia entrar a noticia de talhada, enorme, sentida, sobre o toureiro que encontrara a morte no redondo, onde a procurara tantas vezes. E Badal foi posto de lado! Foi impiedosamente sacrificado aquelle sentido necrológico em que eu vasara toda minh'alma de amigo, que conseguira entender um pouco do espirito daquelle pobre rapaz que, como Werther, buscara na morte a redempção.

A mim também invadiu então, como em suas posthumas lamentações escrevera Badal, uma surda indignação por todas as cousas e por todos os homens, que pareciam congregados ainda contra elle.

E o artigo nunca se publicou. Onde deviam figurar aquellas linhas, em que eu falava do infeliz Badal, do querido companheiro, suicida como o proprio Werther, appareceu a noticia de reportagem, minuciosa e prolixa, do popular toureiro.

E o appellido do *espada* suplantou victoriosamente o nome tão desconhecido quão genial do joven escriptor, morto em um transporte absurdo e romantico, talvez para que as creaturas soubessem que havia passado pela vida...

(Do hespanhol,
de E. PERIS RUEDA.)

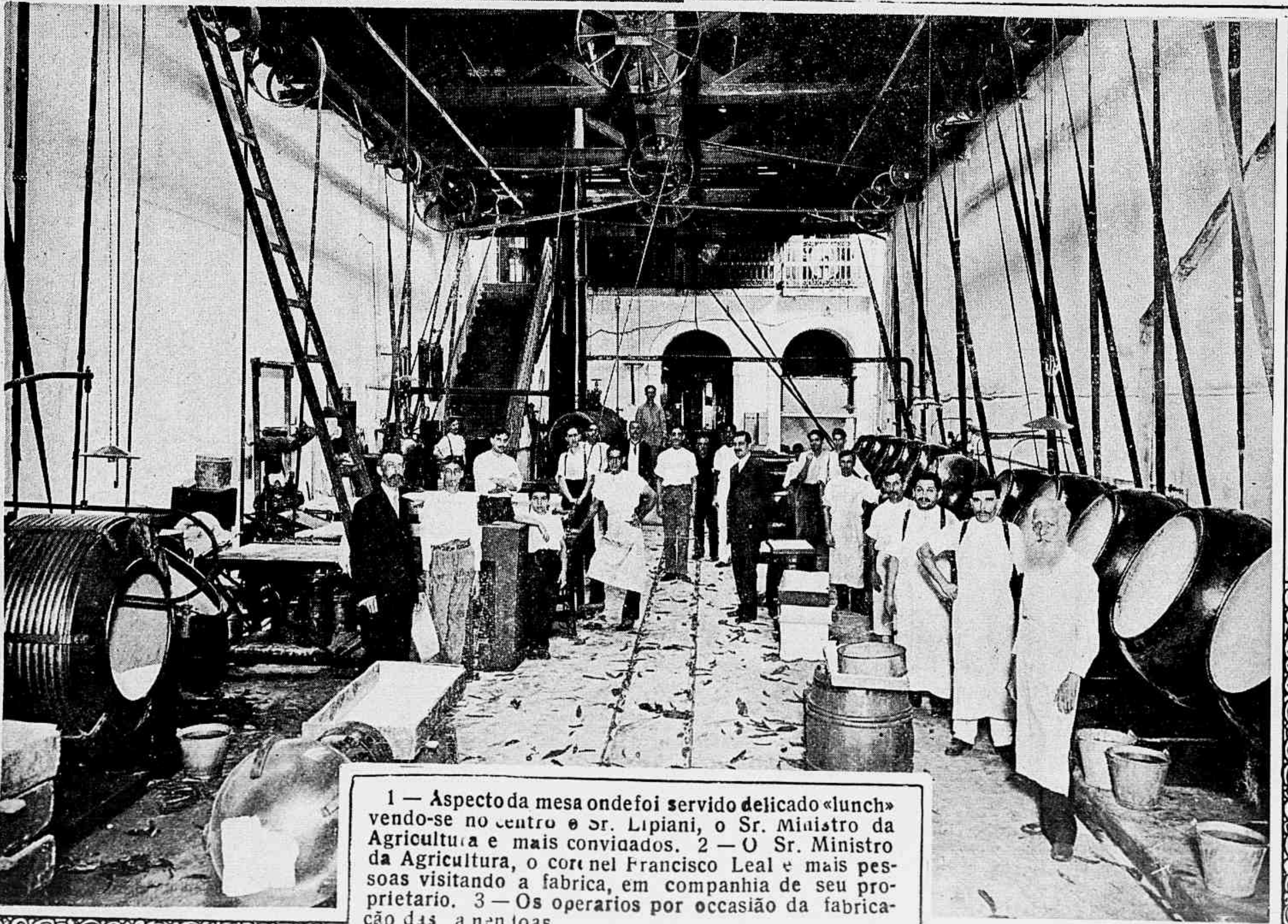


A Fabrica Central de Amendoas · festeja o seu Meio Centenário ·



O Sr. J. Lipiani, proprietario da fabrica de amendoas, bonbons finos, balas, confeitos e doces, sita á rua de S. Pedro 318 e Marechal Floriano 189, commemorou no dia 23 de Dezembro passado o 50º. anniversario da fundação do seu estabelecimento.

A este acto compareceram os Srs. Ministro da Agricultura, presidente da Associação Commercial e altos representantes do commercio e da imprensa, gentilmente convidado para a commemoração. Aos convidados, após terem assistido aos multiplos serviços da fabricação de balas, bonbons, etc., foi offerecido um «lunch». Ao champagne falou o Sr. Lipiani, agradecendo ao Sr. Pereira Lima e mais pessoas o terem comparecido á festa e felicitando os Sr. Presidente da Republica alli representado na pessoa do Sr. Pereira Lima ministro da Agricultura. O Sr. Pereira Lima agradeceu, fallando depois varias pessoas entre ellas: o Sr. Francisco Leal em nome da Associação Commercial, Souza Laurindo em nome da imprensa, e Julio Ottoni como brasileiro e como industrial. Aos convidados o Sr. Lipiani distribuiu artisticos pacotes de bonbons fabricados no seu estabelecimento.



1 — Aspecto da mesa onde foi servido delicado «lunch» vendo-se no centro o Sr. Lipiani, o Sr. Ministro da Agricultura e mais convidados. 2 — O Sr. Ministro da Agricultura, o coronel Francisco Leal e mais pessoas visitando a fabrica, em companhia de seu proprietario. 3 — Os operarios por occasião da fabricação das amendoas.

ECOS DO BOULEVARD

Correspondencia de PARIS

por PAULO DE GARDENIA

O Desencantado.

Eu tenho um amigo curiosissimo que só me apparece subitamente, quasi a correr, á mesa de um café, á sahida de um theatro, sempre sorridente, sempre tranquilo, cada vez mais amargo.

Elle me irrita e diverte com os seus paradoxos, as suas *blagues*, o seu pessimismo cada vez maior, mais fecundo, mais negro e, ao mesmo tempo, mais brilhante, como uma perola negra.

Varias creaturas julgam-no cretino; outras acham-no intelligente. Todas devem ter razão. A unica talvez que não possua uma opinião formada sobre elle sou eu proprio — pelo facto de ser seu amigo intimo. Raramente podemos ter uma opinião exacta sobre os amigos intimos. Ha sempre o receio do engano, do exagero, da injustiça sobre as suas boas ou más qualidades. O melhor é fazer o que faço — acceito-o serenamente como é, com os seus defeitos, com as suas inconsequencias, o seu espirito e os seus paradoxos. Lembro-me ainda d'alguns dos seus pensamentos:

“Os vagos amigos que só nos apparecem nos momentos solemnes e, ás vezes, desagradaveis da vida são os melhores”.

“O conselho é sempre irritante; a informação é sempre agradável. Se alguém nos disser: “eu o aconselho a que não faça isto ou aquillo”, achamos uma impertinencia. Mas se a mesma pessoa nos disser a mesma coisa, desta maneira: “eu o informo de que se fizer isto ou aquillo sae-se mal”, ainda agradecemos. E' que na vida tudo é uma questão de formulas”.

“A vida, o encanto supremo da vida é talvez a surpresa, o eterno fluxo e refluxo dos acontecimentos, a incerteza. E quanto maior é o ajuntamento humano maiores são os imprevistos, as duvidas, as desconfianças e as luctas para alcançarmos as certezas suaves. O conselheiro Accacio devia tambem pensar deste modo”.

“Não ha nada mais monotono e uniforme do que a maldade humana. Nada ha mais igual a um canalha do que outro canalha. Parece-me que um homem que inventasse uma perfidia nova merecia uma estatua — de tal forma ellas são sempre as mesmas”.

“Uma coisa não é intrinsicamente nem boa nem má, nem bella nem feia, nem grande nem pequena. Só comparando-a com outras identicas é que poderemos reconhecer o seu valor. Para Balzac e os burguezes de 1850, Rastignac era a suprema petulancia e a suprema canalhice juvenil e sympathica. Em comparação com os *garçons de plaisir* d'agora, que se exhibem em Biarritz e na Côte d'Azur, elle é timido como os donzeis de S. Luiz. Os

tempos são os mesmos. Os valores é que se modificam”.

“Diz se que as mulheres mudam. E' uma frase profundamente banal e sem significação. Deveriamos saber se as mulheres mudam para melhor ou para peor”.

“Nunca se deve desilludir um tolo — mesmo quando elle pensa que somos um imbecil”.

“Maeterlinck tem razão quando aconselha o silencio como a mais alta expressão da intelligencia. Se todos os homens fossem mudos podia-se supor que a humanidade era composta de genios. Mas os homens de espirito não poderiam fazer de Maeterlinck o mesmo juizo que fazem”.

“Ha uma coisa pior do que uma primeira esposa infiel — é uma segunda da mesma especie”.

Estes e outros pensamentos Alvaro Telles costumava dizer-me peripateticamente, nos poucos minutos em que nos encontravamos, sempre de relance, apertando-me as mãos, despedindo-se.

Numa destas ultimas noites encontrei-o mais amargo, mais acido, mais pessimista do que nunca.

Foi na Avenida da Opera, á meia noite. Eu sahira da Comedia Francaza onde acabára de vêr algumas *toilettes* admiraveis de Cecilia Sorel, a casaca verdadeiramente ingleza e a barba verdadeiramente Renascença do Sr. Duflos no *Marquis de Priola*. A declamação, a ironia da peça, a representação impecavel, o silencio de Paris deserto, a magestade do lugar, tudo me foi dominando, apoderando-se do meu espirito, subjugando-me, lançando-me u'um estado de extase doloroso, se é possível, onde as recordações dansavam calçadas de espinhos, uma dança sadica sobre o meu coração. Levantei a gola do *pardessus*, pois começava a fazer frio, e procurei um *taxi*, quasi impossivel naquella hora, quando atraz de mim resouu uma voz conhecida:

— Podemos ir mesmo a pé. O automovel é a velocidade. E nada ha mais inimigo da meditação do que a pressa.

Voltei-me. Era Alvaro Telles.

Puxei um charuto, sem espanto, ofereci-lhe outro e continuámos pela Rue de La Paix, totalmente deserta e silenciosa, com a massa escura da Columna Vendôme ao fundo, como uma exclamação negra, na treva.

— Estou em Paris ha algum tempo, começou o meu amigo tirando fumaças do charuto. A guerra estragou-me um pouco o prazer de contemplar e possuir Lutecia. Ignoro ainda o seu aspecto senoro e brilhante de cidade cosmopolita. Não pude ainda vêr o tumulto de Napoleão. E até agora desconheço Aphrodite, sahida do Louvre para Bordeaux, no começo da

guerra. Em compensação a natureza europeia, algumas obras de arte e as bellezas gratuitas do planeta têm me dado momentos inolvidaveis. Um pôr do sol na Normandia, uma tarde n'uma das praias da Bretanha ou um campo de trigo na Savia são paisagens que nunca mais esquecemos. E fui positivamente feliz, durante uma hora, diante da *Flora* de Carpeaux, no Louvre.

Ia continuar a dar-me as suas impressões, quando lhe observei que o meu interesse, no momento, era mais immediato: prendia-se á guerra, ao momento politico, aos espiões a Bolo-pachá, aos acontecimentos grandiosos que se desenrolavam no seculo.

Então, mudando de assumpto, elle continuou:

— Que queres que te conte? A offensiva allemã na Italia? A conversão sensacional de Eva Lavallière? A ultima dedicatória do sr. Maurice Rostand, num dos seus retratos, offerecido a um dos seus innumeraveis amigos intimos? *A toi mon dernier quart d'heure!* Tudo isso, meu caro, já debes saber. Paris é a cidade onde se sabem as coisas mesmo antes que ellas se realizem. Parece que ha uma transmissão invisivel de pensamentos; que todos adivinham collectivamente o que se vae dar. V., homem retardatariamente sceptico, nestes tempos de ressureição violenta da fé — devo dizer-lhe que o scepticismo está ficando fóra da moda. Hoje começa a dominar o mysticismo laico e confuso — ah! sobretudo confuso — do Sr. Paul Claudel V dirá que a transmissão de pensamento é simplesmente esta coisa que ha dez annos se chamava prosaicamente: o boato. E' possível. Eu prefiro, porém, pensar o contrario.

Tinhamos chegado á rua Castiglione, ladeada dos grandes hotéis de Paris: o Bristol, o Continental, o Liverpool, o Brighton. Subitamente Alvaro Telles parou pensativo, olhando a massa negra dos edificios, como se rememorasse uma saudade. E pareceu-me ouvir, partido dos seus labios, um verso já hoje totalmente esquecido:

*Si les roses pouvaient nous rendre
(nos baisers...)*

E foi tudo.

Depois, já nos Campos Elyseos, elle me explicou que fóra em honra de Eduardo VII, antigo hospede do Bristol, que recitára o verso de Bouquet.

E' possível. Valerá a pena procurar verificar se elle disse a verdade? Aliás, verdade é tudo aquillo em que se acredita...

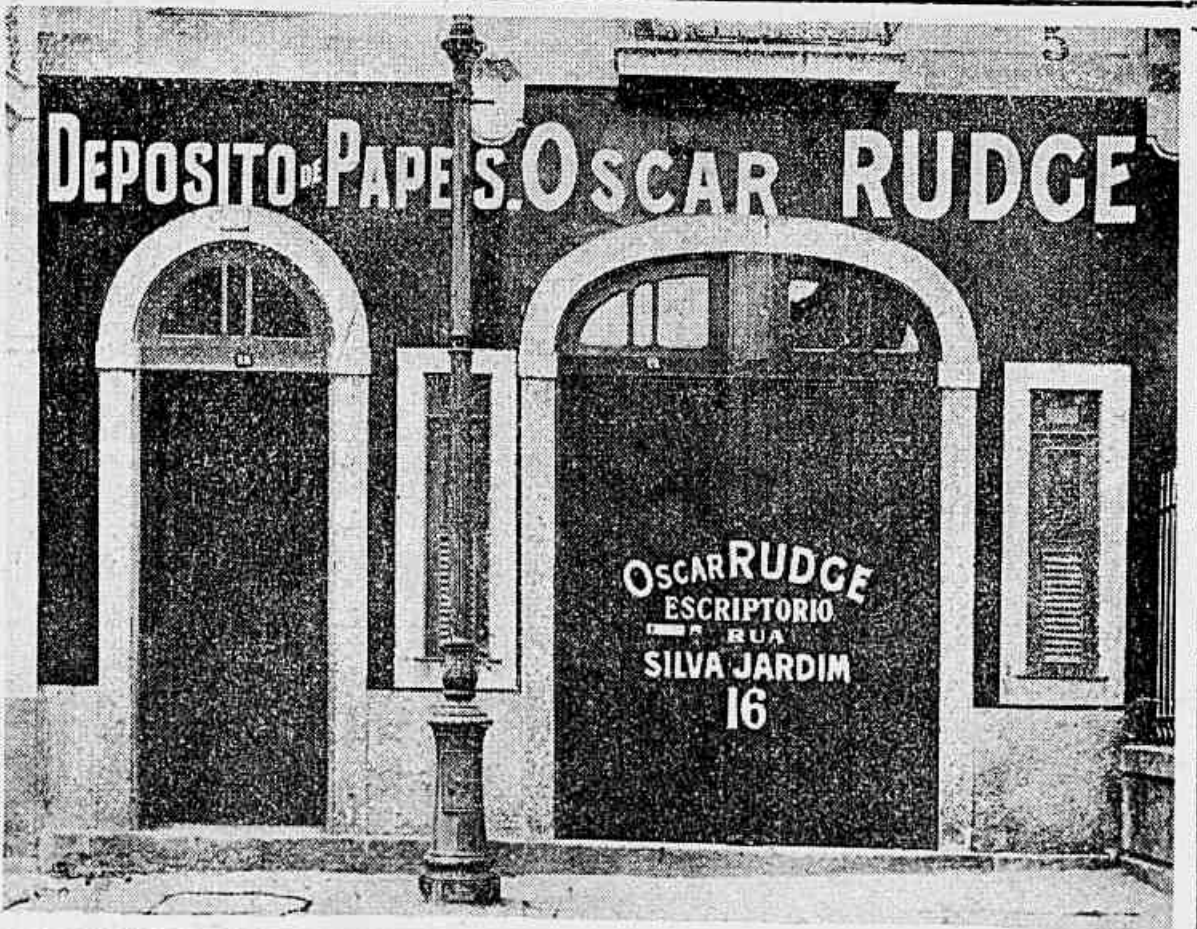
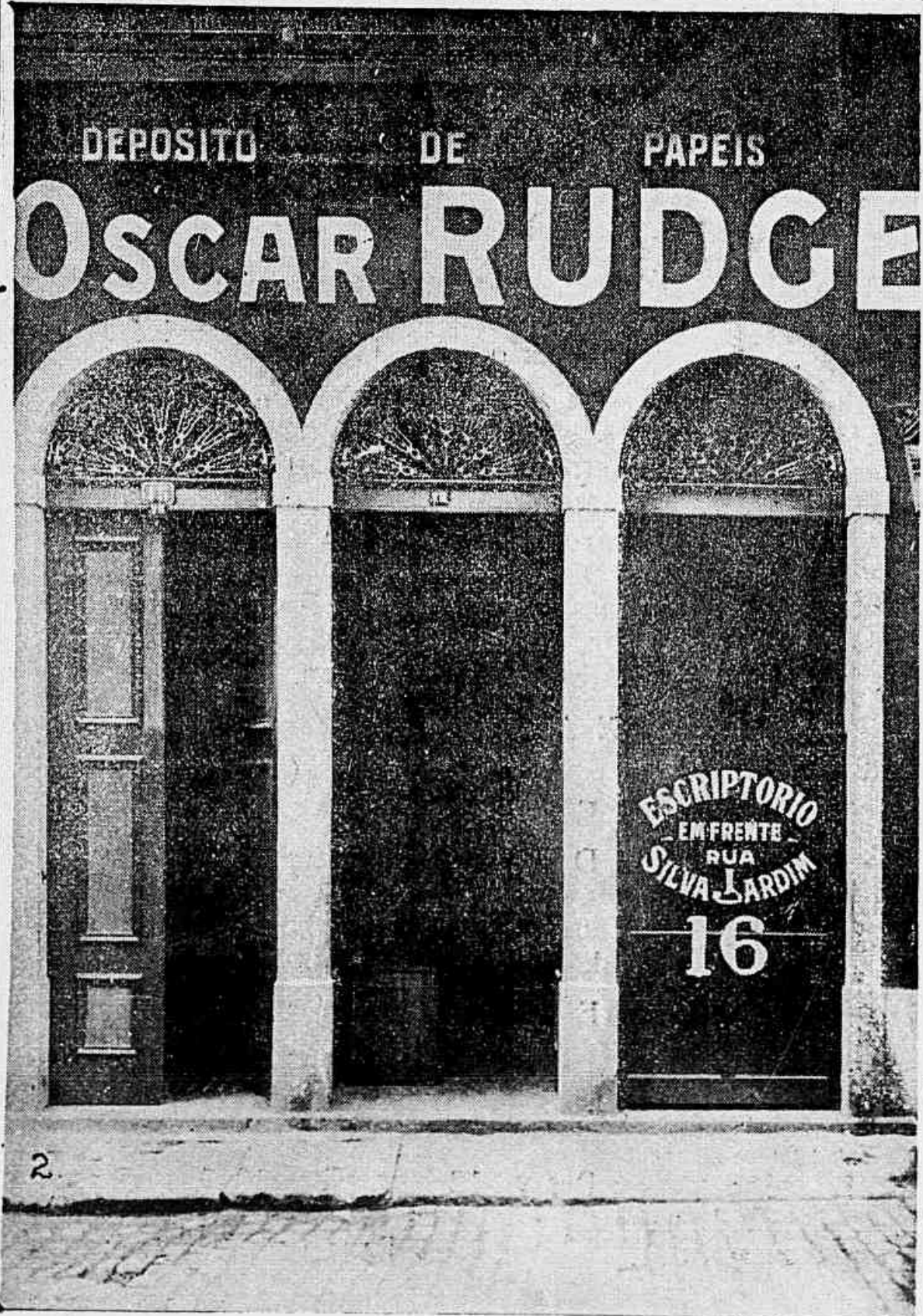
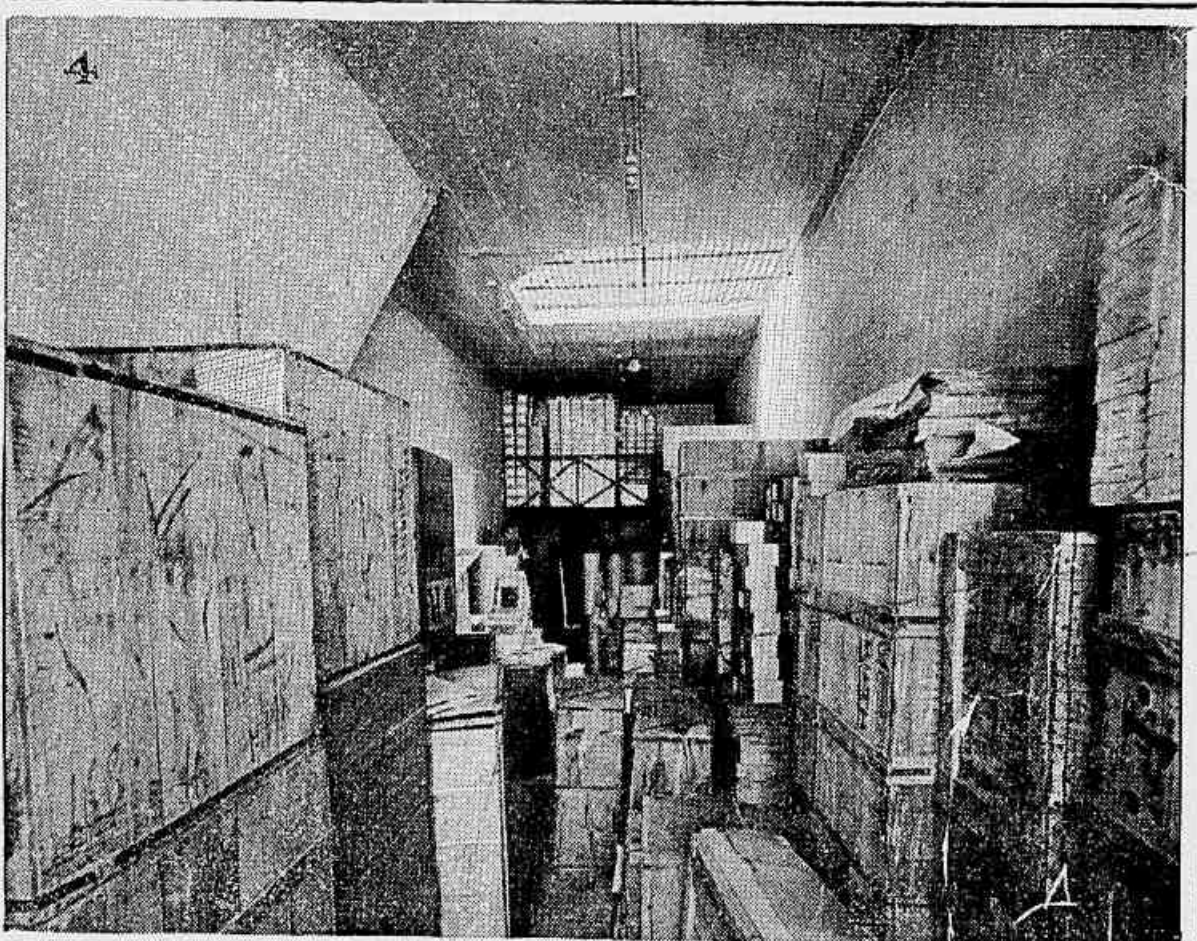
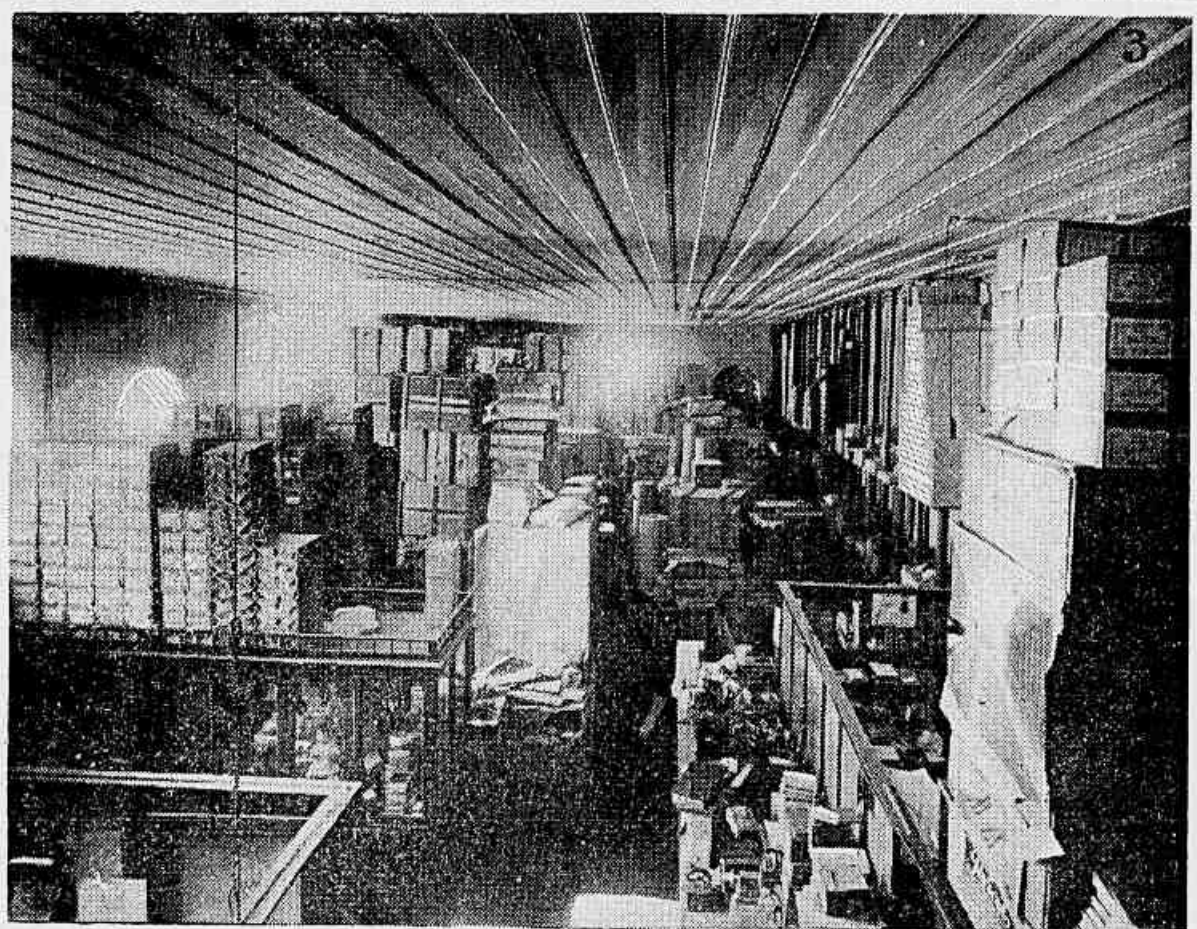
Passy—12 Novembro 1917.

PAULO DE GARDENIA

Uma das maiores fabricas de papel

· PARIS-RIO DE

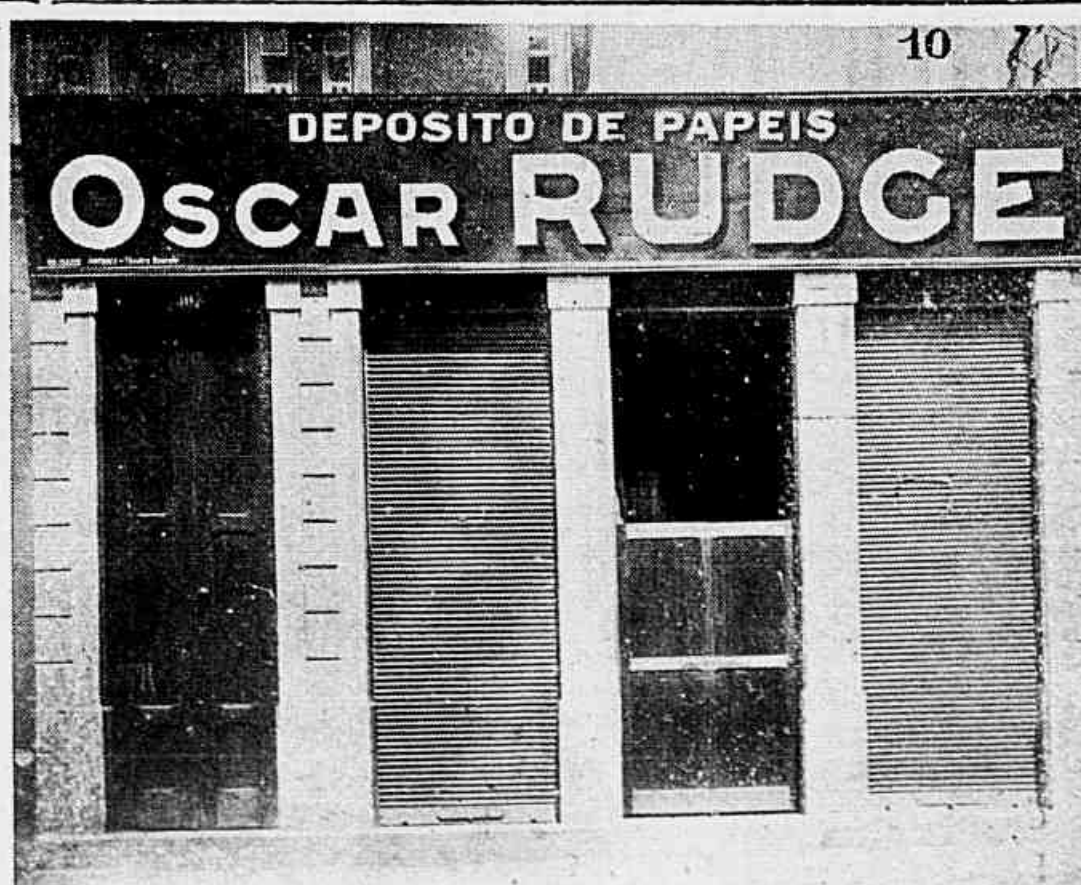
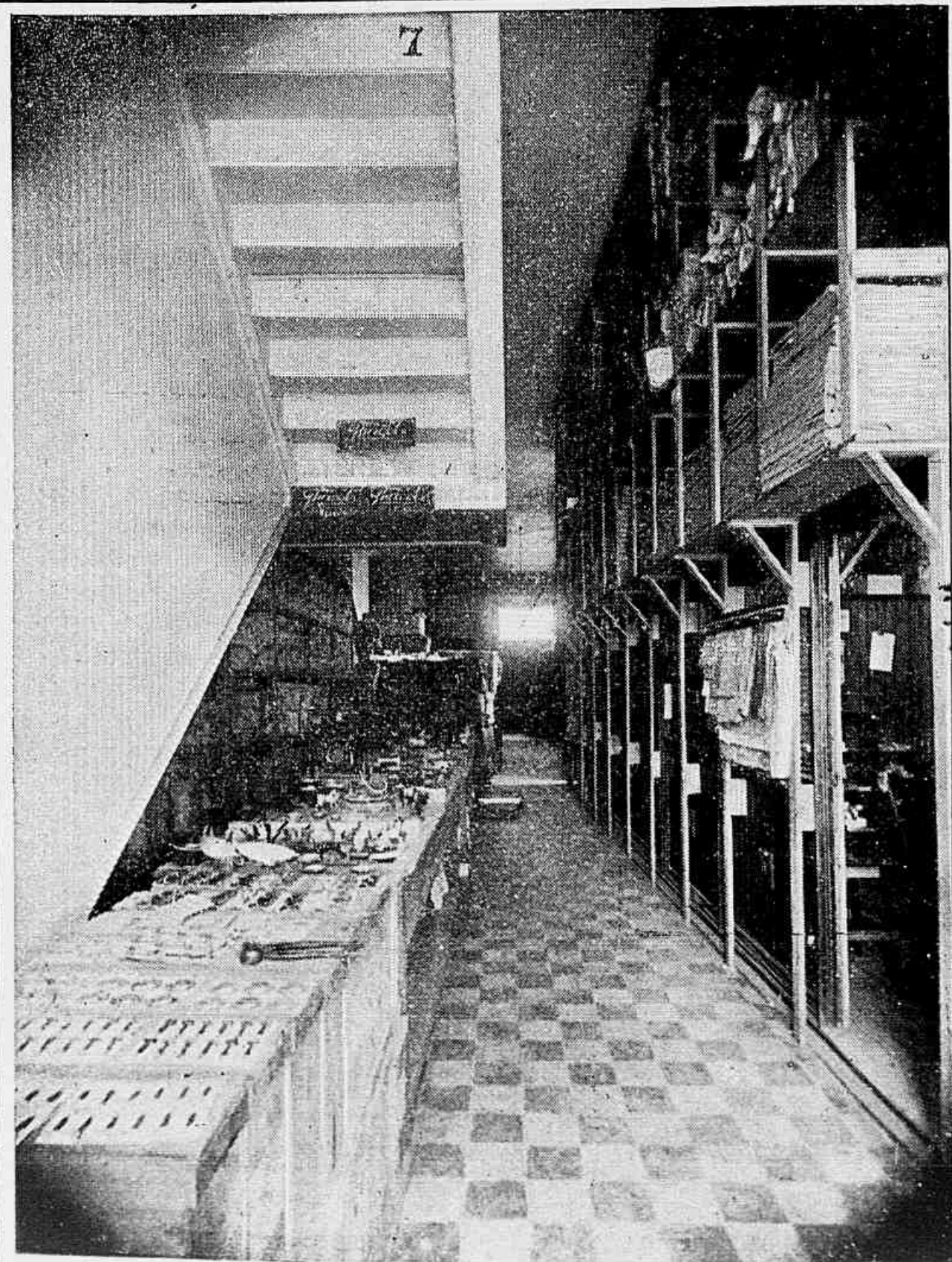
Um dos maiores fabricantes de papeis para



- 1 — Vista exterior da séde á Rua Silva Jardim, 16.
 2 — Um de seus grandes depositos á Rua Silva Jardim, 15.
 3 — Interior da Séde.
 4 — Interior do deposito na Rua Silva Jardim, 15.
 5 — Rua Silva Jardim, 21.
 6 — Vista exterior da filial em S. Paulo — Largo de São Francisco, 9.
 7 — Interior da secção de brinquedos da filial de S. Paulo.
 8 — Vista interior do deposito na Rua da Saude, 107.
 9 — Interior da Filial em S. Paulo.
 10 — Vista exterior do deposito na Rua da Saude.

da America do Sul de Oscar RUDGE

JANEIRO E S PAULO.
embrulho impressão - etc. Papeis em bobinas, balas e fardos



Passatempo



O ORACULO MAGICO

Preparemos uma solução muito saturada de salitre, e com ella escrevamos, com um bocadão de madeira, qualquer cousa em papel não gommado, como por exemplo papel de jornal. Como este liquido é incolor, devemos marcar com um pequeno risco a lapis o ponto onde começamos a traçar os caracteres. E podemos escrever: Sim — Não — Curiosa — Exigente — Espera — etc; generalidades, no fim de contas, que possam servir de resposta a não importa que pergunta. Distribuímos as folhas de papel pela assistência, convidando toda pessoa a escrever sobre cada folha uma pergunta.

Tomando depois esses papeis, leremos em voz alta a pergunta e applicaremos um carvão acceso ou um phosphoro em braza sobre o ponto marcado pelo lapis.

Imediatamente todos verão traçar-se em letras de fogo a resposta á pergunta feita.

Algumas vezes essas respostas con- dizem tão bem com as perguntas que provocam gargalhadas entre a reunião.

—*

Barnabé, que tinha sido bastante infeliz na sua vida matrimonial, recuperou seu bom humor e sua robustez depois de ter enviuvado. E' elle mesmo quem se encarrega de o testemunhar e quem o reconhece, dizendo:

— Depois que perdi minha metade... peso o dobro.

ESPIRITO E SAL

— Admiravel, o collar de perolas que seu genro deu á noiva como prenda de noivado!

— Admiravel, diz bem. Custou nada menos de quinze contos de reis!

— E como lhe soube o custo com tanta exactidão?

— Boa pergunta! Porque, passado um mez, fui eu que tive de pagal-o!

Dizia Calino que era gêmeo quando veio ao mundo.

— E quem foi seu irmão?

— Meu irmão viveu, apenas, uns dias; mas eramos tão parecidos que meu pae me disse muitas vezes não saber ao certo qual dos dous era o que tinha morrido!

—*

PHOSPHOROS OBEDIENTES

Tomae alguns phosphoros, cujos palitos não tenham muita parafina; ponde os n'agua em um prato fundo, formando uma estrella, porém com as cabeças voltadas para fóra.

Tocae com dous dedos da mão direita a superficie da agua no centro delles e ordenae que elles fujam: os phosphoros se afastarão. Tocae na agua com dous dedos da mão esquerda e ordenae que se reunam: os phosphoros virão rodear vossos dedos.

De que artificio deveis usar para que sejam obtidos esses dous efeitos?

Simplemente do seguinte: para afastar os phosphoros usae de um pedaço de sabão seguro entre os dedos indicador e medio da mão direita; para reunil-os usae de um torrão de assucar entre os mesmos dedos da mão esquerda.

—*

Em amor, como em todas as cousas, a experiencia é um medico que não chega senão depois da doença.

VERDADES E MENTIRAS

Ainda que as mulheres fossem de vidro, nem assim teriam o coração transparente.

—*

Nem mesmo nos beneficios que fazemos somos desinteressados de todo; porque, se o fôramos, doer-nos-ia tanto a ingratidão?...

—*

LIRISMO

Pela estrada do prazer
Tua mão me foi le-
(vando;
Melhor fôra não ter
(ido,

Illusão do meu pensar!
Melhor fôra não ter ido
Que, de lá, voltei chorando

—*

E' noite e está negro o céu!
Teus olhos, negros, meu bem!
E o meu coração, morena,
O'querida de minh'alma!
E o meu coração, morena,
Como os teus olhos, também.

—*

Estamos na Arcadia ou em qualquer outro paiz pelo mesmo estylo. A linda pastora, que temos o gosto de apresentar, tem um numero incalculavel de

O REDIL DA PASTORA



pretendentes e, julgando chegado o momento de dar sua mão a um d'elles, não sabe por qual decidir-se.

N'estes casos, é de rigôr n'aquella feliz região submeter os candidatos

a uma especie de concurso. Assim procedeu a pasorinha. N'um redil, perfeitamente rectangular, tem encerradas



sete ovelhas; mandou aspin- tar n'um taboleiro, e promet- teu que da- ria a mão de esposa ao pastor que consi- ga separar as sete ovelhas, uma das outras, por meio de tres li- nhas rectas.

A segunda gravura mostra a maneira por que foi conseguida a separação das ovelhas, com o simples auxilio de tres linhas rectas.

Como, no entanto, todos os pre- tendentes acertaram, a linda pastora, não podendo eleger o vencedor do con- curso, talvez até agora ainda esteja solteira...

—*

A AGUA E O VINHO

Em casa, á sobre- meza, podeis fazer uma experiencia in- teressante. Como sa- beis, ha liquidos mais densos e pesa- dos do que outros: assim, por exem- plo, o azeite sobrenada n'agua, embora o derrameis com violencia. Se pro- cederdes, porém, dessa maneira com o vinho virgem elle se misturará á agua.

Como proceder para que o vinho fique fluctuando sobre a agua?

Basta que derrameis o vinho num copo com agua, gotta a gotta: se fôr puro ficará na superficie da agua.

—*

A longa resis- tencia offerecida pela civilização occidental, pelos

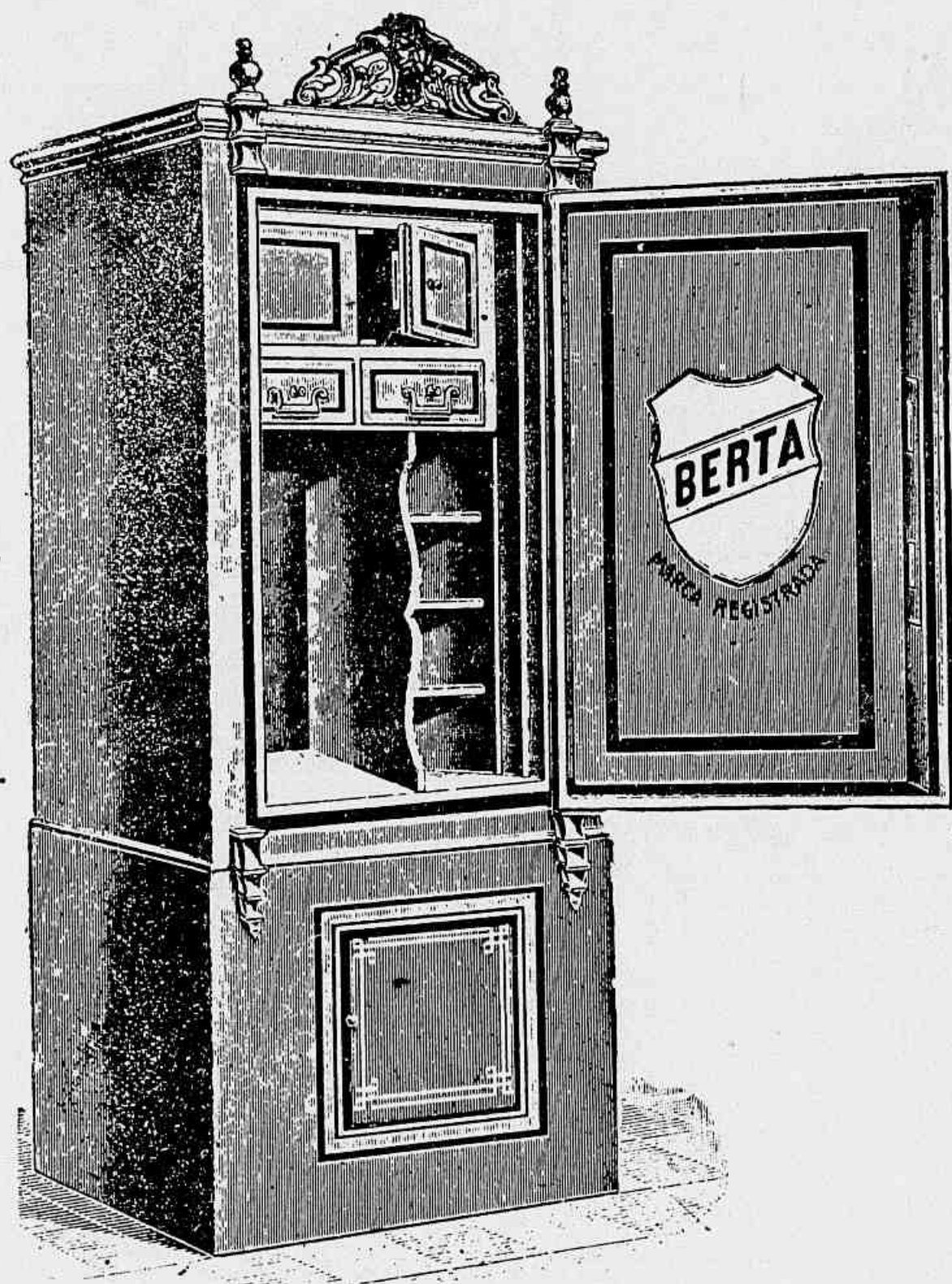
O FEMINISMO NO ORIENTE

povos asiaticos, fazia-nos crer que elles estavam adormecidos n'um profundo somno. Ora, não sómente elles não dor- mião, mas ainda imitavam ao nos- sas instituições com uma inaereditavel rapi- dez. De maneira que não é mais ver- dade que os Hindús sejam tão hostis como se pretendia á educação das mo- ças. A prova é que alguns d'entre elles undaram em p'eno Punjab, em Jullun- liar, uma escola superior que está em plena prosperidade. O corpo doc- nte conta dez professores dos quaes sete pertencem ao sexo feminino. Ha um in- ternato annexo ao estabelecimento. E' agradável verificar-se que as alumnas ao sahir da escola são inteiramente pela causa da instrucção feminina; mais de vinte e cinco antigas alumnas são hoje professoras, e as outras, para não ser- virem tão directamente uma ideia que apreciam, apoiam entretanto com sua sympathia as que sustentam a lucta.

DEPOSITO BERTA

Grande stock de Cofres á prova de fogo e roubo, Prensas para copiar, Camas metalicas, Moveis de ferro, Fogões para lenha e coke — são os mais economicos e não fazem fumaça.

SETE MEDALHAS DE OURO E DOIS GRANDES PREMIOS



End. Teiegr.
AMOREIRA

Telephone
Norte N.º 1034

UM DOS TIPOS DE COFRES
“BERTA”

Todo o corpo exterior do cofre é de uma só chapa envergada sobre os cantos, ligados o fundo e a tampa sólidamente. As paredes duplas de 80 a 100 mmm de espessura, consoante as dimensões do cofre, são recheiadas de uma substancia refractária de absoluto poder isolador. A porta é de aço *Compound* e a fechadura *Non plus ultra* impede o grande inconveniente de esquecer-se as chaves dentro do cofre.

Vendas a prestações

141-Rua Uruguayana-141

Moreira Leão

Rio de Janeiro

Kola Soel

Dá vida e vigor. E' o melhor tonico. Deposito:
ARAUJO, FREITAS & C.
 88—Rua dos Ourives—88
RIO DE JANEIRO



BANCO NACIONAL ULTRAMARINO Sede em Lisboa
 FUNDADO EM 1864
CAPITAL 12.000 CONTOS FORTES
 Saques á vista e a praso sobre todos os paizes.
 Depósitos á ordem e a praso ás taxas mais vantajosas do mercado.
 Empréstimos caucionados. Descontos, cobranças e todas as operações bancarias.
 Filial no Rio de Janeiro, RUA DA QUITANDA — ALFANDEGA.
 Agencia na Cidade Nova, PRAÇA 11 DE JUNHO.

TOLUOL

Cura tosses, bronchites, etc., em 48 horas — Deposito: **ARAUJO FREITAS & COMP. — RUA OURIVES N. 88**
 • • RIO DE JANEIRO • •

Assaduras, Brutoejas, Ferriçulas, Comichões, Infeções, Eczemas, Pruridos, Dartros e Irritações

Thymo-Borico

SABÃO PARA O BANHO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166 — Rua do Ouvidor — 166

ROCHA POMBO: Dicionario de Synonyms da lingua portugueza, 1 vol. 651 paginas 6\$000
JOÃO DO NORTE: Praias e Varzeas, 1 vol. 2\$900
AFRANIO PEIXOTO: Maria Bonita, romance 3\$000
FABIO LUZ: Elias Barrão, 1 vol. brochado. 3\$000

QUEREIS

comprar quaesquer mercandorias. Artigos de luxo, de toilette, de uso domestico, etc., em retalho ou em grosso, em Paris e em toda a França, nas melhores condições possiveis de **Garantia, Preços e Rapidez?**

Remettei as vossas **Encommendas**

bem claramente explicadas, **HOJE MESMO** ao

OFFICE D'EXPANSION ÉCONOMIQUE

47, rue Vivienne, PARIS, acompanhada do cheque equivalente, e recebereis a resposta por volta do correio.

CASA FRANCO BRASILEIRA. REPRESENTAÇÕES, CONSIGNAÇÕES
 End. Télégr. Cruzeiro. Rep^{as} nas principaes cidades do Brasil.

SEIOS

Desenvolvidos, Reconstituídos, Aformozados, Fortificados

com as **Pilules Orientales**



O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar damno algum á saude. Approvado pelas notabilidades medicas.

J. RATIÉ. farm., 45, r. Echiquier, Paris. Frasco com instruções em Paris Fr. 6.35. As **Pilules Orientales** acham-se á venda nas princ. farmacias e drogarias.

As mulheres que amamentam, quando falta o leite

GALACTOGENICO
MIRANDA CARVALHO

Preparado por **SILVA ARAUJO**

SAQUES

Sobre Portugal, Hespanha, Italia, França, Londres, etc.

ZENHA, RAMOS & C.

Rua Primeiro de Março, n. 73



PARA DIZER
 E TER BOM SAUDE

DIGESTIVAS
Silva Araujo

Comprimidos de ... e taka...

AO MOINHO DE OURO

CAFF' SEM EGUAL

«BONBONS» FINOS

2, RUA LUIZ DE CAMÕES, 2

Loterias da Capital Federal — Companhia de Loterias Nacionais do Brasil

HOJE, 5 DE JANEIRO DE 1918 — A's 3 horas da tarde — Novo plano 355 — 1ª



100:000\$000



PREÇO DO BILHETE INTEIRO 8\$000, EM DECIMOS DE 800 RÉIS

Agentes Geraes: **NAZARETH & C.** — Rua do Ouvidor, 94 — Caixa 817 Teleg. — **LUSVEL**

EMPRESTIMO **FRANCEZ** **DE 1917**

de Frs. 10.000.000.000

isento de imposto e inconversível antes de 1943
Para cada título de 4 Francos de renda ou 100 Francos de Capital

o tipo de emissão é de Frs. **68.60**

Pagável integralmente no acto da subscrição em moeda brasileira ou em notas do banco de França ou em prestações cujo pagamento inicial é de 12 Francos

RENTA EFFECTIVA ANNUAL 5,83 %

Os juros serão pagos trimestralmente a 16 dos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro no

RIO DE JANEIRO, S. PAULO E BAHIA

pelas Caixas onde houver sido feita a subscrição

No intuito de facilitar as subscrições integraes o CRÉDIT FONCIER DU BRÉSIL aceita receber, para cada título de 100 francos, uma parcella inicial de 12 francos no acto de subscrever, devendo o saldo, ou sejam Frs. 56.60, ser satisfeito até o dia 31 de Janeiro de 1918

Livre de comissão e sem mais despesa para o subscriptor

As subscrições serão recebidas até o dia 15 de Janeiro de 1918 pelo

Crédit Foncier du Brésil

et de l'Amérique du Sud

No Rio de Janeiro, á AVENIDA RIO BRANCO, 44

Em S. Paulo, á RUA DE S. BENTO, 24

Na Bahia, pelo seu representante o Banco de Credito Hypothecario e Agricola do Estado da Bahia.

Belleza para as Damas e robustez para os Homens



Olha para aquelle par de rachiticos. Porque não tomarão COMPOSTO RIBOTT para engordar e fortalecer-se?

Um dos effeitos mais assombrosos do COMPOSTO RIBOTT é a rapidez com que arredonda e faz pronunciadas as formas divinas da mulher; e não desenvolve uma parte do corpo em maior proporção que as outras, mas todas por igual em perfeita harmonia. As faces enchem-se até adquirir sua forma ovalada; o collo e o busto ficam fortes e duros; os braços torneiam-se e adquirem proporções simetricas, e as demais partes do corpo feminino desenvolvem-se em proporção e adquirem essas linhas curvas que os homens tanto admiram e sem as quaes não existe a verdadeira formosura. Não ha crême, massagem nem meio artificial algum para produzir carnes e belleza que possa se comparar com o desenvolvimento perfeito que se obtem quando os órgãos de digestão e assimilação traba-

ham convenientemente. Já então não ha necessidade de occultar ou tratar de dissimular com mangas compridas e gollas altas as imperfeições do corpo feminino. Tome o COMPOSTO RIBOTT por algumas semanas, augmente de 5 a 10 kilos de pezo e V. S. mesma ficará assombrada de mudança tão notavel; e não sómente adquirirá uma bonita plastica, mas seu estado geral de saude melhorará, sua digestão será perfeita e V. S. sentir-se-ha feliz, contente e satisfeita da vida. O COMPOSTO RIBOTT é igualmente efficaz para combater a magreza dos homens. Muitos duplicam e mesmo triplicam sua força de resistencia e energia com só duas semanas de tratamento. O COMPOSTO RIBOTT acha-se á venda em todas as drogarias e boas pharmacias e com toda segurança nas dos srs. Granado & C., Freire Guimarães & C., André de Oliveira, Orlando Rangel & C., Rodolpho Hess & C., Araujo Freitas & C., Victor Ruffier & C., P. de Araujo & C., V. Silva & C., Granado Filhos, J. Rodrigues & C., Carlos Cruz & C., Campos Heitor & C. e Francisco Giffoni & C. Unico depositario B. NIEVA — Caixa Postal 979 — Rio de Janeiro.



Cabellos Brancos

FRISOLINA Preparado Ideal, tonifica os cabellos, restitue a sua côr primitiva, ondula, e extingue a caspa completamente; não mancha a pelle, nem é nocivo. Preço 3\$000, pelo Correio 5\$000. Encontra-se em todas as casas de perfumarias. Depósito: casa A NOIVA.

36,- Rua Rodrigo Silva, - 36
RIO DE JANEIRO

CASA GUIOMAR

120, AVENIDA PASSOS, 120

Remettem-se catalogos illustrados, gratis, pedindo-se clareza nos endereços. Pedidos a

CARLOS GRAEFF & C.

Calçado para senhora (de 32 a 40)



Sapatinhos de kangu-rú amarello, artigo fortissimo para casa e collegio, modelo GUIOMAR—Creação nossa.
De 17 a 27 4\$500
De 28 a 33 5\$000
De 34 a 40 7\$000
PELO CORREIO mais 1\$000 em par.

Sapatos em pellica envernizada, salto á Luiz XV, com duas tiras parallelas — ultima criação da moda 22\$
O mesmo artigo, em salto de solla, alto. 18\$

PELO CORREIO mais 2\$000 em par



Jornal da Família



— N. 118 —
— 5 DE JANEIRO DE 1917 —

Modas, Costuras e bordados,
A vida no Lar, Receitas e
Conselhos práticos, Economia
Doméstica, Hygiene do Bel-
— leza, Alimentação —

Ultimos Modelos



N.º 1 — Roupão em flanella azul, com festonné branco. N.º 2 — Avental em brilhantina branca e renda de linho. N.º 3 — Roupão em zephir de xadrez.

A COZINHA NA ESCOLA

Ultimamente, as moças nas escolas foram interrogadas sobre o que mais desejariam fazer no futuro. Entre outras, um milheiro de filhas de operários foram perguntadas: um bom terço desejava ser dactilographas, telepho-

nistas; um outro terço, costureiras; um sexto, caixeiras; e sobre a sexta parte restante havia apenas cinquenta desejosas de serem criadas, e somente nove tinham a ambição de tornarem-se cozinheiras. Entretanto, as filhas de operários, que serão por sua

vez mulheres de operários, seria preciso desenvolver n'ellas o gosto de serem boas donas de casa, ensinal-as a fazer meia, a lavar, lnp: e principalmente a cozinhar, na realidade muito mais importante do que a botânica, a declamação cu o piano.



Moda Infantil



N.º 1 — Vestidinho em linon branco bordado. N.º 2 — Vestido em filó bordado, faixa cereja. N.º 3 — Vestido em seda de lavar branca bordada com azul vivo. N.º 4 — Vestidinho em musse-lina branca bordada com linha branca. N.º 5 — Avental em setineta azul clara e desenhos roxos.

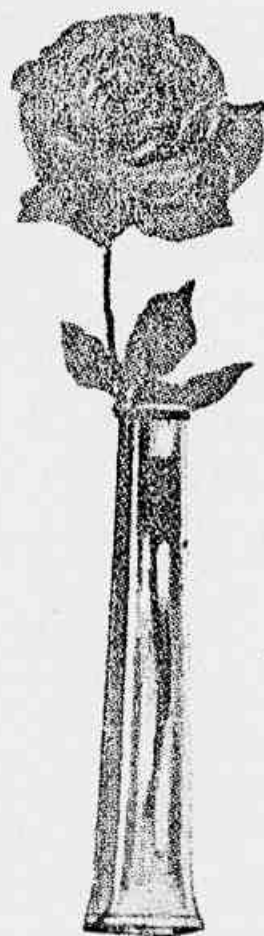


ALIMENTOS ALBUMINOSOS OU AZOTADOS

A carne é o principal representante d'esta classe de alimentos.

A carne digere-se sobretudo no estomago onde se transforma em peptona solúvel. Póde-se fazer a distincção entre as *carnes brancas* (peixe, frango, vitella, coelho, cordeiro) que se digerem mais facilmente, e as *carnes escuras* (vacca, carneiro, caça, etc.) cuja digestão exige mais tempo e succos digestivos mais activos.

As carnes brancas passam por serem menos nutritivas do que as outras, mas as crianças e os doentes e mesmo a maior parte da gente pôde nutrir-se com ellas, sobretudo os que não fazem serviços pezaes. A carne dos animais adultos (vacca, carneiro, etc.)



é mais nutritiva, mas produz mais facilmente o ácido urico, gotta, etc. O uso e sobretudo o abuso da caça e das carnes *faisandées* é ainda mais nocivo.

A quantidade de carne déve ser calculada pela somma de trabalho exigida de cada individuo, mas são em ge-

ral os que menos trabalham que maior quantidade comem, as mais das vezes em detrimento da sua saúde.

MENU

SOPA DE RABIOLI.
FILET DE PEIXE COM MOLHO DE CAMARÃO.
PIRÃO DE BATATA.
POMBOS COM PETITS-POIS.
ASSADO.
SALADA DE TOMATES.
FIOS DE OVOS
PUDIM DE LARANJA.
BOLO DE REIS.

RECEITAS

Sopa de ravioli — Passa-se na machina, para picar, um pouco de carne de porco e de gallinha; junta-se-lhe uma colher de queijo ralado e espinafre bem batido. Faz-se uma massa com 250 gr. de farinha de trigo, 50 gr. de manteiga, uma gemma, agua e sal e uma colher de queijo ralado, amassa-se bem e deixa-se descansar uma hora. Estende-se a massa com um rôlo até ficar bem fina e faz-se uns pasteis bem pequeninos recheiados com o pacadinho já feito. Os pastezinhos são cozidos no caldo da sopa.

Fios de ovos — Duas duzias de ovos. Separa-se as gemmas com muito cuidado para não levarem clara nenhuma. Põe-se as gemmas sobre uma peneira sem batel-as, fazendo-as passar para tirar a película.

Põe-se 2 1/2 litros de calda n'um tacho, em fogo forte, toma-se ponto de fio, deita-se as gemmas por um funil de tres bicos e faz-se correr sobre a calda que se conserva sobre o fogo.

Tiram-se os fios da panella com uma escumadeira, põe-se sobre uma peneira e abrem-se com dois garfos.

Bolo de Reis — 1 kilo de castanhas, 250 gr. de açúcar.

Cozinham-se as castanhas em fogo brando.

Depois descascam-se e passam-se em quanto quentes em uma peneira.

Faz-se com o assucar uma calda grossa com baunilha.

Despeja-se nesta calda a massa das castanhas e amendoas torradas e picadas; mexe-se até ficar uma massa compacta.

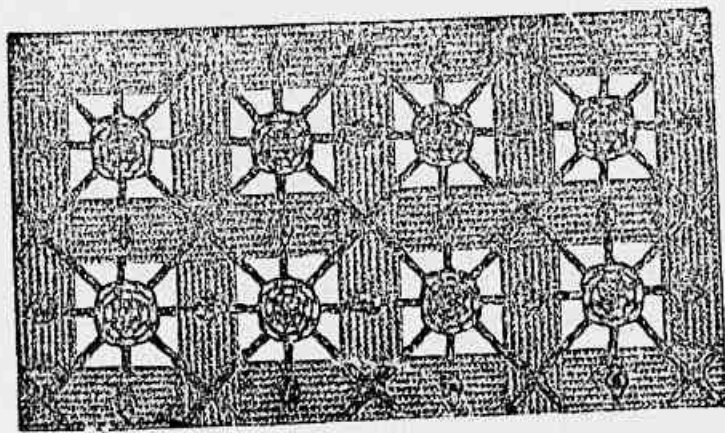
Despeja-se a massa no prato em que deve ser servido o bolo, dando-se-lhe a forma de uma corôa.

Antes de anisar o bolo mette-se dentro, bem separados uns dos outros, os quatro seguintes objectos: um anel, um dedal, uma moeda e uma fava.

Este bolo é destinado aos rapazes e moças solteiras, em idade de matrimonio.

Aquelle ou aquella a quem sae o dedal fica solteiro, aquella a quem sae a moeda hade vir a ser rico, o que tira o anel casa e o que tira a fava ganha o titulo de rei ou de rainha, podendo escolher a sua rainha se for um rapaz ou um reise for uma moça.

Guarnição feita com cadaço



Esta guarnição, que se pode executar muito facilmente, é feita com cadaço de lã ou de algodão, os pontos em linha ou seda.

Fica muito bem para terminar os pannos das prateiras.



A ESCOLHA DA TOILETTE

E' certamente necessario saber vestir bem, mas não é m'nos importante do que a escolha da toilette saber quando uma determinada toilette deve ser usada.

Por mais bem vestida que esteja uma pessoa, se o seu vestuario não for apropriado á circumstancia ou ao meio em que se acha, este vestuario destoará e quem o usar não poderá ser considerado um verdadeiro elegante.

É inutil lembrar que num enterro, por exemplo, é preciso estar vestido de preto ou pelo menos de côr de cinza bem escuro, em falta do preto; em geral faz-se isso, mas tem-se visto muitas vezes senhoras esquecerem-se de tirar do chapeo uma flor vermelha ou uma pluma de côr viva dando assim uma nota de mão gosto.

E' tambem costume usar um vestido preto ou muito escuro quando se faz uma visita de pezones, mas quando se está de luto e que se é obrigado a assistir a um casamento deve-se, pelo contrario, para não pôr uma nota triste na festa, aliviar o luto o mais possível, retomando-o no dia seguinte.

E' de muito máo effeito num dia de máo tempo usar uma toilette muito clara cu ló a da estação.

E' preferivel renunciar a pôr um vestido novo que se tenha preparado para uma determinada occasião, a usal-o com um tempo em que elle se tornaria ridiculo.

A opportunidade é essencial em todas as cousas e é necessario observal-a rigidamente.

Por exemplo, não se deve usar na rua um vestido que é destinado a passeio de carro; não será de bom gosto usar de manhã uma toilette propria para a noite.

Não é de bom tom pôr uma toilette de cerimonia quando uma senhora tem para jantar apenas alguns amigos intimos de seu marido; e uma dona de casa, por mais elegante que seja, deve usar sempre uma toilette simples em casa quando recebe as suas amigas para não parecer que as quer offuscar.

Se, pelo contrario, for convidada, manda a delicadeza que se use a toilette mais requintada possível.

E' preciso ter sempre em conta o meio e as pessoas com quem se está em contracto.

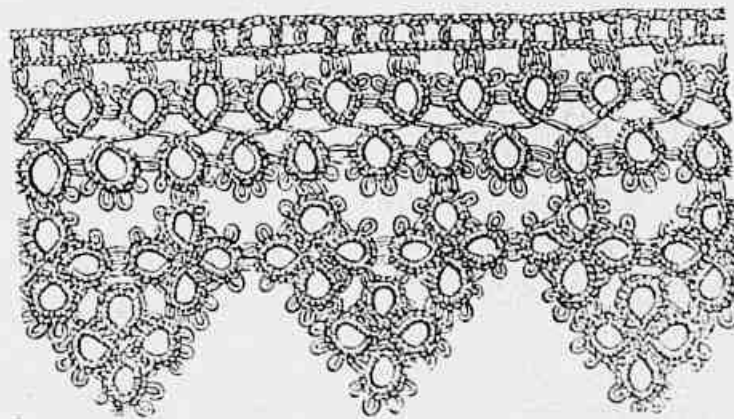
No campo deve haver mais simplicidade do que na cidade e no verão poderá abandonar-se toda a complicação de tolettes e, naturalmente, em familia, não haverá as mesmas exigencias que em sociedade.

Deve-se evitar sempre uma toilette muito vistosa cu muito rica quando se está na intimidade.

Nunca se deve tornar saliente por uma toilette exagerada nem num sentido nem no outro; deve-se saber escolher o que convém ao nosso typo e á nossa idade e usar com arte dos mil recursos que a moda de hoje põe ao nosso dispor, mas não abusar.

De resto, para não sahir da verdadeira elegancia convirá nada exagerar da moda e seguir os conselhos de uma boa modista.

RENDA "FRIVOLITÉ"



Este modelo que damos de renda *frivolité* póde ser executado em linha branca de côr ou em seda. O modelo é feito só com uma *navette* e terminado com ponto de crochet.

OBSESSÃO DO RIDICULO

Os optimistas asseguram nos que todos os caprichos, todas as exquisites acabaram-se com a guerra.

Promettem-nos um novo mundo de gente sensata e despida de todas as frivolidades.

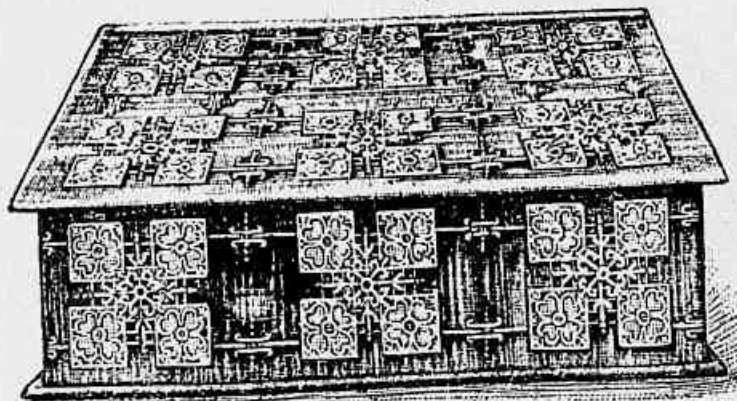
Entretanto, como acreditar nisso, quando um vespertino de Londres, n'este momento, reproduz com toda a seriedade o seguinte paragrapho:

PYJAMAS PRETOS

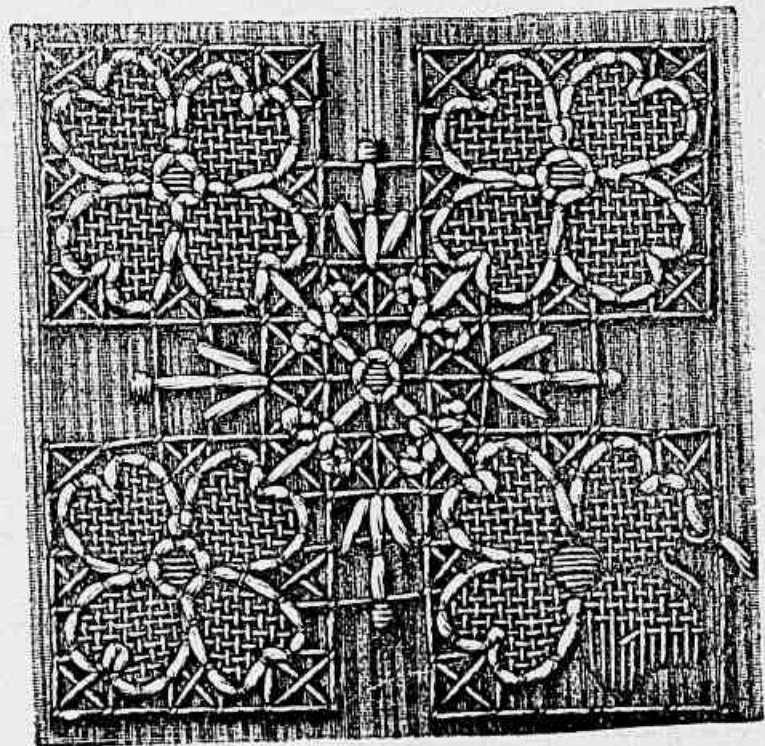
Para se estar na moda deve-se usar um trage de dormir de seda preta. Justamente um dos mais modernos; era extravagante, mas fascinador. Ao convencional pyjama uma mão habil deu um toque chic de Pierrette. Fitas e pennugem de cyne o enfeitavam, assim como grandes flores brancas pintadas á mão na seda.

Um bonnet pontudo com ponpons pretos completa o trage.

CAIXA PARA JOIAS



Forra-se com seda de fantasia uma caixa de madeira e sobre esta for-



mam-se um tecido com linha grossa e sobre este tecem-se umas setas imitando fiavel.



Limpeza dos dentes de tartaruga

Collocam-se n'um pequeno sacco de linho com cinco ou seis punhados de farello. Sacudir algum tempo é sufficiente para limpar o pente.

Conservação das escovas de dentes

Devem ser meticulosamente limpas, e laval-as com agua fervendo, antes e depois de as usar, até que a agua fique inteiramente limpa; depois secal-as rapidamente, ao caôr se pôr possível, conservando-as com os cabellos virados para baixo. Algumas escovas tem os cabellos presos com fio de latão; é necessario muito cuidado com o azinhavre que póde apparecer.

SYPHILIS

Contra as mais graves manifestações

Lyeto Sôro

Tratamento sem dor por injeções

Diz um medico que as pessoas gordas supportam melhor as doenças do que as magras, porque têm maior quantidade de substancia nutritiva armazenada nos seus tecidos, e aguentam

NA VIDA INSTALLE-SE BEM

COMPRE MOVEIS

RED-STAR

Pagamento á vista e em prestações combinadas

R. GONÇALVES DIAS, 71
:: URUGUAYANA, 82 ::

portanto com maior facilidade o desgaste que a doença occasiona. As pessoas gordas têm a seu favor outras cousas ainda. Entre estas, por exemplo, a de serem, em geral, optimistas, com-

Tonico dos nervos, do cerebro
e dos musculos

GOTTAS PHYSIOLOGICAS

Silva Araujo

(Guaraná - Iodo - Kola - Arsenico)

panceiras afaveis e desinteressadas. A sua amisade deve preferir-se sempre á das pessoas de linhas angulosas, porque estas costumam ser de caracter irritavel.



Snr. Francisco de Paula Sobrinho

PIAUHY—Povoado do Morro

Ex.^{mos} Srs.

Viuva Silveira & Filho

RIO DE JANEIRO

Amos. e Snrs.

Sendo-me pedido o attestado de minha cura, declaro que soffri 6 annos de rheumatismo acompanhado de feridas, tendo passado mais de 2 annos de cama. Consultei na Bahia uns 9 medicos e usei muitos remedios sem conseguir resultado. Resolvendo ir para um hospital no Recife, quando encontrei-me com o Cap. Francisco das Chagas Monteiro, que me aconselhou não recolher-me ao hospital e tomar o grande remedio ELIXIR DE NOGUEIRA do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira.

Comprei e usei somente 4 frascos de ELIXIR DE NOGUEIRA, conseguindo curar-me radicalmente com esse maravilhoso remedio; por ser verdade, envio-lhes este attestado acompanhado de meu retrato que poderão fazer o uso que lhes convier.

Povoado do Morro—PIAUHY, 21 de Junho de 1913.

FRANCISCO PAULA SOBRINHO

Testemunhas) Alves Feitosa
) José Andrade da Silva

*Vende-se em todo o Brasil, Republica Argentina —
Uruguay — Paraguay — Bolivia — Perú —
Chile, etc.*

“Sexuol” (Homœo- pathico)

Debilidade geral, esgotamento nervoso, cachexia organica, neurasthenia, fraqueza sexual, inapetencia generica e impotencia precoce.

Preparação opotherapica, baseada nos trabalhos de Brown-Séquard. — Homœopathia em tablettes.

Preço: 10\$000

Pharmacia Homœopatha “INDIANA”

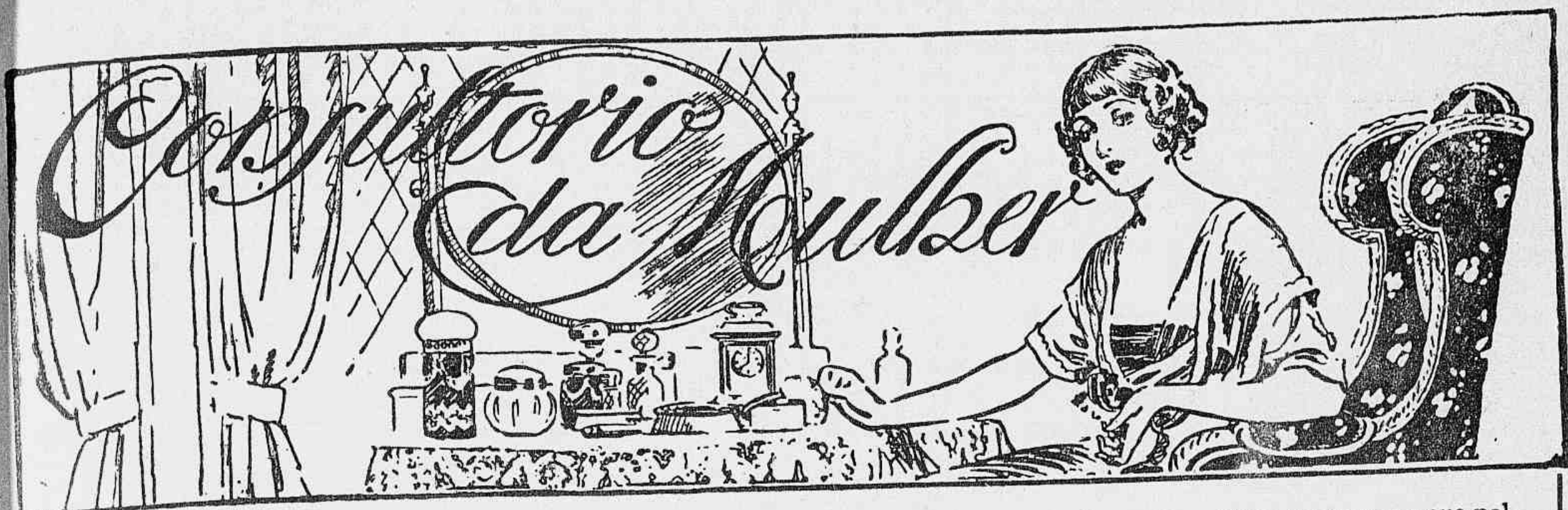
RUA DA QUITANDA N. 17

Pyorrhéa

Clinica especial do Dr. Rufino Motta,
especialista e descobridor do especifico.

CONSULTORIO :

RUA DO THEATRO, 3 — 1.º andar
RIO DE JANEIRO



MARIAN LYRIA — Friccione todas as noites, ao deitar, com *Perfume Selda*.

MADemoiselle BISCUIT — Peça um prospecto de meus preparados na Casa das Fazendas Pretas. A pag. 8 encontra as instruções para o tratamento dos pannos e manchas da pelle. Se prefere que lhe envie o prospecto pelo correio envie-me o seu endereço.

ROXANE — Augmente a dose da *Agoa Oxygenada*, sendo colher e meia para uma colher do *Liquido A*. O calor altera as propriedades activas da *Agoa Oxygenada*. Diga-me o resultado que obteve com esta modificação.

VELHUSCA DE 33 ANOS — Encontra-me sempre em casa das 10 da manhã ds 4 da tarde. Como tencio na visitar-me imagino que será mais proveitoso para si que lhe dê então todas as informações de que precisa para o tratamento de sua pelle. Pode e deve usar diariamente o *Sylkale*. A agoa deve ser tepida.

NENZINHA ROCHA — Posso preparar-lhe uma loção para esse fim. Mas os cabellos continuarão crescendo em sua cor natural. O contrario seria um phenomeno. Porque não vem vêr-me?

ADMIRADORA — Aconselho a fazer diariamente o Tratamento Hygienico da Pelle, como vem descripto nos prospectos. Não ha inconveniente nenhum em applicar a *Loção de Embellezar a Pelle* depois de ter lavado o rosto com agoa salgada. Não vejo inconveniente em que ponha de parte o uso da agoa salgada, dando-se bem com esse regimen. Aquillo que é nocivo a umas cutis é benefico para outras. A experiencia é, nesses casos, a mais segura conselheira. Não precisa de

lavar o rosto para poder applicar a *Loção*. Quanto á lavagem da cabeça com agoa do mar, já não posso falar-lhe do mesmo modo. A acção da agoa do mar sobre o pigmento é um facto verificado. O cabello embranquece muito mais depressa. Entendo que o

BERTINI — Para conservar a sua pelle fresca e perserval-a dos estragos causados pelo excesso de calor, applique diversas vezes ao dia a *Loção Adstringente* e em seguida o *Pó de Arroz Hygienico*. A *Loção Adstringente* evita a dilatação dos poros, tonifica a pelle e conserva-a fresca e clara.

MARIA LEAL — Hoje a sciencia tem um seguro remedio para evitar a formação das rugas. Pode assegurar-se que as rugas não se formam num rosto defendido pela pratica diaria das massagens. Faça, de manhã e á noite, a massagem ao rosto com os dedos ligeiramente untados de *Crème de Massagem*.

CONSTANTE CLIENTE — A dilatação dos vasos sanguineos do nariz revela quasi sempre um máo funcionamento digestivo. Deve evitar a alimentação fortemente azotada. Friccionar o nariz é prejudicial. Deve limitar-se a applicar, diversas vezes ao dia, a *Loção Adstringente*. A applicação de compressas quentes, no seu caso, é nociva. Peço-lhe desculpa da demora com que respondo á sua amavel carta, mas a minha correspondencia semanal é muito maior que o espaço de que disponho aqui para as respostas.

LEAL — Posso destruir as suas verrugas pela electrolyse, sem que deixem qualquer vestigio.

MLLE. VIOLANTE — A guerra desorganisa tudo, e todas as materias primas dos meus preparados são importadas da Europa e muitos delles são manipulados em um laboratorio de Londres.

SELDA POTOCKA



cabello só deve ser lavado com *Shampoo*. Pode perfeitamente tingir apenas as méchas de cabello branco sem precisar de applicar a tintura a todo o cabello. No prospecto de meus preparados, que posso enviar-lhe pelo correio, isso vem claramente explicado.

Os celebres preparados de Mme. Selda Potocka acham-se á venda, no Rio, nas melhores perfumarias e nos grandes estabelecimentos: Casa das Fazendas Pretas, Casa Bazin, Pharmacia Orlando Rangel, Casa a Exposição (Av. Rio Branco, 119), — Ramos Sobrinho & C. (rua do Hospicio, 11). — Camisaria Gaspar (Praça Tiradentes e Rua 7 de Setembro) — Em Petropolis no estabelecimento de Modas de Mme. Pongetti (rua 15 de Novembro, 285). — Em S. Paulo na Casa Lebre e na Casa das Fazendas Pretas (rua de S. Bento, 35-B). — Em Bello Horizonte Narciso & C. (rua da Bahia, 1221). — Em Juiz de Fora Araujo Santos & Carvalho (successores de Cyrino Carvalho & C.) — Em Victoria Cruz Sobrinho & C. — Na Bahia Manso & C. — No Recife A Rosa dos Alpes. — Em Maceió J. Lages. — Em Ouro Preto J. B. Mendes. — No Rio Grande do Sul Palais Royal. — Em Canavieiras L. Guerreiro. — Em S. Luiz do Maranhão A Mariposa e Notre Dame — Em Porto Alegre Casa Queimada. — Em Campos Casa Lamy. — Em Campinas Casa Americana. — Em Fortaleza Xavier Pinto & Irmão. — Em Aracajú (Sergipe) Sizenando Almeida & C. — Em Pelotas — A Torre Eiffel. — Em Ribeirão Preto Valeriano T. dos Reis. — Em Uberaba Ao Motu Continuo. — Em S. José do Rio Pardo A Central. — Em Barbacena A Filial. — Em Ponte Nova (Minas) A Brasileira. — Em S. José do Paraíso Sillos & Irmão. — Em Mandões Loja Jacintho. — Em Mococa J. Moreira Salles. — Em Bagé J. L. Vaz & C. (rua General Osorio). — Em Cachoeira de Itapemirim (Espírito Santo) A Nova Esperança. — Em Parahyba do Norte A Rainha da Moda. — Em Barbacena A' Filial, Souza Marques & C. — Em Curitiba A Carioca. — Em Corumbá (Ladario) Nicola Scaffa. — Em Palmyra (Minas) Pharmacia Central. — No Pará Perfumaria Central. — Em Santos Miguel Guerra.

Depositarios Geraes para todo o Brasil: COSTA PEREIRA & C. — 53, Rua da Quitanda. 55

